

AS FORMAS DE TRATAMENTO E O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA NÃO MATERNA

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	AS FORMAS DE TRATAMENTO E O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA NÃO MATERNA
Autora	Sara Alexandra Pinto Pratas
Orientadora	Doutora Ana Cristina Macário Lopes
Júri	Presidente: Doutora Cristina Santos Pereira Martins Vogais: 1. Doutora Ana Cristina Macário Lopes 2. Doutora Maria Conceição Carapinha Rodrigues
Identificação do Curso	2º Ciclo em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda
Área científica	Língua e Literatura Materna
Especialidade	Linguística Geral e Aplicada
Data da defesa	10-07-2017
Classificação	18 valores



Dedico esta tese às minhas filhas, Matilde e
Maria, para que nunca se esqueçam que
“O Sonho Comanda a Vida”.

“It always seems impossible until it’s done.” (Nelson Mandela)

RESUMO

Abordar as Formas de Tratamento [FT] em Português Europeu Contemporâneo [PEC], implica refletir sobre uma das questões mais complexas da Língua Portuguesa e que, portanto, mais dúvidas coloca a aprendentes de Português como Língua Não Materna [PLNM].

A maior parte destes discentes pretende aprender português pelo prazer e interesse de poderem comunicar. Assim, e, tendo em conta o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* [QECRL] (2001), atribui-se um papel de destaque ao desenvolvimento da competência comunicativa, sem com isto desvalorizar a aquisição de outras que com ela interagem.

Para um aprendente não nativo não basta conhecer as FT em PEC. O desafio não é tanto de natureza léxico-gramatical, mas antes de natureza pragmática. Ele só conseguirá selecionar a FT correta caso considere outros fatores que participam direta e/ou indiretamente no processo comunicativo.

Sensíveis a essa dificuldade, propomos um conjunto de materiais didáticos suscetíveis de desenvolverem a proficiência comunicativa dos aprendentes, de modo a que possam fazer da língua um instrumento de integração.

A aprendizagem de uma língua é sempre mais eficiente quando se aposta no contacto com situações/materiais autênticos, privilegiando-se uma relação equilibrada entre aprendizagem formal que envolva uma vertente metalinguística e aprendizagem baseada em práticas diversificadas de língua, na oralidade e na escrita.

PALAVRAS-CHAVE

Formas de Tratamento (FT), Dêixis, Português Língua Não Materna (PLNM), Didática de Português Língua Não Materna

ABSTRACT

The Forms of Address [FA] in Contemporary European Portuguese [CEP] is one of the most complex issues of the Portuguese Language, and one that raises more doubts, not only to native speakers but even more so to learners of Portuguese as a non-native language.

Most of these learners intend to learn Portuguese for both the pleasure and interest of being able to communicate. Thus, and according to the Common European Framework of Reference for Languages [CEFRL] (2001), a prominent role is attributed to the development of communicative competence, without this devaluing the acquisition of other language competences that work with it.

For a non-native learner, it is not enough to know the FA in CEP. The challenge is not so much of a lexical-grammatical nature, but rather of a pragmatic nature. He will only be able to select the correct FA if he considers other factors that directly and/or indirectly participate in the communicative process.

Aware of this difficulty, we propose a set of didactic materials which aim to develop the communicative proficiency of learners, so that they can make the language an instrument of integration.

The learning of a language is always more efficient when we have reliable resources based on authentic situations / materials, thus ensuring a balanced relationship between formal learning that includes a metalinguistic aspect and learning based on diversified practices of language, orality and writing.

KEYWORDS

Forms of address (FA), Dêixis, Portuguese as a non-native language, Didactic of Portuguese as a non-native language

AGRADECIMENTOS

Consciente de que esta empresa não existiria sem o trabalho, a colaboração e a dedicação de várias pessoas, gostaria de expressar aqui o meu sincero agradecimento a todos aqueles que me apoiaram durante a realização deste trabalho de dissertação.

Em primeiro lugar, um profundo agradecimento à minha orientadora, a Professora Doutora Ana Cristina Macário Lopes, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pela lição exigente e rigorosa, pelos avisados conselhos, pela paciência e solicitude, que incondicionalmente dedicou à realização deste trabalho de mestrado. Agradeço a sua enorme disponibilidade e as sugestões ímpares.

Agradeço também a todas as Professoras que lecionaram as disciplinas de 2.º Ciclo em Português como Língua Estrangeira/Língua Segunda, pelo rigor científico e pela constante disponibilidade e compreensão.

À Doutora Graça Rio-Torto, pelas palavras sábias e de amizade em momentos mais difíceis.

À Doutora Maria Helena Araújo Carreira, pela partilha bibliográfica e simpatia.

À Sílvia Ribeiro, por toda a cumplicidade e paciência.

Aos meus colegas de mestrado, pelas sugestões, desabafos e pelas palavras motivadoras.

À minha família, em especial aos meus Pais, pelos valores que me transmitiram, pelo exemplo de vida que me continuam a dar e, sobretudo, por terem feito da minha felicidade e da minha realização pessoal e profissional o seu objetivo de vida.

Ao Marco, pela confiança, apoio e constante encorajamento. Ainda bem que, nos bastidores, há sempre alguém otimista!

Agradeço ainda a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a conclusão desta dissertação.

A todos vós, **MUITO OBRIGADA!**

ÍNDICE GERAL

LISTA DE ABREVIATURAS	iii
ÍNDICE DE TABELAS	v
ÍNDICE DE GRÁFICOS	v
Introdução.....	1
CAPÍTULO 1. Enquadramento teórico: a dêixis.....	5
1.1. Tipologias da dêixis.....	6
CAPÍTULO 2. As Formas de Tratamento em Português Europeu Contemporâneo.....	9
2.1. Alguns estudos realizados em torno das formas de tratamento.....	10
2.1.1. L. F. Lindley Cintra: Sobre “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa.....	11
2.2. As formas de tratamento: fatores que interferem no processo de seleção.....	14
2.3. As formas de tratamento em PE: mudança social.....	19
2.4. Estudo empírico.....	25
2.4.1. Perfil dos inquiridos.....	25
2.4.2. Análise dos resultados apurados.....	26
CAPÍTULO 3. Propostas de didatização.....	31
3.1. Nível A1.....	39
3.2. Nível A2.....	42
3.3. Nível B1.....	47
3.4. Nível B2.....	54
3.5. Nível C1.....	60
Considerações finais.....	67
Bibliografia.....	69
Anexos.....	75
Anexo I.....	77
Anexo II.....	79
Anexo III.....	99
Anexo IV.....	101
Anexo V.....	107
Anexo VI.....	113
Anexo VII.....	121

LISTA DE ABREVIATURAS

FT – Formas de Tratamento

LA – Língua-Alvo

LE – Língua Estrangeira

PB – Português do Brasil

PE – Português Europeu

PEC – Português Europeu Contemporâneo

PLNM – Português Língua Não Materna

PL2¹ – Português Língua Segunda

QECRL – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

QuaREPE – Quadro de Referências para o Ensino do Português no Estrangeiro

¹ Nesta dissertação, consideramos que uma língua não materna [LNM] é qualquer língua aprendida/adquirida subsequentemente à língua materna [LM] e após os 5 ou 6 anos de idade. Uma língua com estas especificidades pode ser igualmente entendida como uma L2. Assim, neste trabalho, estes conceitos serão usados como equivalentes. Ver Flores (2013) e Leiria (2004).

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Formas de Tratamento Pronominais nas Línguas Românicas (no singular).....	14
Tabela 2 – Perfil dos inquiridos	26
Tabela 3 –Para a aquisição instrucional de uma língua: 10 princípios (Rod Ellis)	31
Tabela 4 – Ficha Informativa: Formas de Tratamento em PE Contemporâneo.....	34

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Resultados dos inquiridos ao primeiro estímulo.....	26
Gráfico 2 – Resultados dos inquiridos ao segundo estímulo	27
Gráfico 3 – Resultados dos inquiridos ao terceiro estímulo	27
Gráfico 4 – Resultados dos inquiridos ao quarto estímulo	28
Gráfico 5 – Resultados dos inquiridos ao quinto estímulo	28
Gráfico 6 – Resultados dos inquiridos ao sexto estímulo	29

Introdução

Gostaria de poder integrar-me, com o presente trabalho, nas fileiras dos que acreditam e procuram provar que a Linguística quer e pode dialogar com as outras Ciências Humanas, quer e pode dar um contributo próprio à construção de um saber sem fronteiras sobre o Homem.

Fernanda I. Fonseca (1992: 17)

A ênfase dada ao fenómeno de mobilidade, aliada a uma visão globalizante e menos estanque dos conceitos educativos e dos processos de ensino que hoje se observam na sociedade, tem atribuído um papel de destaque à aprendizagem de línguas estrangeiras [LE]. A Língua Portuguesa é disso exemplo, registando-se nas últimas décadas um aumento significativo do número de aprendentes.

Ensinar uma LE pressupõe considerarmos, *a priori*, quais os objetivos que pretendemos alcançar, enquanto transmissores de conhecimento, para que os nossos aprendentes possam atingir um bom desempenho linguístico-comunicativo. Pressupõe, ainda, como é referido na citação em epígrafe, contribuir para a “construção de um saber sem fronteiras” através do diálogo da Linguística com outras Ciências Humanas.

Muitas vezes, cruzamo-nos com alunos que procuram aprender Português para fins muito específicos. Contudo, a maior parte dos nossos discentes pretende conhecer a língua portuguesa pelo prazer e interesse de poderem comunicar. Esta é uma característica que acreditamos ser comum a aprendentes de todas as línguas e não apenas do Português. Assim, e tendo em conta o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (Conselho da Europa, 2001), cremos ser razoável atribuir-se um papel de destaque ao desenvolvimento da competência comunicativa, sem com isto subvalorizar a aquisição de outras competências que com ela atuam². No QECRL, as formas de tratamento [FT] são um dos elementos-chave da chamada competência sociolinguística, assim como as regras de cortesia, as expressões de

² «El objetivo principal del aprendizaje de las lenguas es el desarrollo de la competencia comunicativa o capacidade (conocimiento y uso) de interactuar lingüísticamente de forma adecuada en las diferentes situaciones de comunicación, tanto de forma oral como escrita.» (Sonsoles, 2003: 28).

sabedoria popular, os diferentes tipos de registo, os dialetos e os sotaques (QECRL, 2001: 169-172).

Normalmente, só consideramos saber uma LE quando pensamos que somos capazes de comunicar com outras pessoas (nativos ou não) através dela. Ora, isto não só pressupõe termos a capacidade de perceber discursos orais, de formular enunciados corretos do ponto de vista gramatical, mas sermos também capazes de comunicar nessa LE, o que implica possuir conhecimentos que vão para além dos saberes de cariz gramatical e lexical.

Relativamente à aquisição de uma LE, Figueiredo (2010: 172) sublinha que os alunos:

“Acabam por dominar, no geral, a morfologia e a sintaxe nas suas formulações mais clássicas e normativas, mas têm um fraco desempenho em mobilizar a língua em função das suas condições de emprego. Vão sabendo como é que funciona a língua, mas sabem muito pouco como é que a devem fazer funcionar nas situações concretas de usos; têm uma imagem representativa da língua estrangeira, mas não a aliam à sua função comunicativa; armazenam saberes, mas têm dificuldade em processar informações novas e originais a partir dos saberes interiorizados; sabem significados de palavras, mas têm dificuldade em estabelecer entre eles novas relações de sentidos; sabem como funciona a gramática na língua, mas não sabem como funciona a língua nos discursos (...)”.

No ensino de Português Língua Segunda [PL2], as FT são tidas como um tópico bastante complexo (e, para nós, extremamente interessante), pelo que merecem uma atenção particular. Isabel Duarte chega mesmo a considerar que “As formas de tratamento são, em português, um item de reconhecida dificuldade, não só no que concerne à sua tradução para outras línguas, mas também no que diz respeito ao ensino da língua, quer enquanto língua estrangeira quer enquanto língua materna.” (Duarte, 2010: 133).

Sabemos que, de um modo geral, em todas as línguas a variedade de FT é relativamente grande. No entanto, o caso do Português Europeu [PE] assume contornos particulares, distinguindo-se das outras línguas ocidentais pelo complexo sistema de FT. São vários os motivos que justificam essa complexidade, nomeadamente o facto de a escolha de uma FT em PE se encontrar ancorada a um conjunto de critérios de natureza sociológica/profissional, familiar e de idade.

Desta forma, pretendemos com este trabalho sublinhar a importância da Pragmática³ nas aulas de PL2. Efetivamente, e atendendo ao facto de o ensino/aprendizagem de uma Língua

³ «[...] la pragmatique s’occupe de tous les aspects pertinents pour l’interprétation complète des énoncés en contexte, qu’ils soient liés ou non au code linguistique.» (Moeschler, J. e Reboul, A., 1994: 29).

Segunda [L2] ser um processo cujo objetivo principal é a produção eficiente de competências discursivas, a utilização correta das FT é primordial para o discente perceber o funcionamento da comunidade da língua-alvo [LA].

A importância exponencial que atribuímos ao desenvolvimento da competência discursiva levou-nos à elaboração de propostas didáticas. Para tal, recorreremos a documentos reais, em detrimento de materiais simplistas, artificiais, despojados (muitas vezes) de obstáculos, pois não será com essa realidade comunicativa que o aprendente se irá deparar em contextos de imersão.

Pelo exposto, a presente dissertação, elaborada no âmbito do Curso de 2.º Ciclo em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, resulta de uma reflexão acerca das FT em Português Europeu Contemporâneo [PEC].

A escolha do tema prendeu-se com os conteúdos programáticos da disciplina de Usos da Língua Portuguesa I, por um lado, e com motivos pessoais, por outro, pois temos verificado que o uso correto das FT em PEC causa sérias dificuldades aos aprendentes desta LE.

Deste modo, procuraremos com este trabalho apresentar um conjunto de reflexões realizadas em torno da questão das FT usadas em PEC e verificar até que ponto podemos considerar que estamos num momento de viragem relativamente a esta temática.

Após o introito deste nosso trabalho, onde apresentamos os objetivos do mesmo, partiremos, no primeiro capítulo, para um breve enquadramento teórico, onde faremos uma reflexão sobre o conceito de *dêixis*, dando especial destaque à *dêixis* social.

No capítulo seguinte, analisaremos algumas das FT em PEC e a problemática que esta temática apresenta, por exemplo, para os nossos aprendentes de PL2. A este propósito, consideraremos alguns dos estudos mais aprofundados sobre esta matéria, nomeadamente os estudos de Cintra (1972). Ainda neste segundo capítulo, examinaremos alguns dos fatores que condicionam a seleção das FT em PE, ao mesmo tempo que procuraremos refletir sobre as alterações que se têm registado ao longo dos tempos relativamente a essas FT. Encerraremos este capítulo com a apresentação dos dados obtidos através do inquérito realizado. No terceiro capítulo, e final, procuraremos capitalizar o trabalho desenvolvido, apresentando algumas propostas de didatização.

A dissertação apresenta também um item final, onde apresentaremos as nossas conclusões, procurando-se, dessa forma, coligir os tópicos principais apresentados ao longo deste texto, fazendo-se ao mesmo tempo algumas considerações finais.

Para além da bibliografia, a dissertação inclui ainda uma secção de anexos.

Enquadramento teórico: a dêixis

A pragmática (...) tem uma perspectiva particular sobre o estudo da língua: no centro das suas preocupações não está a língua como estrutura formal, mas sim a língua enquanto “usada” pelos falantes em “contextos” de comunicação.

José Pinto de Lima (2006: 85)

Etimologicamente, dêixis é um nome deverbal de origem grega que significa “mostrar”, “indicar”. A raiz dik-/deik está na base do verbo latino *dicere* (dizer).

Do ponto de vista metalinguístico, o termo *dêixis* foi utilizado pela primeira vez na Antiguidade, através dos gramáticos gregos. Contudo, só mais tarde é que este conceito viria a ganhar o destaque linguístico que hoje se lhe conhece.

Esta palavra relaciona-se, então, com o ato de apontar. O ato de apontar evidencia a indissociação entre fazer e dizer algo que, num sentido mais amplo, é posta em relevo pela Pragmática. Para além disso, a dêixis mostra a forma como está gramaticalizada a inseparabilidade entre o contexto e a linguagem (Fonseca, 1996: 437).

A este propósito, Lyons afirma que "há muita coisa na estrutura das línguas que só pode ser explicada se assumirmos que elas se constituíram para a comunicação em situações de interacção face a face." (1977: 637).

Trata-se, portanto, de um processo linguístico que revela a relação existente entre o emissor e o contexto onde o ato comunicativo ocorre. Deste modo, é a partir do *Eu* (locutor) que se referencia o espaço (*Aqui*) e o tempo (*Agora*) que presidem ao ato de enunciação.

Ao pronunciar a palavra “Eu”, o sujeito postula automaticamente um “Tu”, uma instância de alteridade à qual se dirige a mensagem, e *Eu* e *Tu* estão localizados num determinado espaço e tempo.

Há diferentes categorias no âmbito da Dêixis, nomeadamente a dêixis pessoal, a dêixis espacial, a dêixis temporal e a dêixis social.

1.1. Tipologias da dêixis

Quando ensinamos uma língua, importa considerar não apenas a competência linguística, mas também a competência comunicativa. A aprendizagem dessa língua tornar-se-ia incompleta caso fomentássemos apenas a aprendizagem de conteúdos linguísticos sem dominarmos as regras que norteiam a interação quotidiana. Deste modo, acreditamos ser crucial orientar os alunos de PL2 no sentido de assimilarem as regras sociocomunicativas que lhes permitam perceber e produzir enunciados orais e escritos (mensagens). É essencial conhecer as coordenadas do ato comunicativo. Só assim um aprendente poderá adequar o seu discurso ao contexto, de acordo com os intervenientes.

Importa, então, fazer uma breve reflexão sobre a dêixis, pois ela vai abarcar todas as expressões linguísticas que apontam para as principais coordenadas do contexto situacional (*quem fala, com quem, onde e quando*).

A dêixis centrada nos intervenientes, no espaço ou no tempo da enunciação denomina-se dêixis pessoal, dêixis espacial (ou locativa) e dêixis temporal, respetivamente.

A dêixis pessoal está presente em todas as outras formas de dêixis, pois todas elas pressupõem uma referenciação aos participantes num determinado ato comunicativo.

Considerando a definição proposta por Lima (2006:87), a dêixis pessoal caracteriza-se, sobretudo, pelos elementos que identificam o emissor (*Eu*) e o recetor/destinatário (*Tu*). *Ele/Ela* referenciam aquilo de que se fala. Relativamente ao pronome de 1.^a pessoa do plural (*Nós*), este não pode ser considerado como o plural de *Eu*, que é sempre uma instância única e singular. *Nós* refere o emissor e mais uma ou várias pessoas. Relativamente a *Você/Vocês*, podemos considerar, partindo de uma visão pragmática de 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoa (quem fala, a quem se fala, de quem se fala), que são 2.^{as} pessoas (do singular e do plural, respetivamente). Deste ponto de vista, a forma verbal, ao concordar com o sujeito, marca uma 2.^a pessoa (*você bebe muito café; vocês bebem muito café*). Caso o sujeito fosse uma verdadeira 3.^a pessoa, o verbo marcaria essa 3.^a pessoa (*ele/ela bebe muito café; eles/elas bebem muito café*). Assim, as formas *bebe* e *bebem* admitem duas leituras, consoante ocorram com *você/vocês* ou com *ele(s)/ela(s)*.

Em suma, a dêixis pessoal será a codificação linguística dos papéis dos interlocutores. Como veremos ainda neste capítulo, a ligação entre dêixis pessoal e social é bastante significativa, pois a dêixis social engloba a dêixis pessoal, transcendendo-a. A dêixis pessoal envolve, então, os signos deícticos que apontam para o estatuto de participante num ato comunicativo. Os pronomes pessoais *Eu* e *Tu* conferem a condição de participante e *Ele/Ela* a de não-

participante. Partindo desta relação, Benveniste (1979:242) opõe as categorias de pessoa (Eu-Tu) e não-pessoa (Ele/Ela).

Para além dos pronomes pessoais, importa também referir o papel dos possessivos, da flexão verbal e do vocativo. Falar de dêixis pessoal pressupõe igualmente referir certas formas de referência aos intervenientes do ato de enunciação como, por exemplo, as FT (*O senhor, O senhor engenheiro, Você, etc.*). Fillmore (1971:294) englobou estas formas, que apontam para a relação hierárquica que se cria entre os participantes de um ato de enunciação, no que designou de dêixis social⁴.

A dêixis social aponta, então, para os elementos linguísticos que revelam o tipo de relação social entre o locutor e o alocutário. Torna-se, portanto, crucial dominar a utilização das estruturas linguísticas da dêixis social, pelo que importa: (i) conhecer a comunidade em questão e como está socialmente organizada, (ii) estar consciente dos códigos e costumes culturais e (iii) ter conhecimento das convenções de comportamento social que norteiam os atos de fala.

A dêixis social tem por base a utilização de expressões (por exemplo, as FT) que determinam distinções sociais consoante os papéis desempenhados por cada um dos sujeitos que participam no ato discursivo.

Ela engloba “os aspectos da estrutura das línguas que marcam gramaticalmente as identidades sociais dos participantes, as relações sociais que entre eles se estabelecem, ou entre eles e outras entidades referidas na conversação, como, por exemplo, os pronomes, as formas de tratamento, etc.” (*in* Dicionário Terminológico).

A dêixis social, como referimos, tem uma relação muito próxima com a dêixis pessoal, pois ela também envolve a referência aos participantes do ato comunicativo, mas através de elementos discursivos que espelham uma maior ou menor distância, uma maior ou menor intimidade entre os interlocutores. Há, portanto, uma informação sobre as relações sociais dos participantes que não ocorre na dêixis pessoal. A tríade *tu/você/o(a) senhor(a)* é disso exemplo. Assim, e de acordo com Carreira (2004:38), situando o alocutário, o locutor situa-se a si próprio na rede social. A dêixis social aponta, então, para os elementos linguísticos que codificam a identidade dos intervenientes no ato discursivo e/ou a relação social existente entre esses participantes.

⁴ De acordo com Fillmore, a dêixis social considera “that aspect of the sentences which reflect or establish or are determined by certain realities of the social situation in which the speech act occurs.” (Fillmore *apud* Levinson, 1983: 89).

Assim, Levinson considera que:

“(…) social deixis concerns the encoding of social distinctions that are relative to participant-roles, particular aspects of the social relationship holding between speaker and addressee(s) or speaker and some referent.” (Levinson, 1983: 63)

Relativamente à *dêixis* espacial (ou locativa), ela marca a localização no espaço, a partir do local de enunciação. Os demonstrativos, os advérbios de lugar e ainda alguns lexemas (verbos de movimento, por exemplo, como *ir, vir, trazer, levar*) que incluem um sema de direção relativamente ao *Aqui* são *dêiticos* espaciais. Estes gramaticalizam a ideia de maior ou menor proximidade relativamente ao lugar onde o locutor e o alocutário se encontram.

Por sua vez, a *dêixis* temporal identifica períodos temporais tendo em conta o momento do ato comunicativo. As formas verbais flexionadas assinalam as categorias de pessoa e de tempo. Enquanto categoria *dêítica*, o tempo adota como ponto de referência o momento da enunciação. A *dêixis* temporal marca a localização temporal a partir do momento de enunciação (*Agora*). A noção de passado, presente e futuro não é absoluta, depende sempre do momento da enunciação.

Pelo exposto, cremos ter justificado o facto de não nos podermos escusar a estudar as FT em PE sem problematizarmos o conceito de *dêixis*.

2

As Formas de Tratamento em Português Europeu Contemporâneo

Les termes d'adresse jouent un rôle important dans le fonctionnement des interactions, dans la mesure surtout où ils constituent la première ressource dont disposent les locuteurs pour marquer et construire la relation interpersonnelle (...).

Catherine Kerbrat-Orecchioni (2008: 391)

O homem, como agente social que é, tem necessidade de interagir com o outro, de criar laços. Independentemente da sua língua e/ou da sua cultura, são várias as estratégias que um locutor tem ao seu dispor para se dirigir ao seu alocutário. Como resultado desse processo comunicativo, criam-se indubitavelmente relações (de maior ou menor proximidade) entre os diferentes atores sociais, de acordo com as características sociais e culturais de cada um desses agentes.

Tal como é defendido por vários autores, nomeadamente por Levinson (1983: 89-94), é legítimo considerarmos que, muitas vezes, a natureza dessas relações é esclarecida a partir das FT escolhidas.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1992: 15), quando falamos de FT estamos a considerar todo um conjunto de expressões linguísticas que o locutor tem à sua disposição para designar o(s) seu(s) alocutário(s).

A escolha de uma determinada FT encontra-se ancorada em diferentes e variados fatores, tais como o *setting* discursivo e a natureza da relação interpessoal entre os interlocutores⁵.

Por vezes, quando falamos com uma pessoa, somos surpreendidos por uma sensação de incerteza e de insegurança, o que é facilmente compreensível tendo em conta que as FT selecionadas estão bastante ligadas a questões de cortesia. Consideramos, portanto, legítimo, quando precisamos de falar, por exemplo, com uma pessoa mais velha, um superior

⁵ “The kind of influence that one character had over another is what determined the choice of pronouns of address.” (Thomé-Williams, 2004: 86).

hierárquico ou um transeunte a quem pedimos uma informação, ficarmos inseguros relativamente à escolha da FT mais adequada. De facto, é difícil sabermos (sobretudo na esfera da oralidade) que grau de formalidade (ou informalidade) usar, pois é pouco provável sabermos atempadamente qual será a reação do nosso alocutário.

2.1. Alguns estudos realizados em torno das formas de tratamento

A obra *The Pronouns of power and solidarity* (Brown e Gilman, 1960) é vista como a obra pioneira do estudo das FT.

Na opinião dos autores, duas dimensões dividem a vida social: *poder* e *solidariedade* e, deste modo, a escolha das FT relaciona-se com a combinação destas duas dimensões. Para eles, o *poder*, dimensão predominante no passado nas relações sociais, foi sendo paulatinamente substituído por um novo princípio: *a solidariedade*. Segundo estes estudiosos, esta separação pressupõe que a escolha de uma FT esteja condicionada pela relação afetiva e social entre os interlocutores e que as FT pelas quais optamos acabem por indicar a natureza do estatuto social dos participantes (*class status*). Assim, *poder* configura as relações de assimetria, ou seja, quando os atores sociais expressam uma relação de superioridade ou inferioridade⁶. Por outro lado, *solidariedade* configura as relações de simetria, de igualdade entre os interlocutores⁷.

Para Brown e Gilman, o facto de a sociedade ser cada vez mais uma sociedade aberta, pluricultural, em que a ideia de igualdade e de justiça ganha cada vez mais notoriedade e dimensão, justifica o aumento da reciprocidade, contra as relações não-recíprocas do poder. Esta obra terá sido o elemento catalisador que impulsionou a realização de vários estudos sobre as FT usadas em Português, destacando-se nomes como os de Hammermüller⁸,

⁶ “One person may be said to have power over another in the degree that he is able to control the behavior of the other. Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal; the superior says T and receives V.” (Brown e Gilman, 1960: 255).

⁷ “Solidarity is defined loosely as “symmetric relationships”, emphasizing comradeship or equal rank/status. Affective facts are also included (trust, intimacy, solidarity) as are situational (informality).” (Medeiros, 2009: 417).

⁸ Ver Hammermüller (1993).

Medeiros⁹ e Cintra¹⁰. Tomaremos como referência para este trabalho, pela análise diacrónica e pela descrição minuciosa que oferece das FT, a obra de Luís F. Lindley Cintra (1972), estudo precursor em Portugal das FT.

2.1.1. L. F. Lindley Cintra: Sobre “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa

Luís Filipe Lindley Cintra é uma das figuras mais eminentes da linguística portuguesa, tendo-se notabilizado em diversas áreas. Desde cedo, foi notório o seu incessante interesse pelo avanço da ciência e da própria sociedade, pelo que não surpreende que muitos o vejam como um *representative man* da cultura portuguesa do século XX.

Autor de uma vasta bibliografia, destacamos, pela temática em estudo, a obra *Sobre “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa*.

Apesar de ter sido escrita em 1972, esta continua a ser uma obra de referência no escalpelamento das FT em PE. Trata-se de uma obra onde o autor procura reunir alguns dos artigos que publicou sobre usos e FT em Portugal. Organizada em três capítulos, assume especial importância e interesse para o nosso estudo o 1.º capítulo: *Origens do sistema de formas de tratamento do português atual*¹¹. Nesta primeira parte, o autor realiza um estudo diacrónico sobre a transformação gradual e progressiva das FT em PE do ponto de vista sociocultural. De acordo com Cintra, o sistema português, ao nível das FT de que dispõe, é tão complexo como original. Para o autor, a Língua Portuguesa é dona de uma “escala riquíssima” de FT (sobretudo no plano da cortesia) em virtude da “sociedade fortemente hierarquizada” e de “um certo gosto na própria hierarquização e na matização estilística” (Cintra, 1986: 15). Cintra apresenta, então, as FT usadas na época, restringindo o seu estudo às camadas letradas ou cultas das grandes cidades portuguesas.

O autor observou ainda aquelas que seriam, a partir da segunda metade do século XX, as principais evoluções, as tendências mais significativas do sistema das FT em Portugal:

- (i) desaparecimento gradual do tratamento por *V.Ex.^a* (sobretudo no registo oral);

⁹ De acordo com Medeiros (1985: 244 *apud* Carreira, 2001: 56), a proposta desses dois autores apresenta algumas limitações no caso das FT em PE. O número ilimitado de opções de que o PE dispõe vai muito para além do binómio *T/V* (do Latim *Tu* e *Vos*) apresentado por Brown e Gilman.

¹⁰ Ver Cintra, L. F. L. (1986). *Sobre «Formas de Tratamento» na Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

¹¹ Texto publicado pela primeira vez na revista *Brotéria* (Lisboa), LXXXIV, n.º 1, 1967.

- (ii) ampliação progressiva do emprego do pronome *Tu* e da 2.^a pessoa do singular dos verbos (independentemente da faixa etária dos interlocutores);
- (iii) aumento cada vez mais significativo do pronome *Você* (sem qualquer tipo de associação despectiva). Em determinadas situações, e no momento em que se assistia a uma expansão do emprego do pronome *Tu*, *Você* passava a ser mais utilizado como tratamento afetuoso, mais íntimo do que *Tu*;
- (iv) solidez na manutenção e utilização de tratamentos nominais, se bem que se notasse uma tendência para se eliminar diferenças de tratamento baseadas numa distinção meramente social. Por exemplo, começava-se a suprimir, no tratamento de pessoas do sexo feminino, a diferença entre *A senhora Rosa* (condição social inferior) e *a Senhora Dona Rosa* (condição social superior).

De facto, hodiernamente, essa distinção já não se coloca.

Restringindo o seu estudo ao sistema de formas-sujeito usadas em PE, Cintra propõe dividir as FT, do ponto de vista morfossintático, em três categorias:

- (i) os tratamentos pronominais (“*Tu*”, “*Você*”, “*Vocês*”, “*Vossa Excelência*”, etc.);
- (ii) os tratamentos nominais, que sublinham uma particularidade do PE pela alta frequência com que são usados (do género “*A Senhora*”, “*O Senhor Doutor*”, “*O Senhor Gomes*”, “*O Senhor Engenheiro*”, “*O pai*”, “*O António*”, “*O meu amigo*”, “*O menino*”, etc.);
- (iii) os tratamentos verbais, que consistem no uso da flexão do verbo como referência ao interlocutor (“*Vem?*”, “*Vêm?*”, “*Vens?*”)¹².

Analisando cada uma destas categorias, consideramos que com o tratamento pronominal e verbal há uma tendência exponencial para a abstração, uma vez que estas FT em nada contribuem para a caracterização do interlocutor¹³. Os pronomes e as desinências limitam-se a funcionar como unidades puramente gramaticais. Contrariamente a estas duas categorias, o

¹² "Le pronom sujet pouvant être omis en portugais, c'est alors le morphème verbal de nom et de personne qui joue le rôle de forme d'adresse." (Carreira, 2002: 176).

¹³ O facto de o autor incluir os tratamentos corteses (*V. Ex.^{ça}*) no grupo de tratamentos pronominais pode levantar, na nossa perspetiva, algumas reservas (1986: 13). Consideramos, à semelhança do que é advogado por Lešková (2012: 14), que estas formas corteses não são FT estéreis, pois acabam por indicar o *status* do actante. Não será, pois, de ignorar o facto de outros linguistas incluírem estas FT no grupo dos tratamentos nominais.

tratamento nominal é caracterizador, na medida em que encerra quase sempre informações sobre a identidade do interlocutor, como o sexo (*o/a senhor(a)*¹⁴), o nome próprio (*Rita, António*) ou o apelido (*Gomes, Sousa*), a relação de parentesco entre o locutor e o alocutário (*pai, prima*, etc.) ou outro tipo de relacionamento social, profissional ou afetivo (*amigo, colega*, etc.), dados sobre o estatuto social do alocutário, como a profissão (*Professor, Engenheiro*, etc.), o cargo que ocupa (*Senhor Diretor, Senhor Primeiro-ministro*, etc.), entre outros. Apesar de o tratamento nominal não ser uma idiossincrasia do PE, a sua utilização noutras línguas é bastante escassa e ocasional.

Relativamente às FT pronominais, e à semelhança das outras línguas românicas, estas remontam ao latim tardio (*tu/vos* (singular) e *vos* (plural)). Atualmente, encontramos o mesmo sistema, por exemplo, na língua francesa (*tu/vous* vs. *vous*).

Em PEC, no singular, e contrariamente, por exemplo, ao francês (*tu/vous*), ao espanhol (*tú/usted*), ao italiano (*tu/lei*¹⁵) e ao inglês (*you*), deparamo-nos com um sistema ternário (*tu/você/o(a) senhor(a)*), tal como em romeno (*tu, dumneata, dumneavoastră*) (cf. Tabela 1). Ao analisarmos as FT pronominais em PEC e em romeno, encontramos algumas afinidades que as distanciam das outras línguas românicas. Efetivamente, e partindo do quadro exposto, a gradação que caracteriza no singular as formas pronominais em PEC encontra paralelo no romeno.

Contudo, em PEC, a forma pronominal *Você* combina-se com a 2.^a pessoa formal do singular e *dumneata* com a 2.^a pessoa informal do singular¹⁶.

¹⁴ Cintra (1986) e Carreira (2007) consideram *o senhor/a senhora* como sendo a forma nominal mais pronominalizada. Celso Cunha e Lindley Cintra (2013: 370) incluem-na nos “pronomes de tratamento” e Medeiros (1985: 41 *apud* Gyulai, 2011: 26) denomina-a de “pro-pronouns”. Verificamos, portanto, uma certa dificuldade em classificar morfologicamente esta FT, o que reitera a complexidade deste item. A este propósito, Carreira (2007: 17) refere que a evolução fonética de *O senhor* no registo oral brasileiro (siô) atesta o hibridismo desta FT.

¹⁵ Carreira (2007: 15) salienta que em italiano ainda encontramos resquícios de um sistema triádico no singular (*tu/voi/lei*).

¹⁶ Ver Reinheimer Rîpeanu, Sanda e Tasmowski, Liliane (2005). De acordo com os autores, o pronome romeno *dumneata* corresponde ao pronome *Você* em PE.

Singular		
Espanhol	{ <i>tú, usted</i> }	Sistemas diádicos
Italiano	{ <i>tu, lei</i> }	
Francês	{ <i>tu, vous</i> }	
Português	{ <i>tu, você, o(a) senhor(a)</i> }	Sistemas triádicos
Romeno	{ <i>tu, dumneata, dumneavoastră</i> }	

Tabela 1 – Formas de Tratamento Pronominais nas Línguas Românicas (no singular)

Partindo do exposto, e em particular da tríade *tu/você/o(a) senhor(a)*, Cintra propõe a divisão das FT segundo uma perspectiva semântico-pragmática. De acordo com o autor, o que distingue o PE das outras línguas latinas, no que diz respeito às FT, é a divisão em três planos: (i) as formas próprias de intimidade (*Tu*), (ii) as formas usadas no relacionamento entre iguais (ou de superior para inferior) e que não implicam proximidade (*Você*), (iii) e as formas “de reverência”, “de cortesia”, que se encontram divididas por diversos níveis, de acordo com a intimidade ou a distância entre os interlocutores (*V. Ex.^a, O senhor, O senhor Doutor, O António, A Ana, O Sr. António, A Sr.^a Ana, A Dona Ana*, etc.).

As formas de reverência ou de cortesia do sistema português englobam, então, uma gradação que vai do mais ao menos respeitador.

2.2. As formas de tratamento: fatores que interferem no processo de seleção.

Sem necessidade de as enumerarmos exaustivamente (tarefa indubitavelmente hercúlea), sabemos que as FT podem ser corteses e descorteses. Considerando apenas as primeiras, estas são expressões linguísticas que favorecem a criação de laços, de relações interpessoais harmoniosas, fomentando o equilíbrio ao longo de uma conversa. Assim, podemos considerar que a função principal dos tratamentos corteses é de natureza relacional.

Do ponto de vista linguístico, as FT são palavras ou expressões linguísticas que os falantes utilizam quando interagem diretamente com outros. Visam regular, de forma eficaz, as posturas do locutor e do interlocutor (Cintra, 1986). Na sua base encontramos razões de cariz sociocomunicativo e razões de estruturação social, relacionadas com as estratégias de cortesia vigentes numa dada sociedade. As FT são aceites pela sociedade e acabam por evoluir com ela, espelhando o próprio desenvolvimento de uma comunidade linguístico-cultural. Revelam

a organização das suas instituições (educação, religião, família, etc.), bem como fatores específicos reguladores do uso da língua no interior dessa comunidade, como a faixa etária, a profissão, a classe social/*status* dos participantes.

As FT são, então, uma peça essencial no estudo e na análise cultural e linguística de uma determinada língua. Elas refletem a forma como os falantes utilizam a língua em função de determinadas práticas e/ou rituais de natureza social.

Por outro lado, e no plano da cortesia positiva¹⁷, as FT visam destacar a imagem/face do interlocutor e demonstrar a concordância do emissor relativamente às convenções de natureza social que regulam a utilização de determinadas palavras. O desrespeito por estas regras de cariz eminentemente social poderá provocar situações constrangedoras, problemas na interação com o outro e até mesmo ofendê-lo, podendo passar a ideia de uma atitude desrespeitosa e ofensiva. Assim, dominar a dinâmica discursiva das FT é saber criar uma relação correta com o outro. Saber como tratar o nosso interlocutor pode determinar o sucesso ou o fracasso da comunicação.

No caso particular do PE, as FT denunciam uma acentuada estratificação social. Desse ponto de vista, trata-se de uma área bastante complexa, levantando inúmeras dúvidas.

Fryer (1961) identifica essa complexidade ao afirmar:

"A primeira coisa que se deseja fazer com uma língua é falar com as pessoas. Mas, em Portugal, uma pessoa está sujeita a ser interpelada de quatro, ou mesmo de cinco modos diferentes e a cada um desses modos está associado um grau diverso de intimidade ou de respeito, cada um deles fixa firmemente o tipo de relação entre a pessoa interpelada e a pessoa que se lhe dirige."¹⁸

De acordo, por exemplo, com os objetivos da interação, os contextos discursivos, as hierarquias profissionais, os sujeitos que participam no ato comunicativo fazem as suas escolhas e utilizam estratégias ora de distanciamento e de deferência, ora de informalidade. Quando os interlocutores identificam a distância social, automaticamente optam por um determinado conjunto de estratégias discursivas, e também gestuais. Se o ato discursivo implicar uma maior familiaridade, os intervenientes farão uso de estratégias que carregam marcas de maior informalidade e de aproximação. Essa opção vai acabar por deixar traços,

¹⁷ Ver Brown e Levinson ("Positive politeness is redress directed to the addressee's positive face, his perennial desire that his wants (or the actions/acquisitions/values resulting from them) should be thought of as desirable." (1987: 101)).

¹⁸ Fryer, P. e Pinheiro. *Oldest Ally*. Londres, 1961: 230, *apud* Cintra (1986: 9).

por exemplo, no uso de pronomes pessoais e possessivos, na escolha das formas nominais de tratamento e na flexão verbal. Podemos, então, considerar que o acervo linguístico pelo qual optamos está indubitavelmente condicionado pela relação social que estabelecemos com o(s) nosso(s) interlocutor(es) e também pelo contexto social da interação.

Depois de avaliar o contexto comunicativo, que inclui a relação social entre os participantes, o locutor deve possuir um rico e diversificado acervo léxico-gramatical que lhe permita optar, de forma mais consciente e segura, pela FT apropriada.

Este tema é de tal modo complexo e enigmático que transporta consigo dificuldades não apenas para os aprendentes de PL2, mas até mesmo para os aprendentes nativos. Tendo em conta estes últimos, as dificuldades tendem a aumentar naqueles grupos de falantes nativos que não falam em contexto familiar a variedade padrão.

Ainda relativamente à complexidade deste processo (ela é, aliás, um dos vetores que melhor justificam o nosso interesse e motivação por este estudo), e comparando-se, por exemplo, o atual sistema de FT em PE e em língua inglesa, não deixa de ser sintomático a ocorrência frequente de problemas de tradução, dado que nem sempre encontramos uma correspondência direta entre as FT dessas duas línguas.

Considerando, precisamente, o sistema inglês, e comparando-o com o das línguas românicas em geral, este revela a esse nível uma relativa simplicidade. Efetivamente, na variedade do inglês padrão, o pronome pessoal “you” designa o alocutário (singular e plural), independentemente da relação de familiaridade ou de deferência entre os interlocutores.

Contrariamente à língua inglesa, e como já referimos, em PE deparamo-nos com uma complexidade maior, quer em relação às restantes línguas românicas quer ao Português do Brasil [PB].

Partindo do quadro traçado, não deixa de ser sintomático a quantidade de FT de que dispomos em PE, sobretudo quando o nosso alocutário é do sexo feminino (cf. (1)).

(1)

- | | |
|---|---|
| (a) <i>(Ó) Adelaide</i> , estás doente? | (g) <i>A Dona Adelaide</i> está doente? |
| (b) <i>Tu</i> estás doente? | (h) <i>Senhora Adelaide</i> , está doente? |
| (c) <i>Você</i> está doente? | (i) <i>A Senhora Adelaide</i> está doente? |
| (d) <i>(Ó) Adelaide</i> , está doente? | (j) <i>A Senhora Dona Adelaide</i> está doente? |
| (e) <i>A Adelaide</i> está doente? | (k) <i>A Doutora Adelaide</i> está doente? |
| (f) <i>Dona Adelaide</i> , está doente? | (l) \emptyset Está doente? |

Conquanto todos os enunciados tenham um denominador comum (a pergunta sobre a eventual doença), a forma como essa informação é apresentada é notoriamente diferente. Essa diferença recai sobretudo na escolha de várias FT, diferença essa que decorrerá da existência de contextos de maior ou menor formalidade entre os participantes (profissão, estatuto social, idade, etc.)¹⁹. Serão esses contextos que irão justificar a escolha entre, por exemplo, as formas pronominais *Tu* (cf.(1b)) e *Você* (cf.(1c)) ou entre as formas nominais *A Senhora Adelaide* (cf.(1i)) e *A Adelaide* (cf.(1e)).

Pelo exposto, e de acordo com Duarte (2011:86-87), ao contactarem com as FT, os aprendentes de PE deparam-se com três tipos de dificuldades, a saber²⁰:

- (i) as formas nominais de tratamento são muito complexas em PE, visto elas variarem, por exemplo, de acordo com a relação social existente entre os diferentes interlocutores (cf. (1e), (1i), (1j));
- (ii) quando o emissor, para sinalizar deferência, se dirige ao alocutário, quer com uma forma nominal (cf. (1j)) ou não (cf. (1c) e (1l)), como sujeito de um verbo na 3.^a pessoa do singular, e não na 2.^a pessoa do plural, como em francês.
- (iii) a 3.^a pessoa gramatical é a forma mais usual de tratamento em PE, em detrimento do *Tu*, mais usado em espanhol, por exemplo.

Um exemplo claro que atesta a complexidade em encontrar a forma correta de tratamento que siga as convenções linguísticas socialmente impostas ocorre na obra “O Ano da Morte de Ricardo Reis” de José Saramago:

“Hesitou muito Ricardo Reis sobre o vocativo que deveria empregar [...]. Claro que Ricardo Reis não admitiu, sequer, a hipótese de tratar Marcenda por *excelentíssima senhora dona*, ou *prezada senhora*, a tanto não lhe chegaram os escrúpulos de etiqueta, mas, tendo eliminado esta fácil impessoalidade, achou-se sem léxico que não fosse perigosamente familiar, íntimo, *minha querida Marcenda*, porquê sua, porquê querida, é certo que também poderia escrever *menina Marcenda* ou *cara Marcenda*, e tentou-o, mas *menina* pareceu-lhe ridículo, *cara* ainda mais, depois de algumas folhas rasgadas achou-se com o simples nome [...].” (*apud* Duarte, 2011: 91).

¹⁹ Ver Carreira (“La symétrie (la réciprocité) ou l’asymétrie (la non réciprocité) des formes choisies par les interlocuteurs, en ce qui concerne le degré de déférence que chacun accorde à l’autre, dépend, en portugais, de facteurs hiérarchiques. Il faut souligner l’importance que jouent les facteurs sociaux et professionnels qui se superposent à l’âge” (1997: 48)).

²⁰ Tratando-se de uma citação, respeitamos a opção da autora relativamente à pessoa gramatical (Ver nota 23).

Atendendo a esta escala riquíssima de FT, não surpreende também a dificuldade que muitos tradutores sentem quando se deparam com esta panóplia de possibilidades²¹.

No exemplo seguinte, verifica-se outra particularidade das FT em PE. Se é possível, para um alocutário do sexo masculino, utilizar o título profissional e o apelido (sendo esta uma forma usual de distanciamento), o mesmo não acontece em PE para um alocutário do sexo feminino (cf. (2a)), pelo que será necessário utilizar, nestes casos o nome próprio (cf. (2b))²².

(2)

(a)* *Professora Barros*, tem um minuto para falarmos?

(b) *Professora Sandra*, tem um minuto para falarmos?

Outro aspeto referido por Duarte (2011: 86) diz respeito à utilização da FT *Menino(a)* com interlocutores que já não são particularmente jovens. Isto ocorre, por exemplo, se o locutor estiver numa posição interativa inferior relativamente ao alocutário, deixando aqui transparecer alguns laivos de afeto.

Ainda relativamente à 3.^a pessoa gramatical²³, e de acordo com Hammermüller, esta surge ladeada no ato discursivo: (i) com diferentes formas nominais que são sujeito do verbo na 3.^a pessoa, (ii) com *Você* e (iii) com o sujeito nulo, evitando algum mal-estar resultante do uso de *Você* (cf. (11)) (Hammermüller, 2004 *apud* Duarte, 2011: 87).

Considerando este último aspeto, e ao contrário do PB, o uso do pronome *Você* gera algum mal-estar e incómodo no PEC, pois ele é aceitável apenas em certas regiões e em certas variedades diastráticas. Fora desta especificidade, o seu uso pode ser visto como algo rude, grosseiro e pouco cortês²⁴.

Salientamos, no entanto, que este sentimento de mal-estar face à utilização do pronome *Você* apenas se coloca no singular. *Vocês* é totalmente aceitável no plural quando nos dirigimos a

²¹ Ver Duarte (2011).

²² Durante este trabalho, e como teremos oportunidade de exemplificar no capítulo 3, encontramos a ocorrência de desvios desta natureza em séries infantis de origem estrangeira.

²³ Do nosso ponto de vista, parece-nos legítimo afirmar que em PE contemporâneo nos deparamos, no singular, com duas segundas pessoas: *uma 2.^a pessoa informal (expressa pelo pronome Tu e pela flexão verbal tradicionalmente considerada de 2.^a pessoa singular) e uma 2.^a pessoa formal (expressa por Você e pela flexão verbal formalmente idêntica a uma 3.^a pessoa singular)*. Em Raposo (2013:899), a questão é perspectivada de forma distinta: estabelece-se uma distinção entre pessoa semântica e pessoa gramatical.

²⁴ Ver Hammermüller (1993).

vários alocutários. Já a utilização do pronome de 2.^a pessoa do plural (*Vós*) está hoje a perder produtividade, sendo utilizado, essencialmente, em ambientes particulares, nomeadamente no discurso eclesiástico e em certas variedades diatópicas. Atualmente, esta FT tem sido substituída por *Vocês* (informal) e *Os senhores/As senhoras* (formal) (Moura Neves, 2000: 458).

À guisa de conclusão, consideramos que a utilização na norma padrão do pronome *Você* como FT do PEC é específica das relações predominantemente simétricas e amistosas, sendo inaceitável na maior parte dos casos (sobretudo se existir assimetria social ou de idade entre os interlocutores²⁵).

2.3. As formas de tratamento em PE: mudança social

Na sociedade portuguesa, aberta ao mundo pela imigração, pelos meios de comunicação de massas, pela integração europeia e pela globalização dos mercados, todas as expectativas são permitidas.

António Barreto (1996: 59)

Falamos de FT em PEC é falamos de mudança social. O mesmo é dizer que *mudam-se os tempos, mudam-se as formas de tratamento*.

A mudança decorrente dessa evolução linguística, e ao contrário do que era preconizado pela escola de Alexandria, não deve ser vista como um sinal de decadência, de perda de pureza e/ou de perfeição. As sociedades evoluem naturalmente e, fruto dessa evolução, as respetivas línguas acabam, igualmente, por sofrer transformações, metamorfoses (Duarte, 2001:27).

Conscientes de que a sociedade portuguesa é uma sociedade bastante hierarquizada e socialmente heterogénea, não surpreende que essa estratificação social tenha contribuído para a criação de uma complexa estratificação do sistema português de tratamento, o que acaba por legitimar a sua instabilidade.

Considerando essa relação, é inevitável que as FT em PEC acompanhem e espelhem as transformações sociais que vão ocorrendo na nossa sociedade, provando-se assim a vitalidade e a capacidade de adaptação desta língua.

²⁵ Ver Duarte (2008: 338).

“(…) a língua tem de criar constantemente novos substantivos, categorias, formas de expressão, de aperceber e definir novas relações. Tem de ser capaz de integrar novas funções e necessidades, culturais, sociais e críticas. São essas adaptações que constituem não só a história de uma língua como a prova da sua vitalidade.” (Macedo, 1983: 55).

Considerando ainda a caracterização em epígrafe feita por Barreto da situação social em Portugal entre 1960-1995, verificamos, duas décadas depois, e norteados pela temática em estudo, como essas mutações sociais provocaram alterações no plano linguístico.

As FT são, pois, uma zona sensível, delicada de mudança linguística, visto estarem muito ligadas às variações sociais, as quais estão em constante mutação.

Essa instabilidade diacrónica das FT atesta que a Língua é um organismo vivo²⁶ de cariz social. A escolha de uma FT em detrimento de outra faz-se de acordo com as ideologias vigentes num determinado momento.

Daí resulta que, ao estudarmos uma língua (neste caso as FT em PEC), estejamos igualmente a estudar a história, a cultura, os hábitos e as tradições desse povo.

“Língua, cultura e sociedade são indissociáveis, cabendo à língua o papel de transmissor da cultura e de representação de uma imagem do mundo em que se espelham diferentes realidades.

Neste sentido, a história de um país, as normas sociais e os fundamentos históricos da sociedade não são somente factores necessários para compreender a cultura, mas possibilitam também que o público-aprendente use a língua de forma mais adequada.” (QuaREPE, 2015: 11)

De acordo com Gouveia (2008: 94), verificamos progressivas mudanças no uso das FT em PEC, as quais visam alcançar um maior igualitarismo entre os interlocutores. O autor relaciona essas mudanças com as transformações económicas, políticas e sociais que se têm vindo a verificar a nível mundial. Dessas mutações acabam por emergir alterações na produção discursiva e nas próprias relações interpessoais. No entanto, muitas vezes, estas alterações linguísticas e sociais acabam por originar “sentimentos de desorientação e mal-estar” (Giddens *apud* Gouveia, 2008: 93), que podem, para parafrasear o autor, provocar crises de reconhecimento de identidade.

Uma vez que as FT espelham, de uma maneira geral, a relação intrínseca existente entre a sociedade e a própria língua, pensamos ser inevitável que as FT sejam diretamente afetadas.

²⁶ Ver Mateus (2005).

Hodiernamente, se fizermos um breve exercício de cotejamento, deparamo-nos com uma tendência cada vez mais evidente: a generalização dos tratamentos menos formais, promovendo-se assim contextos de maior solidariedade (Brown e Gilman, 1960). A título de exemplo, o uso do pronome *Tu* já não se circunscreve a relações pessoais e privadas. Paulatinamente, o seu emprego tem-se vindo a generalizar (tal como havia sido previsto por Cintra), começando-se a notar o seu uso em diálogos entre pessoas que não se conhecem necessariamente (sobretudo entre as camadas mais jovens), entre colegas, de superiores para inferiores, entre familiares, etc. Recordamos que, até há bem pouco tempo, nas gerações anteriores, os filhos muito raramente tratavam os pais por *tu*.

Deste modo, a ideia de que o uso pronominal de *Tu* se aplicaria apenas em contextos de intimidade começa a perder intensidade. Passamos de um contexto de intimidade, para um contexto de proximidade social e familiar. Este aspeto não deixa de ser curioso, pois revela uma recetividade, cada vez mais evidente por parte da sociedade portuguesa contemporânea, relativamente à simetria discursiva.

Como refere Gouveia:

“As dimensões da mudança são as referentes a uma outra visão do outro, a uma outra visão de nós próprios, em que as relações interpessoais se constroem contextualmente a partir de uma base de maior igualdade em termos de estatuto entre os actores sociais.” (Gouveia, 2008: 97)

Outro aspeto que nos merece particular atenção, quer pela importância quer pela complexidade (ao nível da investigação e ao nível da lecionação) é o uso de *Você*²⁷.

Você terá a sua origem na forma nominal *Vossa mercê*, registada desde o século XIV. De acordo com Lindley Cintra (1986), a partir do século XIV, encontramos as formas nominais de tratamento *Vossa Mercê*, *Vossa Alteza* e *Vossa Senhoria*, cujos alocutários seriam apenas o rei, a rainha ou um duque estrangeiro. Tratava-se, portanto, de uma FT que assinalava um elevado nível de deferência. A partir do século XV, a FT *Vossa Mercê* generaliza-se a outros membros da nobreza e, mais tarde, no século XVI, à alta burguesia.

Próprio do devir temporal, esta FT passa, então, por várias metamorfoses, quer ao nível fonético quer semântico, pelo que, na 2.^a metade do século XVII, já se assiste à utilização da FT *Vossancê* e *Você*.

Parece-nos legítimo considerar que este processo evolutivo poderá ajudar a perceber um

²⁷ Ver Lešková (2012: 28-34).

pouco melhor a razão pela qual esta FT apresenta uma significativa variação de usos em PE. À semelhança de outros estudiosos, consideramos que será no uso desta FT que se regista uma maior instabilidade, a qual também encontra explicação nas transformações rápidas e constantes que ocorrem no seio das relações interpessoais. Essa instabilidade verifica-se não só no plano diacrónico (Cintra, 1986), como sincrónico.

Nos nossos dias, a FT pronominal *Você*, apesar de já ocupar um lugar nas FT em PEC, está ainda longe ser consensual e, fruto do seu hibridismo, encontra-se ainda muito distante do uso generalizado que tem no PB. Na realidade, em Portugal, a opinião sobre o seu uso varia de falante para falante, suscitando sentimentos contraditórios (cf. 2.4), pelo que o seu uso será sempre um risco. Deste modo, mais do que conhecer a língua, é necessário que o aprendente conheça a sociedade e a cultura alvo, de modo a não ficar *à mercê* de qualquer mal-entendido. Concordando-se ou não com o uso de *Você*, ele é uma realidade. A título de exemplo, Gouveia (2008: 94) apresenta-nos a utilização generalizada de *Você* em vez de *O senhor* ou ainda o uso cada vez mais usual do pronome *si* em contextos onde tal não se esperaria (pelo menos até há umas décadas), como quando um funcionário de um café atende um cliente (cf. (3a) e (3b)):

(3)

(a) Como é que *você* prefere o galão: claro ou escuro?

(b) E para *si* o que vai ser?

Verificamos, então, uma evidente falta de consenso quanto aos contextos de utilização de *Você*, pois para muitos falantes nativos de PE não é evidente, aquando do seu uso, a fronteira entre formalidade e informalidade.

À semelhança de Villalva (2003), parece-nos um pouco limitativo e redutor (e até mesmo incorreto) assumir que a dicotomia entre formalidade e informalidade em PE ocorre, essencialmente, e do ponto de vista linguístico, no uso entre *Tu* e *Você*. Como já referimos, em PEC, podemos usar várias expressões nominais que acabam por “classificar”, do ponto de vista social, o nosso interlocutor. Consideramos, portanto, que a forma pronominal *Você* encontrar-se-á numa posição intermédia entre um tratamento de maior afastamento (*O senhor*, *A senhora arquiteta*, etc.) e um tratamento com um maior grau de familiaridade (*Tu*)²⁸.

²⁸ Ver Biderman (1972-1973: 368).

“Il n’est pas donc étonnant que la valeur la plus partagée soit celle de *você* comme forme d’adresse familière de vouvoiement, plus familière que la forme verbale d’adresse de 3^e personne (avec absence de pronom sujet) et que les formes d’adresse nominales (qui à leur tour s’échelonnent selon le degré de respect, voire de déférence), moins familière que la forme pronominale *tu*.” (Carreira, 2007: 17)

Outros exemplos que elucidam mais uma vez esta transformação são as interpelações diretas de certos jornalistas televisivos a políticos. Verificamos, com alguma frequência, a utilização do nome próprio ou apelido do interlocutor, quer como vocativo quer como forma de tratamento (*coloquialização/conversacionalização do discurso*²⁹).

Considerando ainda a questão do uso de *Você* em PEC, há quem opte pelo uso desta FT para se dirigir a alguém com respeito porque continua a atribuir a este pronome o valor prestigiante de *Vossa Mercê*. Contudo, em meios mais urbanos, os cidadãos da classe média, mormente os mais letrados, não aceitam facilmente ser interpelados por meio desse pronome, visto considerarem que se trata de uma falta de respeito, de uma falta de cortesia.

Concomitantemente, é frequente a sua utilização nas relações assimétricas de superior para inferior (juiz vs. réu; professor vs. aluno; diretor vs. secretária; polícia vs. condutor; capitão vs. sargento). Normalmente, o locutor, sem perder de vista a relação de deferência socialmente imposta, opta pelo uso de *Você* ao procurar pôr de lado uma formalidade excessiva e desnecessária. Curiosamente, o mesmo já não é tão aceitável na relação oposta. No entanto, há alguns nativos que não têm esta perceção e utilizam *Você* com os seus superiores hierárquicos.

Por outro lado, tal como é convocado por Saraiva (2002:129), acreditamos que, em situações muito específicas, a utilização de *Você* pode implicar a existência de sentimentos depreciativos face ao alocutário. Neste caso, torna-se evidente uma certa presunção e autoritarismo por parte do locutor (cf. (4a) (4b)).

(4)

- (a) Quem é que *você* julga que é para me falar dessa maneira?
- (b) Onde é que *você* julga que vai?

²⁹ De acordo com Gouveia (2008:96), trata-se da “modelação do discurso público em função das práticas discursivas da vida quotidiana.”

Na esteira de Hammermüller (1993), de Saraiva (2002) e de Lešková (2012), procurámos fazer um arrolamento das situações de uso mais frequente da forma pronominal *Você*. Facilmente se percebe, pelas situações inventariadas, que o uso desta FT implica, de forma bastante expressiva, situações de assimetria discursiva. Isto não significa, porém, que esta FT não possa ser usada como tratamento igualitário em contextos de simetria.

Não deixa de ser igualmente curioso verificar a atenção que os meios de comunicação social têm dado a esta FT, nomeadamente na publicidade (Foi *você* que pediu? (Porto Ferreira); Tudo o que *você* faz conta! (Canal National Geographic); Há mais caixa do que *você* imagina. (CGD); Em tudo o que *você* faz está a energia que nós fazemos. (EDP); Quem sabe, sabe, e *você* é que sabe. (TSF); E *você*? É dono do seu banco? (Montepio)). Uma aposta clara no alargamento de relações interpessoais de carácter mais igualitário e simétrico³⁰. Esta aposta configura, portanto, uma inovação no seio de uma sociedade fortemente estratificada, revelando uma vontade de afirmar a sociedade portuguesa como uma sociedade cada vez mais aberta, culturalmente³¹.

É difícil traçar, neste momento, o lugar que a forma pronominal *Você* irá ocupar futuramente no PE. No entanto, sabemos que atualmente ela denota uma certa oscilação na sua utilização. Para vários autores, nomeadamente Carreira (2007: 18) e Duarte (2010: 136), esta é a FT que evidencia uma maior instabilidade, fruto das mudanças políticas, sociais, económicas presentes em Portugal (e no mundo, em geral)³².

Apesar de toda a polémica em torno da utilização desta FT, julgamos que não podemos escusar-nos a informar os aprendentes de PL2 da possibilidade de eles utilizarem este pronome como FT em PEC. No entanto, consideramos que também os devemos alertar para as questões que o seu uso pode implicar, sugerindo-lhes outras alternativas igualmente frequentes em PEC, nomeadamente a omissão³³ (cf. (1l)) ou a substituição desse pronome, por exemplo, pelo nome do alocutário com a função de sujeito (cf. (1e)) ou de vocativo (cf. (1d)).

³⁰ Hodiernamente, na publicidade, essa simetria é visível não só no uso da forma pronominal *Você*, mas também no uso (explícito ou não) de *Tu* (ex.: *Acreditas que alguém vai pensar no teu futuro?* (Bes)).

³¹ Contudo, as FT preferencialmente usadas são as FT verbais: *Quando olha para este objecto, o que vê?* (Sanitana); *Se conduzir, não beba.* (Publicidade institucional); *Já comeu fruta hoje?* (Compal).

³² Apesar de uma perda significativa no grau de cortesia, em PEC, *Você* continua a pertencer às FT que denotam deferência. No entanto, no PB, esta FT migrou para a esfera da intimidade.

³³ Como sabemos, em PE não há a obrigatoriedade de o sujeito estar expresso e a sua omissão não implica, normalmente, ambiguidade.

Presentemente, a omissão é uma estratégia bastante frequente (e eficaz) em PE, pois pode ser utilizada quando se pretende evitar a forma pronominal *Você* com vista a não provocar mal-entendidos³⁴.

"Cette forme délocutive peut devenir allocutive, lorsque le locuteur vouvoie quelqu'un en évitant de nuancer la désignation de son allocataire. Il s'agit d'une sorte de "degré zéro" de déférence." (Carreira, 2001: 55)

Esta é, provavelmente, a solução que melhor resulta, na medida em que oferece a mais-valia de omitir, por exemplo, a classe social do alocutário. Este aspeto faz do tratamento verbal um tratamento cortês e, ao mesmo tempo, consensual. Trata-se de uma questão de estratégia discursiva de delicadeza mínima.

Perante estas transformações linguísticas, acreditamos ser lícito afirmar que o estudo destas alterações linguísticas pode ser fundamental para se analisar as mudanças sociais que estão a ocorrer.

2.4. Estudo empírico

Dando conta da instabilidade acentuada no uso de algumas FT, nomeadamente da forma pronominal *Você*, e nas diferentes atitudes dos indivíduos relativamente ao uso dessas formas, e à semelhança de outros estudos realizados (Brown e Gilman (1960), Saraiva (2002) e Lešková (2012)), elaborámos um inquérito (anexo I), com vista a confirmar as informações anteriormente apresentadas. Esse questionário teve como objetivo apurar as FT mais utilizadas hodiernamente pelos falantes nativos de PE e verificar até que ponto esses falantes sentem algum tipo de reserva na utilização de algumas dessas formas. Para esse estudo, optámos por utilizar a ferramenta eletrónica *Google forms*, o que nos permitiu reunir, em pouco tempo, um conjunto considerável de resultados.

Os participantes neste estudo foram confrontados com seis estímulos diferentes. Para cada um desses estímulos, os inquiridos apenas podiam escolher uma das respostas apresentadas.

2.4.1. Perfil dos inquiridos

Tal como ilustramos na Tabela 2, este estudo empírico resultou da realização de um pequeno inquérito a 77 falantes nativos de PE. Procurámos, tendo em conta o objetivo deste estudo,

³⁴ Ver Hammermüller (2004) e Carreira (2009).

trabalhar com um grupo homogêneo de participantes, pelo que destacamos, desde já, o facto de os nossos informantes revelarem uma certa homogeneidade do ponto de vista sociocultural.

LM	Sexo		Idade				Habilitações académicas				
	F	M	18/29	30/44	45/54	+55	2.º/3.º Ciclo	Ens. Secundário	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
77	64	13	37	28	4	8	0	14	42	18	3

Tabela 2 – Perfil dos inquiridos

2.4.2. Análise dos resultados apurados

De acordo com os resultados obtidos, podemos inferir que os informantes, em situações de deferência, revelaram uma preferência pelo uso de formas nominais. Como verificamos pelo gráfico seguinte (cf. Gráfico 1), os inquiridos optaram maioritariamente (65%) pelo uso da forma nominal que sublinha um certo grau de deferência para formalizarem o pedido.

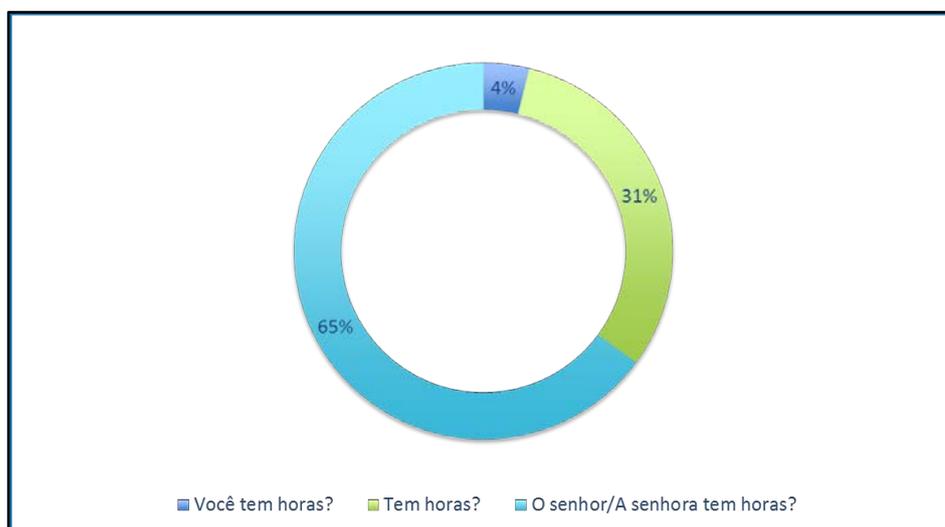


Gráfico 1 – Resultados percentuais dos inquiridos ao primeiro estímulo (*Imagine que está a passear no centro da cidade e necessita de perguntar as horas a um desconhecido. O que diria nessa situação?*).

Curiosamente, em situações de menor formalidade, os informantes optaram, de forma bastante significativa (70%), pela omissão das formas pronominais e/ou nominais (cf. Gráfico 2).

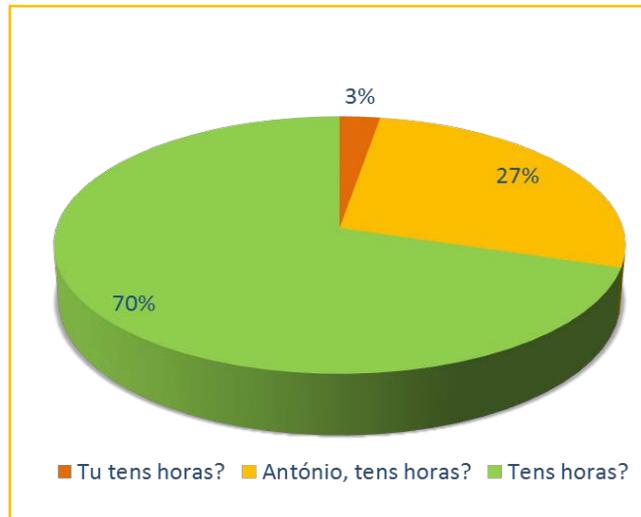


Gráfico 2 – Resultados percentuais dos inquiridos ao segundo estímulo (*Imagine que está a passear no centro da cidade e necessita de perguntar as horas a um amigo. O que diria nessa situação?*).

Por outro lado, em situações de deferência em que os interlocutores se conhecem, mas onde existe uma hierarquia social assente em regras sociais convencionadas (por exemplo, a relação professor/aluno), os informantes optaram, maioritariamente, pela forma nominal de tratamento com a função de vocativo (69%) (cf. Gráfico 3).

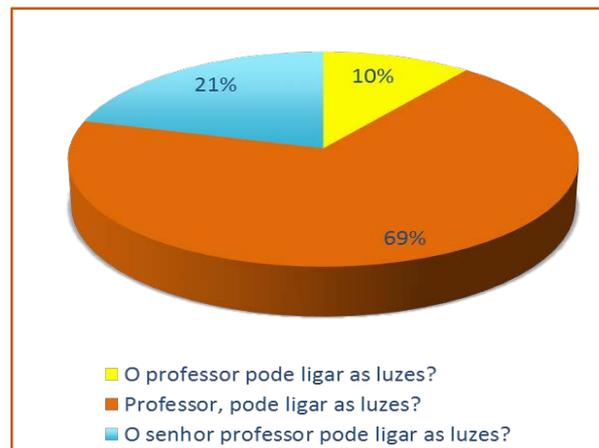


Gráfico 3 – Resultados percentuais dos inquiridos ao terceiro estímulo (*Imagine que é aluno do ensino superior e está com dificuldade para perceber o que o professor escreveu no quadro, pois não há luz suficiente na sala. O que diria ao professor?*).

A determinada altura, foi sugerido aos inquiridos uma inversão de papéis. Assim, quando lhes foi pedido que se colocassem na posição de alocutário, numa situação formal, 64% dos inquiridos revelaram preferência em serem tratados através da omissão de formas pronominais e/ou nominais (Cf. Gráfico 4).

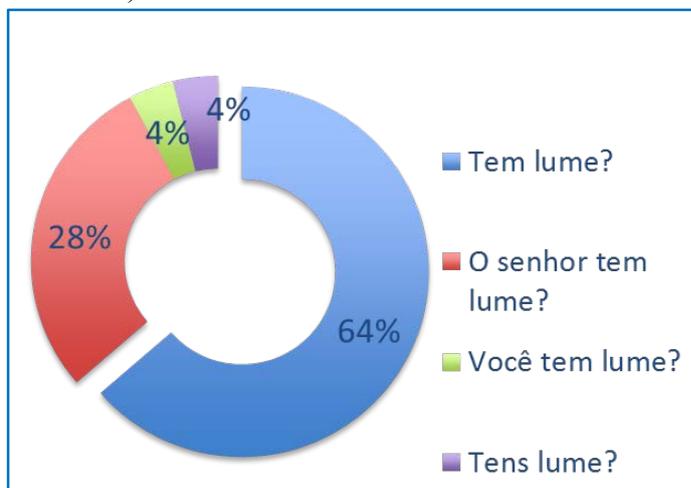


Gráfico 4 – Resultados percentuais dos inquiridos ao quarto estímulo (*Imagine que está na fila de uma tabacaria e um transeunte lhe pergunta se tem lume. Como prefere ser tratado?*).

Considerando os resultados apurados, 40% dos informantes assumem sentir, por vezes, um certo mal-estar quando alguém os interpela por *Você* numa situação em que não conhecem o locutor (cf. Gráfico 5).

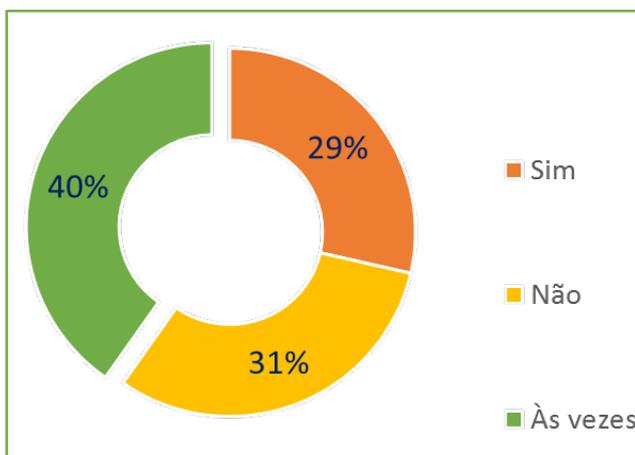


Gráfico 5 – Resultados percentuais dos inquiridos ao quinto estímulo (*Sente algum mal-estar quando alguém com quem não tem uma relação próxima o trata pela forma pronominal “você?”*).

Finalmente, apenas 26% dos inquiridos não revela qualquer tipo de relutância em usar a forma pronominal *Você*, o que corrobora as reflexões que apresentámos anteriormente, nomeadamente na secção 2.2. e 2.3. (cf. Gráfico 6).

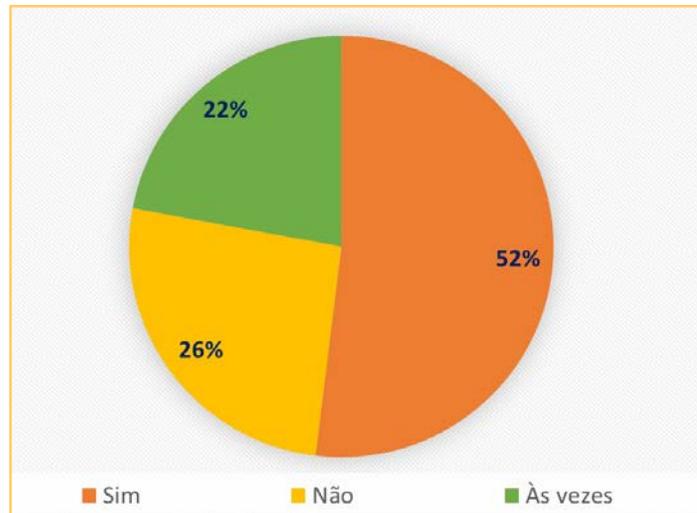


Gráfico 6 – Resultados percentuais dos inquiridos ao sexto estímulo (*Sente alguma relutância em tratar uma pessoa por “você”?*).

Pese embora o alcance limitado deste estudo empírico, consideramos que os resultados obtidos permitem, desde já, traçar algumas conclusões, a saber: (i) preferência pelo uso de formas nominais (quer com a função de sujeito, quer com a função de vocativo) em contextos de maior deferência; (ii) tendência para se evitar a forma pronominal *Você*; (iii) preferência pela omissão das formas nominais e/ou pronominais em contextos informais; (iv) existência da sensação de mal-estar no alocutário quando este é interpelado através do uso da forma pronominal *Você*.

Estes resultados serão tidos em conta nas propostas de didatização que serão apresentadas no capítulo seguinte.

Propostas de didatização

A aprendizagem de uma língua estrangeira só ocorre quando o aluno tem acesso ao input oral ou escrito dessa língua. Vai ser esse input que vai contribuir para que o aluno determine as regras dessa língua e interiorize a sua fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e pragmática.

Ana Amélia Carvalho (1993: 118)

Na esteira de Carvalho (e de outros autores, nomeadamente de Rod Ellis), consideramos que há um elemento determinante nas aulas de PL2: o *input*.

De facto, e independentemente da sua natureza implícita ou explícita, a presença de *input* é obrigatória numa aula de línguas e quanto mais rico e variado for esse *input* melhor.

Conscientes deste facto, e não perdendo de vista os princípios axiais de aprendizagem considerados por Ellis (cf. Tabela 3)³⁵, procurámos construir instrumentos de ensino (*input* de natureza explícita) capazes de desenvolverem a proficiência comunicativa dos aprendentes, para que eles possam fazer da Língua um instrumento de integração.

Para a aquisição instrucional de uma língua: 10 princípios (Rod Ellis)	
1	Instruction needs to ensure that learners develop both a rich repertoire of formulaic expressions and a rule-based competence.
2	Instruction needs to ensure that learners focus predominantly on meaning.
3	Instruction needs to ensure that learners also focus on form.
4	Instruction needs to focus on developing implicit knowledge of the second language while not neglecting explicit knowledge.
5	Instruction needs to take into account the learner's built-in syllabus.
6	Successful instructed language learning requires extensive second language input.

³⁵ Ver Ellis (1997, 2008).

7	Successful instructed language learning also requires opportunities for output.
8	The opportunity to interact in the second language is central to developing second language proficiency.
9	Instruction needs to take account of individual differences in learners.
10	In assessing learners' second language proficiency, it is important to examine free as well as controlled production.

Tabela 3 – Para a aquisição instrucional de uma língua: 10 princípios (Rod Ellis)

Como já referimos anteriormente, este trabalho pretende, ao analisar as FT em PEC, chamar a atenção dos professores para a inclusão de materiais autênticos, reais nas suas aulas de PL2. Consideramos primordial privilegiarmos o contacto dos aprendentes com materiais autênticos, orais e escritos³⁶.

Outro motivo para a escolha de materiais reais recai no facto de serem, normalmente, materiais que provocam um maior interesse, motivação, empatia por parte do aprendente, o qual acaba por adquirir igualmente os conteúdos gramaticais, mas de uma forma muito mais motivadora e num contexto menos artificial.

Assim, a utilização de materiais autênticos tende a aproximar o aprendente à língua real, ao mesmo tempo que o expõe à cultura da LA.

Acreditamos que esta exposição será, indubitavelmente, uma mais-valia para o aprendente, permitindo-lhe fazer escolhas de forma muito mais consciente.

A importância da cultura no processo de aprendizagem é igualmente defendida por Carreira:

“O acesso à compreensão de uma outra cultura permite abrir horizontes culturais e humanos, relativizar o seu próprio modo de vida e os seus valores familiarizando-se com os alheios, tornando-se um cidadão mais consciente e mais crítico (donde mais dificilmente manipulável).” (2001: 258)

Para além do exposto, entendemos que as FT em PE não têm merecido, por parte dos autores dos manuais de PLNM, a importância que há muito se exige, pelo que urge construir material didático capaz de preencher esse vazio.

Nas secções seguintes, propomos, então, um conjunto diversificado de atividades, as quais foram construídas de acordo com os níveis sugeridos no QECRL (2001) relativamente ao

³⁶ “Students who were systematically exposed to authentic listening input outperformed those who were exposed only to non-authentic data.” (Nunan, 1999: 210 *apud* Duarte, 2015: 60).

perfil sociolinguístico dos alunos e às diferentes competências linguísticas convocadas no processo de ensino-aprendizagem de uma língua.

Concomitantemente, procurámos que, em cada nível de proficiência, houvesse diversidade não só relativamente às competências mobilizadas, mas também diversidade quanto às metodologias utilizadas, respeitando-se uma progressão entre os diferentes níveis de proficiência.

Tomando como referência o trabalho realizado, a bibliografia recolhida e a nossa experiência profissional, começámos por construir uma tabela informativa (Tabela 4) na qual pudéssemos identificar as principais FT em PEC, alertando os alunos para algumas das suas particularidades. Esse documento constitui, assim, a base do material produzido posteriormente. Trata-se de uma tabela escalar, a qual permite destacar a gradação existente entre as diferentes FT em PEC e a extensa gama de formas nominais. Assim, e seguindo o que havia sido proposto por Cintra (1986), dividimos as FT em formas nominais, pronominais e verbais.

Tabela 4 - Formas de Tratamento em PEC			
		Obs.	
 + - I N F O R M A L I D A D E F O R M A L I D A D E - + 	<ul style="list-style-type: none"> Tu⁽ⁱ⁾ + verbo 2.^a pessoa informal singular. 	<i>Tu tomas um café?</i>	(i) É importante distinguir a 2. ^a pessoa informal da 2. ^a pessoa formal. <i>Tu</i> e <i>Você</i> , do ponto de vista semântico-pragmático, são formas deícticas que apontam para o alocutário.
	<ul style="list-style-type: none"> Vocês + verbo na 2.^a pessoa plural 	<i>Vocês tomam um café?</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> Você + verbo na 2.^a pessoa formal singular⁽ⁱⁱ⁾ 	<i>Você toma um café?</i>	

FORMAS PRONOMINAIS

<p style="text-align: center;">+ I N F O R M A L I D A D E --</p> <p style="text-align: center;">-- F O R M A L I D A D E +</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A + Dona + nome próprio em função de sujeito + 2.ª pessoa formal singular. ▪ A + Senhora + Dona + nome próprio em função de sujeito + 2.ª pessoa formal singular. ▪ Senhor(a) + nome próprio em função vocativa + 2.ª pessoa formal singular. ▪ Senhor + apelido em função vocativa + 2.ª pessoa formal singular^(iv). ▪ Dona + nome próprio em função vocativa + 2.ª pessoa formal singular. ▪ Senhora Dona + nome próprio em função vocativa + 2.ª pessoa formal singular. 	<p><i>A Dona Joana toma um café?</i></p> <p><i>A Senhora Dona Isabel toma um café?</i></p> <p><i>Senhor Ricardo, toma um café?</i></p> <p><i>Senhor Gomes, toma um café?</i></p> <p><i>Dona Irene, toma um café?</i></p> <p><i>Senhora Dona Mafalda, toma um café?</i></p>	<p>(iv) Esta FT, em PE, só pode ser utilizada quando o destinatário é do sexo masculino (* <i>Senhora Gomes, toma um café?</i>).</p>
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Título profissional/académico em função vocativa (precedido ou não de senhor(a)) + 2.ª pessoa formal singular. ▪ Título profissional ou académico como sujeito (precedido ou não de senhor(a)) + 2.ª pessoa formal singular. 	<p><i>Senhor Engenheiro, toma um café?</i></p> <p><i>O Senhor Doutor toma um café?</i></p>	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formas estereotipadas de alta reverência em função vocativa ou em função de sujeito + 2.ª pessoa formal singular^(iv). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Excelentíssimo(a)</i> ▪ <i>Senhor (a)</i> ▪ <i>Meritíssimo(a) juiz (a)</i> ▪ <i>Vossa majestade</i> ▪ <i>Magnífico reitor</i> 	<p>(iv) FT utilizadas, prototipicamente, em situações protocolares.</p>

Formas de Tratamento em PEC			
			Obs.
 + - I N F O R M A L I D A D E - + 	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa informal singular 	<i>Tomas um café?</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa plural 	<i>Tomam um café?</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa formal singular⁽ⁱ⁾ 	<i>Toma um café?</i>	(i) Forma de tratamento que não causa desconforto. Tratamento Formal Consensual.

FORMAS VERBAIS

Tabela 4 – Ficha Informativa: Formas de Tratamento em Português Europeu Contemporâneo

Em suma, pretendemos que este documento, cujos destinatários serão, numa primeira fase, os docentes de PLNM, constitua um elemento catalisador para a sistematização das FT em PEC. Para além disso, e atentos, por um lado, à especificidade dos diferentes níveis de proficiência e, por outro, aos conhecimentos metalinguísticos dos aprendentes, procurámos adaptar este documento a cada um desses níveis, para que este material possa também estar ao dispor dos aprendentes de PL2 (anexo II).

3.1. Nível A1

Destinatários: aprendentes adultos do nível de A1.

Objetivos gerais:

- ✓ compreender mensagens orais e escritas muito simples e curtas de caráter social;
- ✓ simular interações verbais curtas;
- ✓ dramatizar pequenos diálogos, em situação informal;
- ✓ desenvolver o conhecimento lexical.

Objetivos específicos:

- ✓ identificar algumas FT em PEC (formas pronominais (à exceção de *Você*), formas nominais (vocativo) e formas verbais);
- ✓ selecionar a(s) FT apropriadas para cada situação de comunicação;
- ✓ assimilar conteúdos gramaticais: determinantes possessivos; presente do indicativo (verbos regulares e irregulares); imperativo; pretérito perfeito simples do indicativo (verbos regulares e irregulares), pretérito imperfeito do indicativo (verbos regulares e irregulares), imperfeito de cortesia; pronomes pessoais; preposições, expressão de futuro próximo, etc.

Atividades³⁷

1. Observe e descreva oralmente as imagens seguintes.³⁸

Imagem 1	Imagem 2	Imagem 3	Imagem 4	Imagem 5	Imagem 6
					

1.1. Vai agora ouvir seis diálogos. Associe cada um deles à imagem correspondente. Siga o exemplo.

					
Áudio 1	Áudio 2	Áudio 3	Áudio 4	Áudio 5	Áudio 6
		Imagem 1			

³⁷ A correção encontra-se em anexo (anexo III).

³⁸ As imagens serão projetadas, permitindo solucionar mal-entendidos e enriquecer os conhecimentos lexicais dos aprendentes através da exploração oral das imagens.

2. Estabeleça a correspondência entre a Coluna A e a Coluna B, de acordo com o exemplo.

COLUNA A		COLUNA B	
1.	Senhor João, bom dia!	a.	A sério?! Como é que sabes?
2.	Miguel, vais ser promovido!	b.	Sim, Joana. O que é que não está a perceber?
3.	Professor, tenho uma dúvida.	c.	Olá, Ritinha! Tudo bem?
4.	Dona Rosa, deseja mais alguma coisa?	d.	Ó mãe, só mais um minuto!
5.	Tens irmãos?	e.	Não. Obrigada.
6.	Sandra, vais desligar a televisão ou queres ficar de castigo?	f.	Penso que é às 16h.
7.	Sabe a que horas a secretaria fecha?	g.	Não, sou filho único.
8.	Senhor Lopes, não pode encerrar a empresa!	h.	Lamento, mas não tenho outra hipótese.

1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.
	a						

3. Observe as imagens seguintes.

3.1. Selecione a(s) frase(s) que podem ocorrer em cada uma das seguintes situações.

Situação A



A. _____ ?

B. Claro que sim, Joana!

- Senhora Rita, eu hoje vou estudar com a Paula. Quer ir comigo?
- Eu não sei se devo aceitar o convite do João. O que é que acha?
- Rita, amanhã vais comigo, não vais?

Situação B



A. _____ ?

Doutor, nem por isso.

- Ai, tantos problemas!! Não estás a exagerar?
- Esta semana, sente-se melhor?
- António, costumavas sair? Ir ao cinema, ao teatro?

3.2. Em trabalho de pares, vai agora imaginar que encontra o seu colega no supermercado. Escreva um diálogo possível.

3.2.1. Dramatize o diálogo com o seu colega.

3.2. Nível A2³⁹

Destinatários: aprendentes adultos do nível de proficiência A2.

Objetivos gerais:

- ✓ compreender discursos orais simples;
- ✓ simular interações verbais simples e curtas;
- ✓ dramatizar pequenos diálogos;
- ✓ desenvolver o conhecimento lexical;
- ✓ estudar as FT em PEC.

Objetivos específicos:

- ✓ usar corretamente FT nominais, verbais e pronominais (à exceção de *Você*) em PE;
- ✓ selecionar a(s) FT apropriadas para cada situação de comunicação;
- ✓ compreender a ambiguidade de algumas FT nominais (ex. *O João vive em Coimbra?*);
- ✓ detetar marcas de (in)formalidade nas FT em PE;
- ✓ usar corretamente conteúdos gramaticais: determinantes possessivos; presente do indicativo (verbos regulares e irregulares); pretérito perfeito simples e imperfeito do indicativo, infinitivo pessoal, perifrástica; pronomes pessoais; preposições, expressão de futuro próximo, etc.

1. Leia as frases da Coluna A. Ordene-as de acordo com o grau de formalidade.

		Coluna A
	Informal	
	Formal	

³⁹ A correção encontra-se em anexo (anexo IV).

2. Ouça o seguinte diálogo entre a Ana e a Sr.^a Dona Lúcia Gomes. Identifique a forma de tratamento escutada.

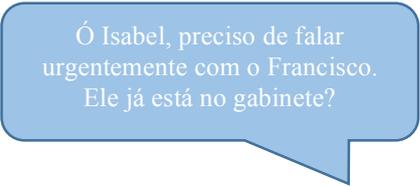
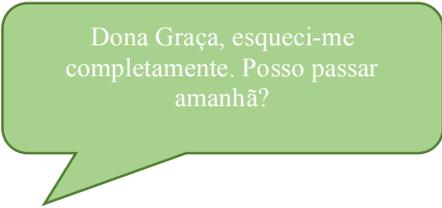
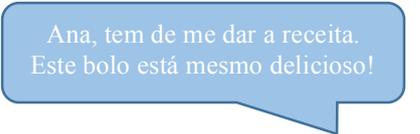
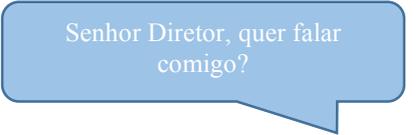


2.1. Concorda com a forma de tratamento utilizada? Justifique.

3. Estabeleça a correspondência entre a Coluna A e a Coluna B, de acordo com o exemplo.

COLUNA A		COLUNA B	
1.	A Rita hoje parece um pouco triste. Está tudo bem?	a.	Não, é tudo. Obrigado.
2.	Zê, estás bom?	b.	Sim, claro! Onde é que estás?
3.	O Senhor Doutor precisa de mais alguma coisa?	c.	Oi, João! Estou ³⁶ . E tu?
4.	Luís, podes dar-me boleia? O meu carro avariou.	d.	Estou bem. Só estou um pouco cansada.
5.	Gosto muito do Alentejo! Vou sempre para lá em agosto.	e.	Penso que não. Quando ele chegar, eu aviso.
6.	Senhor Afonso, então, já não passa hoje por cá?	f.	Sabe que horas são?! Estamos à sua espera há mais de meia-hora!

⁴⁰ Em aula será dito “Tou”.

7.		g.	
8.		h.	
9.		i.	

1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.
				h				

3.1. Assinale com uma cruz (X) no quadro anterior as situações em que as formas de tratamento utilizadas são mais informais.

3.2. Nas situações apresentadas anteriormente, encontra várias formas de tratamento. Identifique-as.

Formas nominais	Formas pronominais	Formas verbais

4. Releia o diálogo número 6 do exercício 3.

Num texto organizado e coerente (80 a 120 palavras), imagine a restante conversa.

5. Complete o diálogo com as seguintes palavras.(atenção: não vai ser necessário utilizar todas as palavras)

- | | | | |
|-----------------------|------------|------------------|-----------|
| ▪ sabe | ▪ precisas | ▪ o doutor Silva | ▪ João |
| ▪ senhor diretor (x2) | ▪ diz | ▪ o João | ▪ tu |
| ▪ a Anabela (x2) | ▪ vais | ▪ diga | ▪ Anabela |

A Anabela trabalha como secretária no Gabinete de Apoio ao Diretor de uma empresa no Porto.

Diretor Silva: - Bom dia, Anabela.

Anabela: - Bom dia, _____ (1).

Diretor Silva: - _____ (2) se o António já chegou? Precisava de falar com ele.

Anabela: - Penso que vi o carro dele lá fora. Vou ligar à portaria.

- Bom dia, _____ (3). Fala Anabela Costa, do Gabinete de Apoio à Direção. _____ (4) podia confirmar se o colega António Carvalho, da Contabilidade, já chegou?

Ok, muito obrigada.

_____ (5), de acordo com o funcionário da portaria, o António entrou, mas saiu logo de seguida.

Diretor Silva: - _____ (6) sabe se ele anda com algum problema pessoal?

Ultimamente, tenho notado que ele raramente chega a horas, atrasa-se na entrega da documentação que lhe peço. Enfim, começo a ficar preocupado.

Anabela: - De facto, também acho que ele tem andado muito cansado. Ainda ontem lhe disse: “Tó, _____ (7) de descansar mais. Caso contrário, ainda _____ (8) parar ao hospital!

Diretor Silva: - Bom, _____ (9), mal ele chegue, _____ (10)-lhe para vir falar comigo.

Anabela: - _____ (11) precisa de mais alguma coisa?

Diretor Silva: - Ligue-me ao engenheiro Marques da *Luso Atenas*. E, já agora, _____ (12) podia trazer-me um café, por favor?

Anabela: - Com certeza.

6. Leia as seguintes frases.

Escolha com uma cruz (x) a opção que apresenta um grau de (in)formalidade equivalente/aproximado.

6.1. A Anabela sabe se ele anda com algum problema pessoal?

a. Anabela, sabe se ele anda com algum problema pessoal?	
b. Ó Anabela, sabes se ele anda com algum problema pessoal?	
c. Sabes se ele anda com algum problema pessoal?	

6.2. Tô, precisas de descansar mais.

a. Senhor Tô, precisa de descansar mais.	
b. O Tô precisa de descansar mais.	
c. Precisas de descansar mais.	

6.3. O Dr. Silva precisa de mais alguma coisa?

a. Silva, precisas de mais alguma coisa?	
b. Precisas de mais alguma coisa?	
c. Senhor doutor, precisa de mais alguma coisa?	

6.4. E, já agora, a Anabela podia trazer-me um café, por favor?

a. E, já agora, ó Anabela, podia trazer-me um café, por favor?	
b. E, já agora, Anabela, podias trazer-me um café, por favor?	
c. E, já agora, podias trazer-me um café, por favor?	

3.3. Nível B1⁴¹

Destinatários: aprendentes adultos do nível de proficiência B1.

Objetivos gerais:

- ✓ compreender o sentido geral de textos orais;
- ✓ dramatizar diálogos;
- ✓ perceber o sentido geral de textos escritos;
- ✓ desenvolver o conhecimento lexical;
- ✓ produzir enunciados escritos;
- ✓ gerar discursos orais simples e coerentes;
- ✓ conhecer aspetos culturais da LA: literatura, música e outras manifestações.

Objetivos específicos:

- ✓ contactar com as FT em PE em uso;
- ✓ identificar o valor das FT utilizadas;
- ✓ seleccionar a(s) FT apropriada(s) para cada situação de comunicação;
- ✓ utilizar estratégias linguísticas capazes de evitar mal-entendidos;
- ✓ empregar corretamente conteúdos gramaticais: determinantes possessivos; presente e futuro do indicativo e do conjuntivo; imperativo; pronomes pessoais; preposições, expressão de futuro próximo, discurso direto e indireto, etc.

1. Ouça com atenção a fábula (adaptada): [“O Corvo e a Raposa”](#).



1.1. Identifique a(s) forma(s) de tratamento utilizada(s).

1.2. Substitua-a(s) por outra(s) com o meu valor.

⁴¹ A correção encontra-se em anexo (anexo V).

2. Observe as imagens.

2.1. Imagine que está a falar com a(s) pessoa(s) das imagens seguintes. O que lhe(s) diria? Faça a sua escolha, de acordo com as hipóteses apresentadas. Siga o exemplo.

	Coluna A	Coluna B
1		
2		
3		
4		
5		Professor, podia repetir, por favor?
6		
7		
8		

9		
<p>a. Você acha que consegue resolver o problema ainda hoje?</p> <p>b. Vocês já podem entrar.</p> <p>c. Tem mesa para quatro pessoas?</p> <p>d. Queres ficar de castigo?</p> <p>e. O senhor já pode entrar.</p> <p>f. Marta, conseguiu falar com a Engenheira Rosa?</p> <p>g. Dona Júlia, já tem idade para ter juízo!</p> <p>h. Professor, podia repetir, por favor?</p> <p>i. Já tens idade para ter juízo, Andreia!</p>		

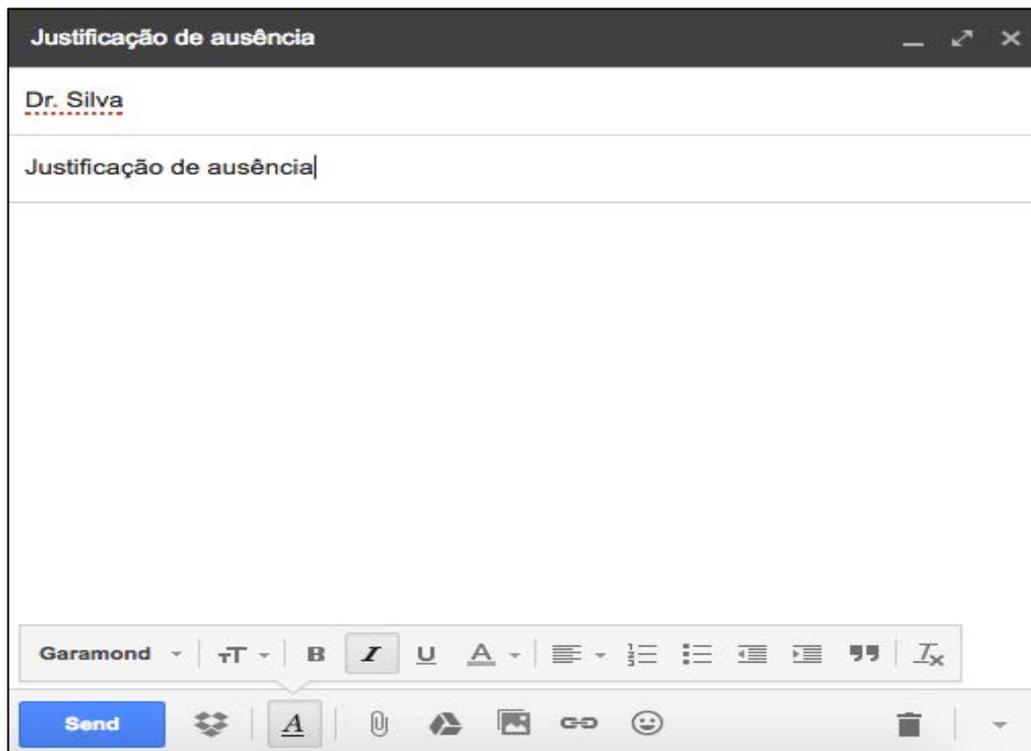
2.2. Releia as frases c) e d) do exercício anterior. O que têm em comum?

3. Após vários dias sem regressar ao emprego, o António resolve enviar, finalmente, um e-mail ao seu chefe, o Dr. Silva, a fim de explicar o sucedido

(atenção: a relação entre ambos é apenas de natureza profissional).

Justificação de ausência	-- X
Dr. Silva	
Justificação de ausência	
<p>Silva,</p> <p>Deves estar furioso por me ter ausentado sem te avisar, mas tens de acreditar que as últimas semanas têm sido um verdadeiro inferno.</p> <p>No mês passado, a casa da minha sogra ardeu. Quem é que resolveu ajudá-la? Claro, o ingénuo do António.</p> <p>Mas não penses que os azares ficaram por aqui. “Como é que a situação podia piorar ainda mais?”, perguntas tu. Pois bem, no dia em que a minha sogra chegou, a minha mulher foi atropelada. Conclusão: fui pau para toda a colher.</p> <p>Finalmente, há dois dias, ganhei coragem e disse à minha sogrinha: “Adelaide, vais para um hotel!”</p> <p>Conclusão: quem acabou por ir parar a um hotel fui eu, pois a minha mulher, nesse mesmo dia, deixou-me o seguinte bilhete: “Se o Sr. António está mal, mude-se!”.</p> <p>Chefinho, depois de tudo isto, também não me vais abandonar, pois não?</p> <p>Abraço, António</p> <p>P.S. Vou de férias durante uma semana. Caso queiras falar comigo, liga-me.</p>	

3.1. O e-mail enviado pelo António não respeita a regra de cortesia. Reescreva-o, de modo a cumprir essa regra.



4. Leia os textos e, de seguida, passe-os para o discurso direto.

Diálogo 1	<p>Depois de sair do emprego, a Marta passou pelo centro comercial e não resistiu a comprar uns sapatos novos. Quando o marido chegou a casa, ela calçou-os e, numa voz meiga, perguntou-lhe se ele gostava dos novos sapatos dela.</p> <p>Perentoriamente, ele disse-lhe que não e ela, alterando o tom de voz (até então delicado), respondeu-lhe que se ele não gostava, era porque não percebia nada de moda.</p> <p>Ele, sem demoras, pediu-lhe desculpa, dizendo-lhe que estava a brincar com ela.</p>	
Diálogo 2	<p>No final da aula, o Jorge dirige-se ao professor e pergunta-lhe se podem falar sobre o trabalho final. O professor diz-lhe que não pode reunir com ele naquele momento, porque já tem uma reunião marcada. Propõe-lhe conversarem no dia seguinte, às 10h, no seu gabinete.</p>	

Diálogo 3	<p>Estavam todos à espera do Rui para dar início à reunião.</p> <p>Ao vê-lo entrar descontraidamente na sala, o chefe, irritado, perguntou-lhe se ele sabia que horas eram, acrescentado que estavam todos à espera dele.</p> <p>Dirigindo-se a todos os presentes, ele pede-lhes desculpa pelo atraso.</p>	
------------------	---	--

5. Trabalho de grupo:

5.1. Observe as imagens A e B. Escolha uma delas e recrie o diálogo (150-180 palavras).

5.2. Prepare a dramatização desse diálogo com os seus colegas.

Figura A



Figura B



6. Escute a música seguinte e descubra as palavras em falta.



Tu és mais forte

Boss AC

Tu _____ (1) muito mais
És forte, _____ (2) mas não _____ (3)
Mesmo que _____ (4) o mundo a ruir
Quando as nuvens passarem _____ (5) ver o sol a sorrir

A estrada não _____ (6) perfeita
Apenas uma vida, _____ (7)
Só _____ (8) se não _____ (9)
E não _____ (10) se _____ (11)

O que não mata engorda
Torna o _____ (12) sonho real, _____ (13)
_____ (14) as lágrimas e _____ (15)
_____ (16) o teu caminho e _____ (17)
A voz dentro de _____ (18)
As respostas que _____ (19), dentro de _____ (20)
_____ (21) em _____ (22) que tu és
Mais forte e _____ (23) o mundo a _____ (24) pés

Tu és mais forte e sei que no fim vais vencer

Sim, _____ (25) num novo amanhecer

Não _____ (26) medo, _____ (27) à rua e _____ (28) alguém

E vai correr bem, tu vais ver

Um dia tudo fará sentido
E _____ (29) ver que _____ (30) o prémio merecido
És o que és, não és o que _____ (31)
A _____ (32) essência não se define pelos _____ (33) bens

Às vezes as pessoas desiludem
Mas não _____ (34) em casa parado à espera que mudem
Muda tu rapaz
Muda a _____ (35) atitude, vais ver que és capaz

E nada _____ (36) pode parar
Os cães vão ladrar e a caravana a passar
O _____ (37) sorriso de vitória no rosto
Nem tudo é fácil mas assim dá mais gosto

Quando _____ (38) a força nunca se esgota
 Só a _____ (39) a vitória se souberes o que é a derrota
 Vais ver que no fim acaba tudo bem
 Sai à rua e abraça alguém

Tu és mais forte e sei que no fim vais vencer

Sim, _____ (40) num novo amanhecer

Não _____ (41) medo, _____ (42) à rua e _____ (43) alguém

E vai correr bem, tu vais ver

Tu és, tu és, tu és
 Mais forte e no fim vais vencer
 Tu és, tu és oh oh oh oh

Tu és mais forte e sei que no fim vais vencer

Sim, _____ (44) num novo amanhecer

Não _____ (45) medo, _____ (46) à rua e _____ (47) alguém

E vai correr bem, tu vais ver

Tu és mais forte e sei que no fim vais vencer

Sim, _____ (48) num novo amanhecer

Não _____ (49) medo, _____ (50) à rua e _____ (51) alguém

E vai correr bem, tu vais ver

6.1. Das seguintes pessoas, só uma, provavelmente, poderia ser o destinatário da mensagem que acabou de escutar. Identifique-a com uma cruz (X) e justifique a sua opção.

A	B	C
		
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.4. Nível B2⁴²

Destinatários: aprendentes adultos do nível de proficiência B2.

Objetivos gerais:

- ✓ compreender mensagens orais (textos publicitários, poemas, etc.);
- ✓ simular dramatizações;
- ✓ desenvolver o conhecimento lexical;
- ✓ produzir mensagens orais com um certo grau de espontaneidade e de à-vontade, fornecendo explicações e exemplos;
- ✓ compreender o sentido global de diferentes textos complexos sobre determinados assuntos;
- ✓ produzir mensagens/textos criativos;
- ✓ identificar temas e ideias principais em enunciados orais e escritos;
- ✓ refletir criticamente sobre algumas das diferenças existentes entre a sua comunidade e a comunidade da LA (valores, atitudes e costumes).

Objetivos específicos:

- ✓ utilizar corretamente as FT em PE;
- ✓ selecionar a(s) FT de acordo com os diferentes domínios (público, privado, escolar, profissional);
- ✓ identificar as estratégias linguísticas no uso das FT em PE capazes de evitar um certo mal-estar e desconforto;
- ✓ compreender como as FT constituem um traço distintivo da sociedade e da cultura portuguesa;
- ✓ refletir sobre outros *modus vivendi*;
- ✓ fomentar um intercâmbio cultural;
- ✓ contribuir para uma tomada de consciência intercultural;
- ✓ conhecer aspetos culturais da sociedade portuguesa: literatura, música e outras manifestações;
- ✓ comparar as FT em Portugal com as FT do seu país de origem;
- ✓ partilhar experiências;
- ✓ descrever, comparando, as FT em Portugal no presente e no passado;
- ✓ usar corretamente conteúdos gramaticais anteriormente apreendidos: determinantes possessivos; presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito simples e pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo; futuro e pretérito imperfeito do conjuntivo; pronomes pessoais, etc.

1. Visualize os vídeos promocionais que se seguem.

Publicidade 1	Publicidade 2	Publicidade 3
		

1.1. Identifique as formas de tratamento utilizadas.

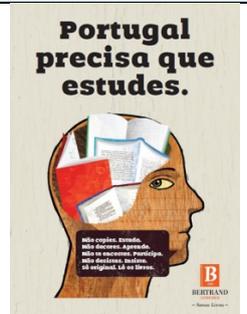
1.2. Invente um slogan para cada um dos artigos publicitados, utilizando as formas de tratamento (não pode repetir nenhum dos slogans escutados).

PUB.1 _____

PUB.2 _____

PUB.3 _____

2. Leia os slogans publicitários seguintes.

Publicidade 1	Publicidade 2	Publicidade 3
		

2.1. Considere as formas de tratamento usadas. O que têm em comum?

⁴² A correção encontra-se em anexo (anexo VI)

3. Leia o seguinte conto⁴³.

O SARGENTO QUE FOI AO INFERNO

Havia numa terra um sargento, que era muito bom rapaz. Naquela terra havia também um rico mercador que se tornou seu amigo, arranjou-lhe a baixa e tomou-o para seu empregado. Como o mercador tinha filhas, o sargento apaixonou-se por uma delas. Mas o mercador era muito desconfiado e nunca deixava sair as filhas de casa, mas pela grande confiança em que tinha o rapaz, quando lhe pediu a filha em casamento, ele consentiu. Tudo corria muito bem. Até que um dia foi representada uma peça de teatro naquela terra e, como as filhas desejavam vê-la, pediram ao sargento que pedisse ao pai que as deixasse ir com ele. O mercador ficou carrancudo, mas deu licença, dizendo:

- Deixo ir as minhas filhas com o senhor, mas com a condição que, quando der a última badalada da meia-noite, devem estar todas em casa.

Todos disseram que sim. Quase perto da meia-noite, o rapaz disse para a sua noiva que era bom regressarem a casa.

- Mais um bocadinho, mais um bocadinho...

Pede daqui. Pede dali, o certo é que já tinha dado meia-noite e eles ainda longe de casa.

15 Assim que o rapaz bateu à porta, esta abriu-se logo e o mercador começou a gritar, perguntando ao jovem se tinha sido assim que ele tinha cumprido as ordens que ele lhe tinha dado. Ordenou-lhe que logo tratasse de arranjar as suas coisas, pois aquela noite já não seria passada naquela casa.

- Ó senhor, então só por isto? E quando estava já para casar com a sua filha!

O velho respondeu-lhe que ele só teria uma forma de poder casar com a filha dele e de voltar para sua casa.

- Qual? – perguntou o rapaz.

Ele disse-lhe que fosse ao Inferno e lhe trouxesse três anéis que o Diabo tinha no corpo, dois debaixo do braço e outro num olho.

25 O rapaz achou aquilo impossível, mas que remédio teve senão pôr-se a caminho. Na primeira terra a que chegou, pregou um edital que dizia: “Quem quiser alguma coisa para o Inferno, amanhã parte um mensageiro.” Isto causou grande curiosidade, até que chegou aos ouvidos do rei, que mandou chamar o rapaz. O rei perguntou-lhe como é que ele ia ao Inferno e o jovem respondeu-lhe que ainda não sabia bem e que ele andava à procura dele; iria lá, desse por onde desse.

Dito isto, o rei pediu-lhe que, quando encontrasse o Diabo, lhe perguntasse se ele sabia de um anel de muito valor que ele tinha perdido.

Chegou o rapaz a outra terra e colocou o mesmo anúncio. O rei também o mandou chamar:

35 - Tenho uma filha que padece de uma doença muito grave, e ninguém lhe acerta com o mal. Já que vais ao Inferno, quero que saibas por lá onde é que está a cura – pediu-lhe o rei.

O rapaz partiu sempre à procura do Inferno e foi dar a uma encruzilhada com dois caminhos: um com pegadas de gente e outro com pegadas de ovelhas. Penso, pensou e, por fim, seguiu pelo caminho das pegadas de gente; ao meio dele, encontrou um ermitão, de barbas brancas, que rezava em umas camândulas enormes e que lhe disse:

- Ainda bem que escolheste este caminho, porque o outro levar-te-ia ao Inferno.

- Ó senhor! E eu há tanto tempo que ando à procura dele! – disse-lhe o rapaz.

O jovem contou-lhe todo o sucedido; o ermitão teve compaixão dele e disse-lhe que já que ele tinha de ir ao Inferno que fosse, mas que levasse sempre consigo aquelas contas, porque antes

- 45 de lá chegar tinha de passar um rio escuro, e havia de ser um pássaro que o havia de levar para o outro lado. Disse-lhe ainda que, quando o pássaro o quisesse afundar no rio, ele lhe jogasse contas ao pescoço. Daí em diante, não sabia mais o que lhe sucederia.
- Assim aconteceu. Chegado ao Inferno, o jovem sentiu um grande medo e viu para ali um forno vazio e escondeu-se dentro dele. Quando estava todo encolhido, passou uma velha muito velha e viu-o:
- O menino aqui! Ora, coitadinho, que é tão lindo; se o meu filho o visse, matava-o, com certeza. O que veio cá fazer?
- O rapaz contou tudo à mãe do Diabo; a velha teve pena dele e disse-lhe:
- 55 - Olhe, pois deixe-se ficar aqui escondido, porque eu não sei quando o meu filho virá; ele está a assistir à morte do Padre Santo, que está nas agonias, e quer-lhe apanhar a alma.
- O rapaz pediu à velha se conhecia as respostas às perguntas de que trazia encomenda. Quando estavam nestas conversas, chegou o Diabo bufando; a velha escondeu logo o rapaz e disse:
- Anda cá, filho, para descansares; deita-te aqui no meu colo.
- O Diabo deitou-se e adormeceu. A velha foi muito devagarinho com as unhas e arrancou-lhe um anel que tinha debaixo do braço. O Diabo mexeu-se desesperado, gritando:
- Isto o que é?
- Ai, filho, fui eu que me deixei dormir e dei uma pendedela em cima de ti. Estava a sonhar com aquele rei que perdeu o anel e que nunca mais o tornou a achar.
- Pois é verdade esse sonho – respondeu-lhe o filho. - Está debaixo de uma laje ao pé do repuxo do jardim.
- 65 O Diabo voltou a adormecer; a velha, sorrateira, arrancou-lhe o segundo anel e o Diabo voltou a acordar, desesperado.
- Tem paciência, filho; tornei a deixar-me dormir e a sonhar com a filha daquele rei que nenhum médico sabe curar – disse-lhe a mãe.
- Também é verdade; a doença dela é o sapo-papão, que está metido no enxergão – respondeu-lhe o Diabo que, entretanto, voltou a adormecer.
- Para arrancar o anel do olho é que foram os trabalhos. A velha tirou-o com um espéculo, e o Diabo, com a dor e zangado com as pendedelas, saiu porta fora. O rapaz recebeu tudo da velha; voltou para o mundo e foi entregar as contas ao ermitão. Depois passou pela terra do rei que tinha perdido o anel. Este deu-lhe muito dinheiro quando achou o anel debaixo da laje. A seguir, o jovem passou pela corte do rei que tinha a filha doente e disse-lhe onde estava o sapo-papão. A princesa melhorou imediatamente, e o rei pediu-lhe que dissesse a paga que queria.
- 75 Ele pediu ao rei que lhe desse o seu poder por oito dias.
- O rei mandou assim fez e o rapaz partiu logo para a terra do sogro e, mal lá chegou, deu ordem para o mercador lhe vir falar à sua presença dentro de meia hora. O rapaz disse-lhe que o podia mandar matar, por lhe ter desobedecido. O mercador, receoso, tentou explicar ao rapaz, agora senhor, o sucedido dizendo-lhe que não se tinha demorado por sua vontade.
- Pois sim. Mas por que não soube em tempos desculpar aquele pobre sargento que pôs fora de sua casa?
- 85 O mercador reconhecer, então, o antigo noiva da sua filha, que tinha ficado, desde então, inconsolável. Confessou o seu erro e pediu-lhe de joelhos mil perdões. O rapaz entregou-lhe

⁴³ Por razões de metodologia, o professor terá solicitado aos alunos (como trabalho de casa) a leitura integral deste conto. Essa atividade permitirá, entre outros aspetos, que os alunos analisem de forma autónoma algum do léxico do texto.

os anéis do Diabo e, nesse mesmo dia, casou com a filha do mercador, por quem tinha metido um pé no Inferno.

Contos Tradicionais do Povo Português, Teófilo Braga (adaptado)

3.1. Passe para discurso direto as passagens sublinhadas.

3.2. Em grupo, prepare a dramatização do texto⁴⁴.

4. Escute atentamente os dois vídeos seguintes. Tendo em conta que ambos apresentam cenas da vida quotidiana, procure identificar o que os distingue do ponto de vista linguístico.

<u>Conta-me como foi</u>	<u>Bem-vindos a Beirais</u>
	

4.1. Expressão oral:

E no seu país? Qual a forma de tratamento que utiliza com os seus pais? Terá sido sempre assim?

5. Vai escutar um poema de Eugénio de Andrade.

5.1. Descubra as palavras em falta.



[Poema à mãe](#)

No mais fundo de _____ (1)

Eu sei que _____ (2) traí, mãe.

Tudo porque já não sou

O menino adormecido

No fundo dos _____ (3) olhos.

Tudo porque _____ (4)

Que há leitos onde o frio não se demora

⁴⁴ Caberá ao professor dividir o texto pelos diferentes grupos de trabalho.

E noites rumorosas de águas matinais.

Por isso, às vezes, as palavras que _____ (5) digo

São duras, mãe,

E o nosso amor é infeliz.

Tudo porque perdi as rosas brancas

Que apertava junto ao coração

No retrato da moldura.

Se _____ (6) como ainda amo as rosas,

Talvez não _____ (7) as horas de pesadelos.

Mas _____ (8) _____ (9) muita coisa;

_____ (10) que as minhas pernas cresceram,

Que todo o meu corpo cresceu,

E até o meu coração

Ficou enorme, mãe!

- _____ (11) - _____ (12) ouvir-me? –

Às vezes ainda sou o menino

Que adormeceu nos _____ (13) olhos;

Ainda aperto contra o coração

Rosas tão brancas

Como as que _____ (14) na moldura;

Ainda oiço a _____ (15) voz:

Era uma vez uma princesa

No meio do laranjal...

Mas - _____ (16) _____ (17) - a noite é enorme,

E todo o meu corpo cresceu.

Eu saí da moldura,

Dei às aves os meus olhos a beber.

Não me esqueci de nada, mãe.

Guardo a _____ (18) voz dentro de mim.

E deixo as rosas. Boa noite. Eu vou com as aves.

5.2. Reescreva, agora, o mesmo texto, considerando que o sujeito poético é o jovem Carlitos da série portuguesa “Conta-me como foi”.

3.5. Nível C1⁴⁵

Destinatários: aprendentes adultos do nível de proficiência C1.

Objetivos gerais:

- ✓ compreender as mensagens de programas televisivos (com apoio visual);
- ✓ simular interações verbais;
- ✓ interpretar em pormenor textos com diferentes graus de dificuldade, reconhecendo os seus significados implícitos;
- ✓ alargar o conhecimento lexical;
- ✓ produzir textos escritos (ex. carta formal);
- ✓ interagir autónoma e fluentemente em situações de comunicação oral, expressando opiniões e ideias com precisão;
- ✓ argumentar com convicção e espontaneidade;
- ✓ interpretar enunciados orais;
- ✓ compreender aspetos socioculturais da LA;
- ✓ desenvolver o pensamento crítico.

Objetivos específicos:

- ✓ refletir criticamente sobre o papel crucial das FT nas relações interpessoais;
- ✓ expressar o seu ponto de vista relativamente à enorme variedade de FT em PE;
- ✓ reconhecer e respeitar convenções sociais diferentes;
- ✓ referir algumas diferenças nos hábitos sociais e profissionais;
- ✓ usar corretamente as fórmulas de abertura e de fecho de cartas formais;
- ✓ apresentar a sua opinião sobre a mudança social em Portugal no que diz respeito às FT;
- ✓ promover, através da partilha de experiências, o respeito pela diversidade cultural, pelo Outro;
- ✓ usar corretamente as estruturas gramaticais e lexicais: coesão referencial (cadeias de referência: pronominais, nominal e adverbial); coesão intrafrásica e interfrásica (conectores de coordenação e de subordinação).

⁴⁵ A correção encontra-se em anexo (anexo VII).

1. Trabalho de grupo.

1.1. Leia o texto publicitário seguinte e identifique as formas de tratamento referidas.

«Se calhar tu ainda te achas nova, mas já está na altura de começares a poupar para a reforma. Não tarda nada, já estou a tratá-la por você. E nessa altura, o melhor é você já ter algum de parte. É a melhor maneira de prevenir que, quando a senhora começar a ser tratada por senhora, terá um nível de vida a que estava habituada quando era tratada por você ou por tu, minha senhora. No BES, há soluções de reforma que mudam contigo, aliás, consigo, perdão, com a senhora. Não é por acaso que somos líderes. Soluções de reforma BES. Quem sabe, sabe. E tu, você ou a senhora é que sabem.»

1.2. Recrie, com os colegas do seu grupo, um diálogo onde utilizem essas formas de tratamento.

2. Leia o texto.

Morte aos doutores!

Segundo ouvi na rádio, não foram mencionados os títulos académicos dos novos ministros e secretários de Estado durante a tomada de posse do novo Governo. Tentei depois procurar confirmação na imprensa escrita, mas não vi qualquer menção a este facto.

5 *A ser verdade, é uma revolução. Por ter acontecido e por não ter sido notado, o que significa que pode estar em vias de normalização o tratamento igualitário e republicano pelo nome próprio.*

Ainda há semanas, na tomada de posse do penúltimo Governo, tive pena dos fugazes ministros e secretários de Estado cujos nomes foram precedidos, na leitura protocolar, por extensos professores e doutores e professores doutores engenheiros. Em vez de enobrecer os futuros governantes, a pompa e a titulação tornava-os ridículos. Demoraram mais tempo a ser empossados do que a conhecer os dossiers do ministério.

15 *A utilização excessiva de títulos académicos em Portugal é não só desnecessária como perniciosa. Remete para um tempo em que o título académico era raro e servia como forma de distinção para uma elite que, ao invés de puxar a maioria do país para cima, o empurrava para baixo. Com a democratização do ensino superior, essa mesma elite queixava-se até que havia “doutores a mais”, o que dificultava a tal distinção ao passo que nos ambientes profissionais o resto da população utilizava “doutores e engenheiros” como uma forma veladamente insultuosa de destratar os superiores hierárquicos todos por igual. A insistência nos títulos como forma de tratamento é servil, trabalhosa e repetitiva. É, além disso, uma marca de que se preza o estudo e o conhecimento não por si mesmos mas por todas as razões erradas.*

25 *Nunca nada recomendou este costume mas, com a generalização do acesso ao ensino superior, ele é simplesmente impossível de seguir. Talvez por isso, os títulos passaram agora a ser dispensados por comentadores e jornalistas através de critérios já não académicos, mas de geração, poder ou reverência, com ou sem intenção política, mas de forma cada vez mais arbitrária. Marcelo Rebelo de Sousa, que tem um doutoramento, é “o Professor Marcelo”. Mas António Sampaio da Nóvoa, que tem dois doutoramentos, é simplesmente “Sampaio da Nóvoa”. Há uns tempos fui a debates com Marinho Pinto e Joana Amaral Dias. Marinho Pinto, que é advogado, era tratado por “o Doutor Marinho e Pinto”. Joana Amaral Dias, psicóloga, era “a Joana”. Vamos simplesmente acabar com isto, e de uma vez por todas?*

O herói que teve “razão antes de tempo” nesta história foi o ex-Ministro da Economia do antepenúltimo Governo, Álvaro Santos Pereira, cuja insistência em ser tratado somente por “Álvaro” lhe valeu na altura uma risada geral. Como se se tratasse de um idiota um homem que queria, honra lhe seja feita, deixar bem claro que não era mais do que os outros.

35 *Já que esse bom exemplo não transitou do antepenúltimo Governo para o penúltimo, ao menos que o sinal dado pelo agora Governo na sua tomada de posse se torne regra e faça história também neste particular. Teremos assim a primeira ministra negra, a primeira secretária de Estado cega, o primeiro secretário de Estado cigano – e o primeiro Governo sem doutores.*

Rui Tavares in *Público*, 30/11/2015

- 2.1. A partir de uma análise mais cuidada do texto, reflita sobre o contributo do mesmo para uma caracterização da sociedade portuguesa atual. Apresente oralmente as suas conclusões à turma.
- 2.2. Procure fazer uma análise comparativa entre as formas de tratamento abordadas no texto e as formas de tratamento da sua língua materna. Quais as principais diferenças e semelhanças?
3. **Veja atentamente o excerto do programa “[Esmiúça os sufrágios](#)”, onde o apresentador (Ricardo Araújo Pereira) entrevista Joana Amaral Dias, uma deputada portuguesa.** 
- 3.1. Durante a entrevista, notou alguma assimetria relativamente ao uso das formas de tratamento? Se sim, qual?
4. **Leia o seguinte texto.**

Senhoras donas, por favor!

Cada país (cada língua, cada cultura) tem a sua maneira específica de se dirigir às pessoas. Mal passamos Vilar Formoso, logo toda a gente se trata por tu, que os espanhóis não são de etiquetas nem de salamaleques.

Mas nós não somos espanhóis.

- 5 *Também não somos mexicanos, que se tratam por "Licenciado" Fulano. Nem alinhamos com os brasileiros, para quem toda a gente é "Doutor", seguido do nome próprio: Doutor Pedro, Doutor António, Doutor Wanderlei, etc.*

Por cá, Doutor é seguido de apelido, e as mulheres, depois de passarem por aqueles brevíssimos segundos em que são tratadas por "Menina", passam de imediato-sejam casadas, solteiras, viúvas ou amigadas, sejam velhas ou novas, gordas ou magras, feias ou bonitas, ricas ou pobres -à categoria de "Senhora Dona".

- 15 *Mas parece que uns estranhos ventos sopraram pelas cabeças das gerações mais novas que fizeram o "dona" ir pelos ares ou ficar no tinteiro. Quando recebo daqueles telefonemas que me querem impingir tudo o que se inventou à face da terra - desde "produtos" bancários que me garantem vida farta, até prémios que supostamente ganhei por coisas a que nunca concorri - sou logo tratada por "Senhora Alice." Respondo sempre: "trate-me por tu, se quiser; ou só pelo meu nome, se lhe apetecer; mas nunca por Senhora Alice".*

Mas o cérebro destes pobrezinhas não foi formatado para encontrar resposta a estas coisas, e exclamam logo: "ah, então não é a Senhora Alice que está ao telefone!"

Eu sei que isto não é uma coisa importante, mas que é que querem, irrita-me quando oiço este tratamento dado às mulheres.

Tal como me irrita quando vejo/oiço um jornalista tratar por você alguém com o dobro da idade dele.

- 25 *É uma questão de delicadeza. De respeito. E de saber falar português. Três coisas-admito-completamente fora de moda.*

Pois qual não é o meu espanto quando, aqui há dias, na televisão, oiço o Senhor Primeiro Ministro referir-se assim à mulher (também odeio a palavra "esposa"...) do Comendador Manuel Violas. "A Senhora Celeste..." (não sei se é este o nome da senhora, mas adiante).

30 *Fico parva. Nos cursos todos que tirou, ninguém lhe ensinou que as senhoras são todas "Senhoras Donas"?*

Parafraseando livremente o nosso Augusto Gil, "que quem trabalha num call-center nos faça sofrer tormentos... enfim! / Mas o Primeiro Ministro, Senhor? Por que nos dás esta dor? Por que padecemos assim?"

Alice Vieira in *Jornal de Notícias*, 28/09/2008

- 4.1. Aponte uma diferença entre o PE e o espanhol tendo por base as formas de tratamento utilizadas.
- 4.2. Explique a posição tomada pela autora relativamente à forma de tratamento "Senhora Dona".
- 4.3. A autora identifica algumas formas de tratamento em PE que lhe causam alguma estranheza. Identifique-as.

5. Leia o texto.

A maléfica conspiração das formas de tratamento do português

5 *Nas conversas de café, quando vem à baila o inevitável debate sobre o estado da nação, corre à boca pequena que um dos problemas de Portugal é não sabermos trabalhar em equipa. Não pretendendo descobrir o ovo de Colombo, arrisco que talvez a dificuldade não resida tanto na formação da equipa em si, mas mais na comunicação entre os seus membros. Parece que quando se convencionaram as formas de tratamento na língua portuguesa, alguém com más intenções conspirou para tornar impossível qualquer tipo de simplicidade prática no trato. E depois deu nisto. Com tantos pró-formas e salamaleques, perde-se tempo e forças a pensar como deverá tratar-se a pessoa que está ante nós, ao invés de nos debruçarmos em conjunto sobre os problemas.*

15 *O próprio conceito de formas de tratamento constitui uma antítese daquilo que será o trabalho em equipa, que pressupõe uma certa igualdade entre os membros. Ora, essa igualdade é sabotada a partir do momento em que nos perdemos entre os «senhor doutor», «senhora engenheira», «senhor», «senhora dona», «dona» e o diabo a quatro. Tudo partindo do princípio que cada um sabe as regras implícitas. Caso não saiba ou caso esteja mais concentrado em executar tarefas do que em afagar egos, existirá sempre alguém que irá prontamente esclarecê-lo. Lamento pois dizê-lo, mas perante a análise empírica dos factos, não me resta senão concluir que podemos bater o punho quanto quisermos, enquanto não batermos o punho a esta pronominal confusão, continuaremos na nossa sociopatia muito pouco funcional.*

25 *Sociopatia, sim, que, nos dias que correm, a multiplicidade de formas de tratamento em que se desdobra a língua portuguesa não é nem sinal de riqueza de relações entre as pessoas nem sinal de riqueza linguística. É sinal de que algo vai tão mal entre nós que temos de erigir muros e barreiras disfarçados de pronomes e títulos académicos. De um lado, o condomínio fechado dos senhores doutores, do outro, o gueto dos senhores só, ponto final. Porque é que não podemos ser simplesmente «Ana», «Maria», «João»? Por que carga de água temos de ter algo antes de sermos algo? Ao darmos desmedida importância e destaque ao que importa pouco, vemos depois os figurões tristes dos que, para saírem do que sentem ser a pobreza*

franciscana do senhor só, arranjam cursos da Farinha Amparo para que possam ser doutores da mula ruça.

35 *Mas a confusão não diminui quando passamos para a informalidade. O proverbial «você» anda à solta como se não houvesse amanhã. A confusão no seu uso já nasceu com o próprio. Derivado de um reverencial «Vossa Mercê», veio substituir um mal-amado «Vós» e a redundar naquilo que ouvimos hoje. Não é de espantar, por isso, que muitos pensem que chamar alguém de «você» é coisa boa. Por mim, podia perfeitamente ceder o seu lugar ao «tu» ou ao nome próprio. Não é que eu tenha alguma coisa contra as formas de tratamento do português. O que me incomoda é quando algo tão natural como a língua se torna uma coisa que concorre para a separação, ao invés de concorrer para a comunicação.*

Não deixa de ser interessante e algo esquizofrénico que, numa sociedade que parece querer esmear e diferenciar tanto os seus interlocutores, uma boa parte deles não conheça com clareza as regras para o uso correcto das formas de tratamento. Também, são tantas e tão complicadas, que ninguém poderá criticá-los. Se mesmo diferentes somos todos iguais, então há qualquer coisa aqui que não bate certo. Das duas uma, ou mentimos com quantos dentes temos na boca ou andamos a enganar-nos a nós próprios. A bem da nação, simplifique-se, pois, o trato e trate-se de encontrar o substrato.

Ana Bacalhau in *Diário de Notícias*, 27/07/2012

- 5.1. A partir de uma análise atenta do texto, apresente a definição que a autora propõe para *Formas de Tratamento* em Português.
 - 5.2. Para a autora, as Formas de Tratamento em PE originam muitas vezes confusões e mal-entendidos. Concorda com esta afirmação. Justifique.
6. **Leia o seguinte texto de Mário Dionísio⁴⁶ ([O meu reino \(se o tivesse\) por um cavalo de pau](#)) e procure responder às perguntas de interpretação.** 
- 6.1. Identifique o narrador do texto.
 - 6.2. Qual a posição do narrador relativamente às formas de tratamento do Português Europeu? Justifique com frases do texto.
 - 6.3. Qual o motivo para a vendedeira (senhora Josefa) não poder ser tratada por *Dona Josefa* ou *Senhora Dona Josefa*?
 - 6.4. Contrariamente ao que seria previsível, há uma forma de tratamento que, de acordo com o narrador, está a ganhar cada vez mais importância junto dos falantes portugueses. Identifique-a.
 - 6.5. Muitas vezes, essa forma de tratamento traz consigo alguma ironia. Imagine um exemplo.
 - 6.6. De acordo com o texto, esclareça o uso de *esposa*, *mulher* e *sua senhora*.

⁴⁶ A leitura integral deste texto já fora solicitada pelo professor como trabalho de casa.

- 6.7. O narrador refere um diálogo ocorrido numa embaixada. Concorde tratar-se de um diálogo com marcas de deferência? Justifique com elementos textuais.
- 6.8. Atente na frase: “Quem não quer ser «doutor», ainda que só «dr.» - vantagens do código oral sobre o código escrito?”. Esclareça a afirmação anterior.
- 6.9. Qual é a forma de tratamento que parece ser capaz de abrir muitas portas, facilitando coisas, diminuindo ou aumentando prazos? Dê alguns exemplos dessa “benesse”.
7. **Expressão oral: observe o [vídeo](#) seguinte. De que maneira ele está relacionado com o texto de Mário Dionísio?** 
8. **Depois de ler o texto de Miguel Esteves Cardoso ([As cartas portuguesas](#)), escreva uma carta ao Diretor da sua faculdade. Nessa carta, deve apresentar uma reflexão crítica sobre o funcionamento do seu curso (180-210 palavras).** 

Considerações finais

Há sociedades que estão na Idade da Pedra, mas não existe uma língua que esteja na Idade da Pedra⁴⁷.

Steven Pinker (1995: 27, tradução nossa)

Com este trabalho, pretendemos refletir sobre a importância da Pragmática nas aulas de PL2. Norteadas por esse objetivo, e tendo em conta a temática do nosso trabalho, procurámos perceber o(s) motivo(s) que fazem das FT um dos conteúdos programáticos que mais obstáculos colocam aos aprendentes de Português Língua Não Materna (PLNM).

Como tivemos a oportunidade de demonstrar no capítulo 2, essa complexidade advém não apenas da vasta gama de possibilidades que o falante de PE tem ao seu dispor, mas também da dificuldade em se optar pela FT que melhor se adequa ao contexto situacional. Essa escolha é controlada pela análise que o falante faz do contexto, sendo que cada situação de interlocução é única. Deste modo, a escolha de uma FT tem muito de pessoal e será, do nosso ponto de vista, fortemente determinada pelo valor (pragmático) que cada locutor atribui a essa forma. Por outro lado, a FT escolhida pelo locutor vai também acabar por produzir um conjunto de efeitos no alocutário, permitindo que este se situe na complexa teia de papéis que a comunicação verbal envolve. Desta forma, subjaz a essa escolha a avaliação que o locutor faz, por exemplo, de valores sociais, familiares e profissionais.

“Todo o falante reconhece, mais ou menos empiricamente, que sempre que codifica ou interpreta uma frase da sua língua faz uso de determinados conhecimentos que lhe são facultados pela situação em que a frase é usada, pois tem como dado adquirido que a comunicação linguística não existe fora de um contexto particular, motivado pela interação social.” (Gouveia, 1996: 383).

Considerando o exposto, não bastará aprender o leque bastante diversificado de FT que o PEC oferece. É necessário sabê-las utilizar de forma eficiente, uma vez que o uso inadequado deste

⁴⁷ “There are Stone Age societies, but there is no such thing as a Stone Age language” (Pinker, 1995: 27).

item pode condicionar a integração numa determinada comunidade. Efetivamente, nas FT, e não só, cruzam-se aspetos linguísticos e extralinguísticos: a adequação ao alocutário, o cuidado em não ameaçar a face deste, o conhecimento das práticas rituais de cortesia da comunidade.

A forma como expressamos sentimentos e emoções, o modo como nos cumprimentamos, as FT usadas entre interlocutores, o tipo de léxico que escolhemos, tendo em conta a natureza mais formal ou informal do contexto situacional, são tudo elementos que refletem regras socioculturais a considerar nos atos discursivos.

Ao longo deste trabalho, verificámos uma vez mais como o ensino de uma língua se cruza, inevitavelmente, com a transmissão de aspetos culturais subjacentes ao uso dessa LA. Exemplo disso é o que se verifica com as FT em PE, pois só as conseguimos compreender e aplicar corretamente se tivermos em conta algumas das especificidades da sociedade portuguesa, uma sociedade ainda bastante hierarquizada.

Considerando precisamente esta questão, foi-nos possível verificar como as FT acompanham o evoluir da própria sociedade. Este aspeto vai, aliás, ao encontro da citação em epígrafe. Efetivamente, podemos constatar uma generalização dos tratamentos menos formais, sendo legítimo considerar que os portugueses estão atualmente mais recetivos às tendências de simetria discursiva.

Outro exemplo que ilustra bem as mutações que estão a ocorrer no plano social e que acabam por deixar marcas nas FT, diz respeito ao uso (ainda instável) da FT *Você*. De facto, verificámos que a sua utilização varia de falante para falante, suscitando muitas vezes sentimentos contraditórios. Tal como referimos anteriormente (capítulo 2), consideramos que é nosso dever alertar os aprendentes para esta questão e muni-los de estratégias discursivas alternativas, nomeadamente a omissão do pronome.

São muitos os aprendentes de PLNM que revelam desvios no uso adequado das FT em PE. Tal constatação motivou a realização deste trabalho, norteado pelo objetivo central de construir materiais didáticos capazes de melhor prepararem os nossos aprendentes nesta área tão sensível.

Bibliografia

- BARRETO, António (1996) “Três décadas de mudança social”. In Barreto, A., (org.): *A situação social em Portugal, 1960-1995*. Lisboa Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, p. 35-60.
- BENVENISTE, Émile (1979). *Problèmes de Linguistique générale*, I e II. Paris: Gallimard, 1966, p. 236-250.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (1972-1973). *Formas de tratamento e estruturas sociais*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Marília, p. 239-381.
- BROWN, Penelope e LEVINSON, Stephen (1987). *Politeness. Some Universals in Language Usage*. Cambridge University Press. Cambridge, 91-227.
- BROWN, Roger e GILMAN, Albert (1960). “The Pronouns of Power and Solidarity”. In Sebeok, A. Thomas (Org.). *Style in Language*. Cambridge, Mit Press, p. 253-276.
- CARREIRA, M. Helena Araújo (1997). *Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités em portugais*. Louvain – Paris: Éditions Peeters, p. 28-87.
- _____ (2001). *Semântica e discurso, estudos de Linguística Portuguesa e Comparativa (Português/Francês)*. Porto: Porto Editora, p. 52-58, 257-263.
- _____ (2002). “La designation de l'autre en portugais européen: instabilités linguistiques et variations discursives” In *Instabilités linguistiques dans les langues romanes, Travaux et Documents*. 16 (org. Carreira, Maria Helena Araújo), Paris: Université Paris 8, p. 173-184.
- _____ (2004). *Les formes d'allocution du portugais européen: valeurs et fonctionnements discursifs*. Franco-British Studies, p. 35-45 (Disponível no sítio do Instituto Cervantes de Paris http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_araujo.pdf. Último acesso: 10/01/2017).
- _____ (2007). “Le pronom d'adresse portugais «você»: valeurs et évolution”. In Cuniță, A.; Lupu, C.; Tasmowski (Eds.), *Studii de lingvistică și filologie romanică. Hommages offerts à Sandra Reinheimer Rîpeanu*. București: Editura Universităţii din București, p. 15-19.
- _____ (2009). “Qualification et adresse: complexité modale et enjeux interlocutifs. L'exemple du Portugais”, In *Synergies Pologne* n°6.
- CARVALHO, Ana Amélia Amorim Soares (1993). *Materiais Autênticos no Ensino das Línguas Estrangeiras*; Revista Portuguesa de Educação, 6 (2), Universidade do Minho, p. 117-124. (Disponível em: repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/518. Último acesso: 28/03/17).

CINTRA, Luís Filipe Lindley (1967). “Origens do sistema de formas de tratamento do português actual”, in: Brotéria (Lisboa), LXXXIV, n.º1, p. 49-70.

_____ (1986). *Sobre «Formas de Tratamento» na Língua Portuguesa*. 2.ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, p. 7-42.

CONSELHO DA EUROPA (2001), Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação, Porto, Edições Asa.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís Filipe Lindley (2013). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 20.ª edição, Edições João Sá da Costa, Lisboa, p. 351-457.

DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO [em linha], Direção-Geral de Educação (<http://dt.dge.mec.pt/> Último acesso: 21/04/17).

DUARTE, Inês (2001). “A Formação em Língua Portuguesa na dupla perspectiva do formando como utilizador e como futuro docente da língua materna” In Sim-Sim, Inês (org.), *A Formação para o Ensino da Língua Portuguesa na Educação Pré-escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*, Cadernos de Formação de Professores, n.º2, p.27-34.

DUARTE, Isabel M. (2008). “Termes d’adresse, modalisation et discours rapporté en portugais” In: Carreira, Maria Helena Araújo (org.). «Mignonne, allons voir si la rose...» Termes d’adresse et modalités énonciatives dans les langues romanes, in *Travaux et Documents*, p. 333-349.

_____ (2010), “Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna” In Brito, Ana Maria (org.). *Gramática: História, teorias, aplicações*. Porto: Faculdade de Letras, 2010, p. 133-146 (Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/25334> Último acesso: 8/02/2017).

_____ (2011), *Formas de Tratamento em Português. Entre léxico e discurso*, Rio de Janeiro, v.18 n.28, p.84-101 (Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/75411> Último acesso: 26/01/2016).

_____ (2015). *Textos orais: análise da conversa informal e ensino do Português Língua Estrangeira*. Todas as letras Y, São Paulo, v.17, n.º 1, p. 56-72.

ELLIS, Rod (1997) *Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, p. 43-50.

_____ (2008). *Principles of instructed language learning* (Disponível em: <http://www.cal.org/resources/digest/instructed2ndlang.html> Último acesso: 17/03/2017).

FIGUEIREDO, Olívia (2010), *A língua como acto e como atitude. Da competência comunicativa às convenções culturais*. In *Limite*. N.º 4. Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Centro de Linguística da Universidade do Porto, p. 167-180.

FILLMORE, Charles. J. (1971). *Lectures on Deixis*. Stanford, Calif.: CSLI Publications, 289-306.

- FLORES, Cristina (2013). Português Língua Não Materna: discutindo conceitos de uma perspetiva linguística. In: Rosa Bizarro, Maria Alfredo Moreira & Cristina Flores (coord.), *Português Língua Não Materna: Investigação e Ensino*. Lisboa: Lidel, p. 36-46. (Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/23009> Último acesso: 21/04/17).
- FONSECA, Fernanda Irene (1992). *Deixis, Tempo e Narração*, Porto, Fund. Eng. António de Almeida, p. 15-21.
- _____. (1996). “Deixis e pragmática linguística”, In *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Org. de Isabel Hub Faria [et al.]. Lisboa: Caminho, p. 437-445.
- GOUVEIA, Carlos (1996). “Pragmática”, In *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* Org. de Isabel Hub Faria [et al.]. Lisboa: Caminho, p. 383-419.
- _____. (2008). “As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em português europeu” In Duarte, I. M.; Oliveira, F. (Eds.) *O fascínio da Linguagem*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 91-100.
- GYULAI, Éva (2001). *Abordagem das formas de tratamento nas aulas de Português Língua Segunda/Língua Estrangeira*. Relatório de Estágio, Universidade de Porto.
- HAMMERMÜELLER, Gunther (1993). *Die Anrede im Portugiesischen. Eine soziolinguistische Untersuchung zu Anderkonventionen und Portugiesischen*, Chemnitz, Nov Never Verlag (*L'adresse en portugais. Une recherche sociolinguistique des conventions et des formes d'adresse du portugais européen contemporain*. Tradução de Carreira) [Tese de doutoramento submetida à Universidade de Kiel em 1992].
- _____. (2004). *Adresser ou éviter, c'est la question... Comment s'adresser à quelqu'un en portugais sans avoir recours à un pronom ou à une autre forme équivalente*. Sítio do Instituto Cervantes de Paris. (Disponível em: http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_hammermueller.pdf Último acesso: 29/03/2017).
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1992). *Les interactions verbales*. Vol. 2, Armand Colin. Paris, p. 9-155.
- _____. (2008). *Les formes nominales d'adresse em français: variations intraculturelles et interculturelles*. In: CARREIRA, Maria Helena Araújo (org.). “Mignonne, allons voir si la rose...” Termes d'adresse et modalités énonciatives dans les langues romanes, Travaux et Documents, p. 391-412.
- LEIRIA, Isabel (2004). *Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino*. In: *Idiomático. Revista Digital de Didáctica de PLN*, n.º 3. Centro Virtual Camões. (Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/03/portuguesLSeLE.pdf> Último acesso: 18/04/2017).
- LEŠKOVÁ, Jana (2012). *As formas de tratamento em Português Europeu*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Palacky, Olomouc, República Checa.
- LEVINSON, Stephen. C. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 54-94.

- LIMA, José Pinto de (2006). *Pragmática Linguística*. Lisboa: Caminho, Col. O Essencial sobre Língua Portuguesa, p. 85-98.
- LYONS, John (1977). "Deixis, space and time" In *Semantics*. Vols 2. Cambridge: Cambridge University Press, 636-724.
- MACEDO, Jorge Borges (1983). "Não estão a assassinar o português!", In Moura, Vasco Graça (ed.), *Estão a Assassinar o Português! 17 Depoimentos*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, (Col. Temas Portugueses), p. 53-61.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et aliae* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 5.^a edição revista e aumentada.
- _____ (2005). "A mudança da língua no tempo e no espaço". In: Mateus, Maria Helena Mira e Fernanda Bacelar do Nascimento (orgs.) *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Editorial Caminho, p. 15-30.
- MEDEIROS, Sandi Michele de Oliveira (1985). *A model of address form negotiation: a sociolinguistic study of continental Portuguese*. Tese de Doutoramento. University of Texas at Austin.
- _____ (2009). "Negotiating Identity, Conflict, and Cooperation within a Strategic Model of Address" in *The ISA Handbook in Contemporary Sociology: Conflict, Competition, Cooperation*, A. Denis e D. Kalekin-Fishman (eds.), SAGE Publications: London, p. 416-432.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2008). *Orientações Programáticas de Português Língua Não Materna (PLNM). Ensino Secundário*. Leiria (org.). Lisboa: DGIDC.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2011). *Quadro de Referência para o Ensino do Português no Estrangeiro (QuaREPE)*. M.J.Grosso (org.). Lisboa: DGIDC/GAERI.
- MOESCHLER, Jacques E REBOUL, Anne (1994). *Dictionnaire encyclopédique de pragmatique*, Paris, Editions du Seuil, p. 17-41.
- MOURA-NEVES, Maria Helena (2000). *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, p. 449-471.
- PINKER, Steven. (1995). *The Language Instinct: the New Science of Language and Mind*. New York: HarperPerennial, p. 25-54.
- RAPOSO, Eduardo B. Paiva *et al.* (2013). *Gramática do Português*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, p. 899-902.
- REINHEIMER RÎPEANU, Sanda e TASMOWSKI, Liliane (2005). *Pratique des langues romanes II. Les pronoms personnels*. Paris: L'Harmattan, p. 76-79.
- SARAIVA, M. de Conceição P. (2002). *Estudo de Formas de Tratamento no Português Europeu Contemporâneo: contributos para um manual didáctico*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, p. 123-133.

- SONSOLES, Fernández (2003). *Propuesta curricular y marco común europeo de referencia: desarrollo por tareas*. Madrid: Editorial Edinumen, p. 26-29.
- THOMÉ-WILLIAMS, Ana Clotilde (2004). “Sociolinguistic aspects of forms of address in Portugal and Brazil: TU or VOCÊ”. In *Intercultural Communication Studies XIII:3*, University of Illinois at Urbana-Champaign, p. 85-99.
- VILLALVA, Alina (2003). *A face linguística das relações de poder*. *Notícias da Amadora*, 27 de Março de 2007 (Disponível em: <http://64.71.144.19/nad/artigo.php?aid=1878&coddoss=72>. Último acesso: 19/04/2017).

Anexos



Inquérito

Este inquérito faz parte de um trabalho de investigação sobre as formas de tratamento em Português Europeu Contemporâneo e a sua correta utilização por aprendentes estrangeiros no âmbito da disciplina de *Usos da Língua Portuguesa* do Curso de 2.º Ciclo em PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA E LÍNGUA SEGUNDA.

A sua contribuição é extremamente útil.

Desde já, os nossos mais sinceros agradecimentos pela colaboração prestada.

Dados do Informante

Nacionalidade: _____

Sexo: M F

Naturalidade: _____

Profissão: _____

Idade:

18 aos 29 anos 30 aos 44 anos 45 aos 54 anos + de 55 anos

Habilitações Literárias

1.º ciclo 2.º e 3.º ciclo ensino secundário Licenciatura

Mestrado Doutoramento

Atividade 1

Imagine que está no centro da cidade a passear e necessita de perguntar as horas a uma pessoa desconhecida. O que diria nessa situação?

Vós tendes horas?

Tens horas?

Você tem horas?

Tem horas?

O senhor/ A senhora tem horas?

O amigo tem horas?

Atividade 2

Imagine agora a mesma intenção comunicativa da atividade anterior, mas agora está acompanhado por um amigo que lhe pode dar a informação de que precisa. Como é que lhe faria a pergunta?

- Tu tens horas?
- António, tens horas?
- Tens horas?

Atividade 3

Considere agora a seguinte situação: É aluno de uma determinada disciplina do ensino universitário e está com alguma dificuldade para perceber o que o professor escreveu no quadro, pois não há luz suficiente na sala. O que diria ao professor?

- O professor pode ligar as luzes?
- Professor, pode ligar as luzes?
- Pode ligar as luzes?
- O senhor pode ligar as luzes?
- Você pode ligar as luzes?
- O senhor professor pode ligar as luzes?

Atividade 4

Imagine que está na fila de uma tabacaria e um transeunte lhe pergunta se tem lume. Como prefere ser tratado(a)?

- Tem lume?
- O senhor tem lume?
- Você tem lume?
- Tens lume?

Atividade 5

Sente algum mal-estar quando alguém com quem não tem uma relação próxima o trata pela forma pronominal “você”?

- sim não às vezes

Atividade 6

Sente alguma relutância em tratar uma pessoa por “você”?

- sim não às vezes

Muito obrigado pela colaboração!



Português Língua Estrangeira
Ficha Informativa: As formas de tratamento em PEC_A1

A1		Formas de Tratamento em PEC		
				Obs.
 + I N F O R M A L I D A D E -- -- ↓ -- + 	<ul style="list-style-type: none"> Tu⁽ⁱ⁾ + verbo 2.^a pessoa informal singular. 	<i>Tu tomas um café?</i>	(i) É importante distinguir a 2. ^a pessoa informal singular da 2. ^a pessoa formal singular. <i>Tu</i> e <i>Você</i> são formas de tratamento que apontam mais para o destinatário.	
	<ul style="list-style-type: none"> Vocês + verbo 2.^a pessoa plural. 	<i>Vocês tomam um café?</i>		

FORMAS PRONOMINAIS

<p style="text-align: center;">+ -</p> <p style="text-align: center;">I N F O R M A L I D A D E</p> <p style="text-align: center;">- +</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formas de elevada consideração e respeito + verbo na 2.ª pessoa formal singular^(v). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Excelentíssimo(a)</i> ▪ <i>Senhor (a)</i> ▪ <i>Meritíssimo(a) juiz (a)</i> ▪ <i>Vossa majestade</i> ▪ <i>Magnífico reitor</i> 	<p>(v) FT utilizadas em situações protocolares e em contextos muito específicos.</p>	<p style="margin: 0;">F O R M A S</p> <p style="margin: 0;">N O M I N A I S</p>
--	--	--	--	---

		Obs.	
 + -- I N F O R M A L I D A D E F O R M A L I D A D E -- + 	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa informal singular 	<i>Tomas um café?</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa plural 	<i>Tomam um café?</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa formal singular⁽ⁱ⁾ 	<i>Toma um café?</i>	(i) Forma de tratamento que não causa desconforto. Estratégia que evita mal-entendidos. Tratamento Formal Consensual.

F O R M A S V E R B A I S



FLUC FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Português Língua Estrangeira
Ficha Informativa: As formas de tratamento em PEC_A2

A2	Formas de Tratamento em PEC			FORMAS PRONOMINAIS
 + -- I N F O R M A L I D A D E -- + 			Obs.	
		<ul style="list-style-type: none"> Tu⁽ⁱ⁾ + verbo 2.^a pessoa informal singular. 	<p><i>Tu tomas um café?</i></p>	<p>(i) É importante distinguir a 2.^a pessoa informal singular da 2.^a pessoa formal singular. <i>Tu</i> e <i>Você</i> são formas de tratamento que apontam mais para o destinatário.</p>
	<ul style="list-style-type: none"> Vocês + verbo 2.^a pessoa plural. 	<p><i>Vocês tomam um café?</i></p>		

<p style="text-align: center;">+ -- I N F O R M A L I D A D E F O R M A L I D A D E - +</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A + Dona + nome próprio + verbo na 2.ª pessoa formal singular. <i>A Dona Joana toma um café?</i> ▪ A + Senhora + Dona + nome próprio + verbo na 2.ª pessoa formal singular. <i>A Senhora Dona Isabel toma um café?</i> ▪ Senhor (a)+ nome próprio seguido de vírgula + verbo na 2.ª pessoa formal singular. <i>Senhor Ricardo, toma um café?</i> ▪ Senhor +apelido seguido de vírgula + verbo na 2.ª pessoa formal singular^(vii). <i>Senhor Gomes, toma um café?</i> ▪ Dona + nome próprio seguido de vírgula + verbo na 2.ª pessoa formal singular. <i>Dona Irene, toma um café?</i> ▪ Senhora Dona + nome próprio seguido de vírgula + verbo na 2.ª pessoa formal singular. <i>Senhora Dona Mafalda, toma um café?</i> 	<p>(vii) Esta FT, em PE, só pode ser utilizada quando o destinatário é do sexo masculino (* <i>Senhora Gomes, toma um café?</i>).</p>	<p style="writing-mode: vertical-rl; text-orientation: mixed;">F O R M A S</p> <p style="writing-mode: vertical-rl; text-orientation: mixed;">N O M I N A I S</p>
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Título profissional/académico seguido de vírgula (precedido ou não de Senhor(a)) + verbo na 2.ª pessoa formal singular. <i>Senhor Engenheiro, toma um café?</i> ▪ Título profissional ou académico (precedido ou não de Senhor(a)) + verbo na 2.ª pessoa formal singular. <i>O Senhor Doutor toma um café?</i> 		
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formas de elevada consideração e respeito + verbo na 2.ª pessoa formal singular^(viii). <i>Excelentíssimo(a) Senhor (a)</i> <i>Meritíssimo(a) juiz (a)</i> <i>Vossa majestade</i> <i>Magnífico reitor</i> 	<p>(viii) FT utilizadas em situações protocolares e em contextos muito específicos.</p>	

		Obs.	
 + - I N F O R M A L I D A D E - + 	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa informal singular 	<i>Tomas um café?</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa plural 	<i>Tomam um café?</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa formal singular⁽ⁱ⁾ 	<i>Toma um café?</i>	(i) Forma de tratamento que não causa desconforto. Estratégia que evita mal-entendidos. Tratamento Formal Consensual.

FORMAS VERBAIS



FLUC FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Português Língua Estrangeira
Ficha Informativa: As formas de tratamento em PEC_B1

B1		Formas de Tratamento em PEC		Obs.	FORMAS PRONOMINAIS
 + -- I N F O R M A L I D A D E ↓ F O R M A L I D A D E -- + 	<ul style="list-style-type: none"> Tu⁽ⁱ⁾ + verbo 2.^a pessoa informal singular. 	<i>Tu tomas um café?</i>		(i) É importante distinguir a 2. ^a pessoa informal singular da 2. ^a pessoa formal singular. <i>Tu</i> e <i>Você</i> , do ponto de vista semântico pragmático, são formas que apontam mais para o destinatário.	
	<ul style="list-style-type: none"> Vocês + verbo 2.^a pessoa plural. 	<i>Vocês tomam um café?</i>			
	<ul style="list-style-type: none"> Você⁽ⁱⁱ⁾ + verbo 2.^a pessoa formal singular. 	<i>Você toma um café?</i>	(ii) Por norma, trata-se de uma FT usada de igual para igual ou de superior para inferior. Em certas classes sociais e em certas regiões, representa uma marca de respeito. Há falantes nativos que sentem algum desconforto, mal-estar quando são tratados por “ <i>você</i> ”. Nesses casos, esta FT é vista como falta de educação. As opiniões dividem-se quanto a esta forma de tratamento.		

<p style="text-align: center;">+ I N F O R M A L I D A D E --</p> <p style="text-align: center;">-- F O R M A L I D A D E +</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A + Dona + nome próprio em função de sujeito + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ A + Senhora + Dona + nome próprio em função de sujeito + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ Senhor (a) + nome próprio seguido de vírgula + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ Senhor + apelido seguido de vírgula + verbo na 2.^a pessoa formal singular^(vii). ▪ Dona + nome próprio em função vocativa + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ Senhora Dona + nome próprio em função vocativa + verbo na 2.^a pessoa formal singular. 	<p><i>A Dona Joana toma um café?</i></p> <p><i>A Senhora Dona Isabel toma um café?</i></p> <p><i>Senhor Ricardo, toma um café?</i></p> <p><i>Senhor Gomes, toma um café?</i></p> <p><i>Dona Irene, toma um café?</i></p> <p><i>Senhora Dona Mafalda, toma um café?</i></p>	<p>(vii) Esta FT, em PE, só pode ser utilizada quando o destinatário é do sexo masculino (* <i>Senhora Gomes, toma um café?</i>).</p>		
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Título profissional/académico em função vocativa (precedido ou não de Senhor(a)) + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ Título profissional ou académico como sujeito (precedido ou não de Senhor(a)) + verbo na 2.^a pessoa formal singular. 	<p><i>Senhor Engenheiro, toma um café?</i></p> <p><i>O Senhor Doutor toma um café?</i></p>			
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formas de elevada consideração e respeito + verbo na 2.^a pessoa formal singular^(viii). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Excelentíssimo(a)</i> ▪ <i>Senhor (a)</i> ▪ <i>Meritíssimo(a) juiz (a)</i> ▪ <i>Vossa majestade</i> ▪ <i>Magnífico reitor</i> 	<p>(viii) FT utilizadas em situações protocolares e em contextos muito específicos.</p>		

		Obs.	
	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa informal singular 	<i>Tomas um café?</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa plural 	<i>Tomam um café?</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa formal singular⁽ⁱ⁾ 	<i>Toma um café?</i>	<p>(i) Forma de tratamento que não causa desconforto. Estratégia que evita mal-entendidos.</p> <p>Tratamento Formal Consensual.</p>

FORMAS VERBAIS



Português Língua Estrangeira
Ficha Informativa: As formas de tratamento em PEC_B2

B2		Formas de Tratamento em PEC		Obs.	F O R M A S P R O N O M I N A I S
 + - I N F O R M A L I D A D E - + 	<ul style="list-style-type: none"> Tu⁽ⁱ⁾ + verbo 2.^a pessoa informal singular 	<i>Tu tomas um café?</i>	(i) É importante distinguir a 2. ^a pessoa informal singular da 2. ^a pessoa formal singular. <i>Tu</i> e <i>Você</i> , do ponto de vista semântico pragmático, são formas deícticas que apontam mais para o destinatário.		
	<ul style="list-style-type: none"> Vocês + verbo 2.^a pessoa plural 	<i>Vocês tomam um café?</i>			
	<ul style="list-style-type: none"> Você⁽ⁱⁱ⁾ + verbo 2.^a pessoa formal singular 	<i>Você toma um café?</i>	(ii) Na língua padrão, trata-se de uma FT simétrico ou de superior para inferior. Em certas variedades sociais e regionais, pode representar um traço de respeito. Há falantes nativos que sentem algum desconforto, mal-estar ao serem interpelados por “ <i>você</i> ”. Nesses casos, ela é avaliada como uma forma de tratamento rude, grosseira. Não há uniformidade quanto a esta FT.		

<p style="text-align: center;">+ I N F O R M A L I D A D E --</p> <p style="text-align: center;">-- F O R M A L I D A D E +</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A + Dona + nome próprio em função de sujeito + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ A + senhora + dona + nome próprio em função de sujeito + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ Senhor (a) + nome próprio seguido de vírgula + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ Senhor + apelido seguido de vírgula + verbo na 2.^a pessoa formal singular^(vii). ▪ Dona + nome próprio em função vocativa + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ Senhora dona + nome próprio em função vocativa + verbo na 2.^a pessoa formal singular. 	<p><i>A Dona Joana toma um café?</i></p> <p><i>A Senhora Dona Isabel toma um café?</i></p> <p><i>Senhor Ricardo, toma um café?</i></p> <p><i>Senhor Gomes, toma um café?</i></p> <p><i>Dona Irene, toma um café?</i></p> <p><i>Senhora Dona Mafalda, toma um café?</i></p>	<p>(vii) Esta FT, em PE, só pode ser utilizada quando o destinatário é do sexo masculino (* <i>Senhora Gomes, toma um café?</i>).</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Título profissional/académico em função vocativa (precedido ou não de senhor(a)) + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ Título profissional ou académico como sujeito (precedido ou não de senhor(a)) + verbo na 2.^a pessoa formal singular. 	<p><i>Senhor Engenheiro, toma um café?</i></p> <p><i>O Senhor Doutor toma um café?</i></p>		
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formas de elevada consideração e respeito + verbo na 2.^a pessoa formal singular^(viii). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Excelentíssimo(a)</i> ▪ <i>Senhor (a)</i> ▪ <i>Meritíssimo(a) juiz (a)</i> ▪ <i>Vossa majestade</i> ▪ <i>Magnífico reitor</i> 	<p>(viii) FT utilizadas em situações protocolares e em contextos muito específicos.</p>	

Formas de Tratamento em PEC			
			Obs.
 + - I N F O R M A L I D A D E - + 	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa informal singular 	<i>Tomas um café?</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa plural 	<i>Tomam um café?</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa formal singular⁽ⁱ⁾ 	<i>Toma um café?</i>	(i) Forma de tratamento que não causa desconforto. Estratégia linguística que permite evitar qualquer mal-entendido. Tratamento Formal Consensual.

FORMAS VERBAIS

 <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;"> + I N F O R M A L I D A D E -- </div> <div style="text-align: center; margin: 5px 0;">↓</div> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;"> - F O R M A L I D A D E + </div>	<ul style="list-style-type: none"> Nome próprio/apelido em função de vocativo (com ou sem a interjeição de chamamento “Ó” + verbo na 2.^a pessoa informal singular)⁽ⁱ⁾. 	<p><i>(Ó) Rui, tomas um café?</i></p>	<p>(i) Em PE, quando o alocutário é do sexo feminino, é incorreto utilizar como FT apenas o seu apelido.</p>	F O R M A S N O M I N A I S
	<ul style="list-style-type: none"> Designações de parentesco em função de vocativo (com ou sem a interjeição de chamamento “Ó” + verbo na 2.^a pessoa informal singular)⁽ⁱⁱ⁾. 	<p><i>(Ó) Mãe, tomas um café?</i></p>	<p>(ii) São informativas sobre uma parte da identidade do alocutário.</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> Diminutivos hipocorísticos: termos/diminutivos carinhosos que denotam um sentimento de afeto. 	<p><i>Zé, tomas um café?</i> <i>Papá, tomas um café?</i> <i>Chico, tomas um café?</i></p>		
	<ul style="list-style-type: none"> Nome próprio/apelido em função de vocativo + verbo na 2.^a pessoa formal singular⁽ⁱⁱⁱ⁾. 	<p><i>Eva, toma um café?</i></p>	<p>(iii) Em PE, quando o alocutário é do sexo feminino, é incorreto utilizar como FT apenas o seu apelido.</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> O/A + Nome próprio/apelido em função de sujeito + verbo na 2.^a pessoa formal singular^{(iv) (v)}. 	<p><i>O Jorge toma um café?</i> <i>O Batista toma um café?</i></p>	<p>(iv) Idiossincrasia da Língua Portuguesa relativamente às outras línguas românicas. Apenas o contexto permite esclarecer se se trata de uma forma usada no sentido delocutivo ou alocutivo. (v) Em PE, quando o alocutário é do sexo feminino, é incorreto utilizar a forma <i>A + apelido em função de sujeito + verbo na 2.^a pessoa do singular</i> (* <i>A Batista toma um café?</i>).</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> O/A + Senhor(a) em função de sujeito + verbo na 2.^a pessoa formal singular. O/A + Senhor(a) + nome próprio em função de sujeito + verbo na 2.^a pessoa formal singular. O + Senhor + apelido em função de sujeito + verbo na 2.^a pessoa formal singular^(vi). 	<p><i>O Senhor toma um café?</i> <i>O Senhor Francisco toma um café?</i> <i>O Senhor Gomes toma um café?</i></p>	<p>(vi) Esta FT só pode ser utilizada quando o alocutário é do sexo masculino (* <i>A Senhora Gomes toma um café?</i>).</p>	

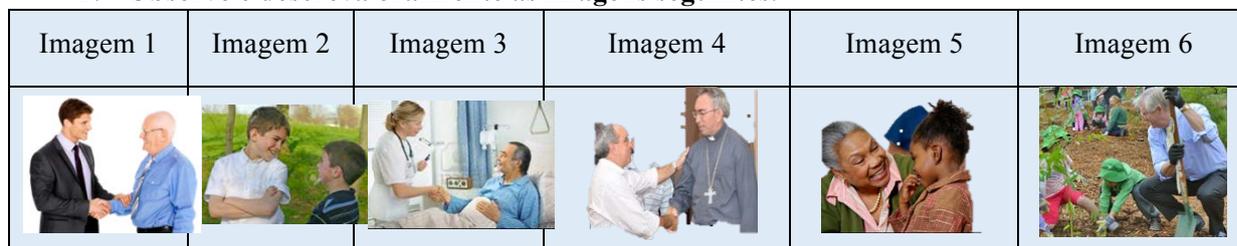
<p style="text-align: center;">+ I N F O R M A L I D A D E --</p> <p style="text-align: center;">-- F O R M A L I D A D E +</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A + Dona + nome próprio em função de sujeito + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ A + Senhora + Dona + nome próprio em função de sujeito + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ Senhor (a) + nome próprio seguido de vírgula + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ Senhor + apelido seguido de vírgula + verbo na 2.^a pessoa formal singular^(vii). ▪ Dona + nome próprio em função vocativa + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ Senhora Dona + nome próprio em função vocativa + verbo na 2.^a pessoa formal singular. 	<p><i>A Dona Joana toma um café?</i></p> <p><i>A Senhora Dona Isabel toma um café?</i></p> <p><i>Senhor Ricardo, toma um café?</i></p> <p><i>Senhor Gomes, toma um café?</i></p> <p><i>Dona Irene, toma um café?</i></p> <p><i>Senhora Dona Mafalda, toma um café?</i></p>	<p>(vii) Esta FT, em PE, só pode ser utilizada quando o destinatário é do sexo masculino (* <i>Senhora Gomes, toma um café?</i>).</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Título profissional/académico em função vocativa (precedido ou não de senhor(a)) + verbo na 2.^a pessoa formal singular. ▪ Título profissional ou académico como sujeito (precedido ou não de senhor(a)) + verbo na 2.^a pessoa formal singular. 	<p><i>Senhor engenheiro, toma um café?</i></p> <p><i>O Senhor Doutor toma um café?</i></p>		
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formas de elevada consideração e respeito + verbo na 2.^a pessoa formal singular^(viii). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Excelentíssimo(a)</i> ▪ <i>Senhor (a)</i> ▪ <i>Meritíssimo(a) juiz (a)</i> ▪ <i>Vossa majestade</i> ▪ <i>Magnífico reitor</i> 	<p>(viii) FT utilizadas em situações protocolares e em contextos muito específicos.</p>	

Formas de Tratamento em PEC			
			Obs.
 + - I N F O R M A L I D A D E - + 	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa informal singular 	<i>Tomas um café?</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa plural 	<i>Tomam um café?</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> Verbos na 2.^a pessoa formal singular⁽ⁱ⁾ 	<i>Toma um café?</i>	(i) Forma de tratamento que não causa desconforto. Estratégia linguística que permite evitar mal-entendidos. Tratamento Formal Consensual

FORMAS VERBAIS

**CORREÇÃO DA PROPOSTA DE DIDATIZAÇÃO
PARA O NÍVEL A1**

1. Observe e descreva oralmente as imagens seguintes.



1.1. Vai agora ouvir seis diálogos. Associe cada um deles à imagem correspondente. Siga o exemplo.

Audição 1	Audição 2	Audição 3	Audição 4	Audição 5	Audição 6
Imagem 5	Imagem 3	Imagem 1	Imagem 2	Imagem 6	Imagem 4

2. Estabeleça a correspondência entre a Coluna A e a Coluna B, de acordo com o exemplo.

COLUNA A		COLUNA B	
1.	Senhor João, bom dia!	a.	A sério?! Como é que sabes?
2.	Miguel, vais ser promovido!	b.	Sim, Joana. O que é que não está a perceber?
3.	Professor, tenho uma dúvida.	c.	Olá, Ritinha! Tudo bem?
4.	Dona Rosa, deseja mais alguma coisa?	d.	Ó mãe, só mais um minuto!
5.	Tens irmãos?	e.	Não. Obrigada.

6.	Sandra, vais desligar a televisão ou queres ficar de castigo?
7.	Sabe a que horas a secretaria fecha?
8.	Senhor Lopes, não pode encerrar a empresa!

f.	Penso que é às 16h.
g.	Não, sou filho único.
h.	Lamento, mas não tenho outra hipótese.

1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.
c	a	b	e	g	d	f	h

3. Observe as imagens seguintes.

Selecione a(s) frase(s) que podem ocorrer em cada uma das seguintes situações.

Situação A



- Senhora Rita, eu hoje vou estudar com a Paula. Quer ir comigo?
- Eu não sei se devo aceitar o convite do João. O que é que acha?
- Rita, amanhã vais comigo, não vais?

Situação B



- Ai, tantos problemas!! Não estás a exagerar?
- Esta semana, sente-se melhor?
- António, costumavas sair? Ir ao cinema, ao teatro?

**CORREÇÃO DA PROPOSTA DE DIDATIZAÇÃO
PARA O NÍVEL A2**

1. Leia as frases da Coluna A. Ordene-as de acordo com o grau de formalidade.

		Coluna A
	Informal	(Ó) Raquel, tomas um café?
		Tomas um café?
	Formal	Raquel, toma um café?
		A Raquel toma um café?
		A senhora Raquel toma um café?
		A senhora doutora toma um café?
		A Raquel toma um café? A senhora Raquel toma um café? Tomas um café? Raquel, toma um café? A senhora doutora toma um café? (Ó) Raquel, tomas um café?

2. Ouça o seguinte diálogo entre a Ana e a Sr.^a Dona Lúcia Gomes. Identifique a forma de tratamento escutada.



“Senhora Dona Gomes” é a FT escutada no diálogo.

2.1. Concorda com a forma de tratamento utilizada? Justifique.

Não, pois nas FT do Português Europeu Contemporâneo não é correto utilizar-se apenas o apelido quando o destinatário é feminino.

3. Estabeleça a correspondência entre a Coluna A e a Coluna B, de acordo com o exemplo.

COLUNA A		COLUNA B	
1.	A Rita hoje parece um pouco triste. Está tudo bem?	a.	Não, é tudo. Obrigado.
2.	Zé, estás bom?	b.	Sim, claro! Onde é que estás?

3.	O Senhor Doutor precisa de mais alguma coisa?	c.	Oi, João! Estou. E tu?
4.	Luís, podes dar-me boleia? O meu carro avariou.	d.	Estou bem. Só estou um pouco cansada.
5.	Gosto muito do Alentejo! Vou sempre para lá em agosto.	e.	Penso que não. Quando ele chegar, eu aviso.
6.	Senhor Afonso, então, já não passa hoje por cá?	f.	Sabe que horas são?! Estamos à sua espera há mais de meia-hora!
7.	Ó Isabel, preciso de falar urgentemente com o Francisco. Ele já está no gabinete?	g.	Dona Graça, esqueci-me completamente. Posso passar amanhã?
8.	Ana, tem de me dar a receita. Este bolo está mesmo delicioso!	h.	Também gosto. Tem lá casa?
9.	Senhor Diretor, quer falar comigo?	i.	Quer mais um bocadinho?

1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.
d	c	a	b	h	g	e	i	f
	x		x					

3.1. Assinale com uma cruz (X) no quadro anterior as situações em que as formas de tratamento utilizadas são mais informais.

3.2. Nas situações apresentadas anteriormente, encontra várias formas de tratamento. Identifique-as.

Formas nominais	Formas pronominais	Formas verbais
<i>A Rita (...) parece</i> <i>Zé, estás bom?</i> <i>O Senhor Doutor precisa</i> <i>Luís, podes</i> <i>Senhor Afonso, (...) não passa</i> <i>Ó Isabel, preciso de</i> <i>Ana, tem de me dar a receita</i> <i>Senhor Diretor, quer</i> <i>Dona Graça, esqueci-me</i> <i>Oi, João!</i>	<i>E tu?</i>	<i>Tem lá casa?</i> <i>Quer mais um bocadinho?</i> <i>Sabe que horas são?</i> <i>Onde é que estás?</i>

4. Releia o diálogo número 6 do exercício 3.

Num texto organizado e coerente (80 a 120 palavras), imagine a restante conversa.

Resposta livre.

5. Complete o diálogo com as seguintes palavras:

(atenção: não vai ser necessário utilizar todas as palavras)

- | | | | |
|-----------------------|------------|------------------|-----------|
| ▪ sabe | ▪ precisas | ▪ o doutor Silva | ▪ João |
| ▪ senhor diretor (x2) | ▪ diz | ▪ o João | ▪ tu |
| ▪ a Anabela (x2) | ▪ vais | ▪ diga | ▪ Anabela |

A Anabela trabalha como secretária no Gabinete de Apoio ao Diretor de uma empresa no Porto.

Diretor Silva: - Bom dia, Anabela.

Anabela: - Bom dia, senhor diretor (1).

Diretor Silva: - Sabe (2) se o António já chegou? Precisava de falar com ele.

Anabela: - Penso que vi o carro dele lá fora. Vou ligar à portaria.

- Bom dia, João (3). Fala Anabela Costa, do Gabinete de Apoio à Direção. O João (4) podia confirmar se o colega António Carvalho, da Contabilidade, já chegou?

Ok, muito obrigada.

- Senhor diretor (5), de acordo com o funcionário da portaria, o António entrou, mas saiu logo de seguida.

Diretor Silva: - A Anabela (6) sabe se ele anda com algum problema pessoal?

Ultimamente, tenho notado que ele raramente chega a horas, atrasa-se na entrega da documentação que lhe peço. Enfim, começo a ficar preocupado.

Anabela: - De facto, também acho que ele tem andado muito cansado. Ainda ontem lhe disse: “Tó, precisas (7) de descansar mais. Caso contrário, ainda vais (8) parar ao hospital!

Diretor Silva: - Bom, Anabela (9), mal ele chegue, diga (10)-lhe para vir falar comigo.

Anabela: - O doutor Silva (11) precisa de mais alguma coisa?

Diretor Silva: - Ligue-me ao engenheiro Marques da *Luso Atenas*. E, já agora, a Anabela (12) podia trazer-me um café, por favor?

Anabela: - Com certeza.

6. Leia as seguintes frases.

Escolha com uma cruz (x) a opção que apresenta um grau de (in)formalidade equivalente/aproximado.

6.1. A Anabela sabe se ele anda com algum problema pessoal?

a. Anabela, sabe se ele anda com algum problema pessoal?	X
b. Ó Anabela, sabes se ele anda com algum problema pessoal?	
c. Sabes se ele anda com algum problema pessoal?	

6.2. Tó, precisas de descansar mais.

a. Senhor Tó, precisa de descansar mais.	
b. O Tó precisa de descansar mais.	
c. Precisas de descansar mais.	X

6.3. *O Dr. Silva precisa de mais alguma coisa?*

a. Silva, precisa de mais alguma coisa?	
b. Precisas de mais alguma coisa?	
c. Senhor doutor, precisa de mais alguma coisa?	X

6.4. *E, já agora, a Anabela podia trazer-me um café, por favor?*

a. E, já agora, ó Anabela, podia trazer-me um café, por favor?	X
b. E, já agora, Anabela, podias trazer-me um café, por favor?	
c. E, já agora, podias trazer-me um café, por favor?	

**CORREÇÃO DA PROPOSTA DE DIDATIZAÇÃO
PARA O NÍVEL B1**

1. Ouça com atenção a fábula (adaptada): “O Corvo e a Raposa”.

1.1. Identifique a(s) forma(s) de tratamento utilizada(s).

São três as FT utilizadas: *Senhora Josefina*; *a Senhora* e *Senhora*.

1.2. Substitua-a(s) por outra(s) com o meu valor.

Ex. *Dona Josefina*.

2. Observe as imagens.

2.1. Imagine que está a falar com a(s) pessoa(s) das imagens seguintes. O que lhe(s) diria?

Faça a sua escolha, de acordo com as hipóteses apresentadas. Siga o exemplo.

	Coluna A	Coluna B
1		f. Marta, conseguiu falar com a Engenheira Rosa?
2		e. O senhor já pode entrar.
3		a. Você acha que consegue resolver o problema ainda hoje?
4		g. Dona Júlia, já tem idade para ter juízo!
5		h. Professor, podia repetir, por favor?

6		b. Vocês já podem entrar.
7		i. Já tens idade para ter juízo, Andreia!
8		c. Tem mesa para quatro pessoas?
9		d. Queres ficar de castigo?
<p>a. Você acha que consegue resolver o problema ainda hoje? b. Vocês já podem entrar. c. Tem mesa para quatro pessoas? d. Queres ficar de castigo? e. O senhor já pode entrar. f. Marta, conseguiu falar com a Engenheira Rosa? g. Dona Júlia, já tem idade para ter juízo! h. Professor, podia repetir, por favor? i. Já tens idade para ter juízo, Andreia!</p>		

2.2. Releia as frases c) e d) do exercício anterior. O que têm em comum?
 Em qualquer uma dessas frases, temos como FT a forma verbal.

3. Após vários dias sem regressar ao emprego, o António resolve enviar, finalmente, um e-mail ao seu chefe, o Dr. Silva, a fim de explicar o sucedido.

(atenção: a relação entre ambos é apenas de natureza profissional).

Justificação de ausência
Dr. Silva
Justificação de ausência
Silva, Deves estar furioso por me ter ausentado sem te avisar, mas tens de acreditar que as últimas semanas têm sido um verdadeiro inferno. No mês passado, a casa da minha sogra ardeu. Quem é que resolveu ajudá-la? Claro, o ingénuo do António. Mas não penses que os azares ficaram por aqui. “Como é que a situação podia piorar ainda mais?”, perguntas tu. Pois bem, no dia em que a minha sogra chegou, a minha mulher foi atropelada. Conclusão: fui pau para toda a colher. Finalmente, há dois dias, ganhei coragem e disse à minha sogrinha: “Adelaide, vais para um hotel!”

Conclusão: quem acabou por ir parar a um hotel fui eu, pois a minha mulher, nesse mesmo dia, deixou-me o seguinte bilhete: “Se o Sr. António está mal, mude-se!”.

Chefinho, depois de tudo isto, também não me vais abandonar, pois não?

Abraço,
António

P.S. Vou de férias durante uma semana. Caso queiras falar comigo, liga-me.

3.1. O e-mail enviado pelo António não respeita a regra de cortesia. Reescreva-o, de modo a cumprir essa regra.

Justificação de ausência
Dr. Silva
Justificação de ausência
<p>Prezado Dr. Silva,</p> <p>O Senhor Doutor deve estar furioso por me ter ausentado sem o avisar, mas tem de acreditar que as últimas semanas têm sido um verdadeiro inferno.</p> <p>No mês passado, a casa da minha sogra ardeu. Quem é que resolveu ajudá-la? Claro, o ingénuo do António. Mas não pense que os azares ficaram por aqui. “Como é que a situação podia piorar ainda mais?”, pergunta o Doutor Silva. Pois bem, no dia em que a minha sogra chegou, a minha mulher foi atropelada. Conclusão: fui pau para toda a colher.</p> <p>Finalmente, há dois dias, ganhei coragem e disse à minha sogrinha: “Adelaide, vais para um hotel!”</p> <p>Conclusão: quem acabou por ir parar a um hotel fui eu, pois a minha mulher, nesse mesmo dia, deixou-me o seguinte bilhete: “Se o Sr. António está mal, mude-se!”.</p> <p>Doutor Silva, depois de tudo isto, também não me vai abandonar, pois não?</p> <p>Atenciosamente, António Fonseca</p> <p>P.S. Vou de férias durante uma semana. Caso queira falar comigo, ligue-me, por favor.</p>

4. **Leia os textos e, de seguida, passe-os para o discurso direto.**

Diálogo 1	<p>Depois de sair do emprego, a Marta passou pelo centro comercial e não resistiu a comprar uns sapatos novos. Quando o marido chegou a casa, ela calçou-os e, numa voz meiga, perguntou-lhe se ele gostava dos novos sapatos dela.</p> <p>Perentoriamente, ele disse-lhe que não e ela, alterando o tom de voz (até então delicado), respondeu-lhe que se ele não gostava, era porque não percebia nada de moda.</p> <p>Ele, sem demoras, pediu-lhe desculpa, dizendo-lhe que estava a brincar com ela.</p>	<p>Depois de sair do emprego, a Marta passou pelo centro comercial e não resistiu a comprar uns sapatos novos. Quando o marido chegou a casa, ela calçou-os e, numa voz meiga, perguntou-lhe:</p> <p>- Querido, gostas dos meus sapatos novos?</p> <p>- Não – disse-lhe o marido perentoriamente.</p> <p>- Se não gostas é porque não percebes nada de moda – respondeu-lhe ela, alterando o tom de voz até então delicado.</p> <p>Ele, sem demoras, disse-lhe:</p> <p>- Desculpa, Marta. Estava a brincar contigo!</p>
------------------	--	---

<p>Diálogo 2</p>	<p>No final da aula, o Jorge dirige-se ao professor e pergunta-lhe se podem falar sobre o trabalho final. O professor diz-lhe que não pode reunir com ele naquele momento, porque já tem uma reunião marcada. Propõe-lhe conversarem no dia seguinte, às 10h, no seu gabinete.</p>	<p>No final da aula, o Jorge dirige-se ao professor e pergunta-lhe: - Professor, podemos falar sobre o trabalho final? - Agora não posso reunir consigo, porque já tenho uma reunião marcada. Podemos conversar amanhã, às 10h, no meu gabinete? – propõe-lhe o professor.</p>
<p>Diálogo 3</p>	<p>Estavam todos à espera do Rui para dar início à reunião. Ao vê-lo entrar descontraidamente na sala, o chefe, irritado, perguntou-lhe se ele sabia que horas eram, acrescentado que estavam todos à espera dele. Dirigindo-se a todos os presentes, ele pede-lhes desculpa pelo atraso.</p>	<p>Estavam todos à espera do Rui para dar início à reunião. Ao vê-lo entrar descontraidamente na sala, o chefe, irritado, perguntou-lhe: - Você sabe que horas são? Estamos todos à sua espera! - Desculpem o atraso – disse o Rui a todos os presentes.</p>

5. Trabalho de grupo:

- 5.1. Observe as imagens A e B. Escolha uma delas e recrie o diálogo (150-180 palavras).
- 5.2. Prepare a dramatização desse diálogo com os seus colegas.

Figura A



Figura B



Resposta livre.

6. Escute a música seguinte e descubra as palavras em falta.

Tu és mais forte

Boss AC

Tu mereces (1) muito mais

És forte, abanas (2) mas não cais (3)

Mesmo que sintas (4) o mundo a ruir

Quando as nuvens passarem vais (5) ver o sol a sorrir

A estrada não é (6) perfeita

Apenas uma vida, aproveita (7)

Só perdes (8) se não tentares (9)

E não desistas (10) se falhares (11)

O que não mata engorda

Torna o teu (12) sonho real, acorda (13)

Limpa (14) as lágrimas e luta (15)

Segue (16) o teu caminho e escuta (17)

A voz dentro de ti (18)

As respostas que procuras (19), dentro de ti (20)

Acredita (21) em ti (22) que tu és

Mais forte e tens (23) o mundo a teus (24) pés

Tu és mais forte e sei que no fim vais vencer

Sim, acredita (25) num novo amanhecer

Não tenhas (26) medo, sai (27) à rua e abraça (28) alguém

E vai correr bem, tu vais ver

Um dia tudo fará sentido

E vais (29) ver que terás (30) o prémio merecido

És o que és, não és o que tens (31)

A tua (32) essência não se define pelos teus (33) bens

Às vezes as pessoas desiludem

Mas não fiques (34) em casa parado à espera que mudem

Muda tu rapaz

Muda a tua (35) atitude, vais ver que és capaz

E nada te (36) pode parar

Os cães vão ladrar e a caravana a passar

O teu (37) sorriso de vitória no rosto

Nem tudo é fácil mas assim dá mais gosto
 Quando acreditas (38) a força nunca se esgota
 Só a reconheces (39) a vitória se souberes o que é a derrota
 Vais ver que no fim acaba tudo bem
 Sai à rua e abraça alguém

Tu és mais forte e sei que no fim vais vencer
Sim, acredita (40) num novo amanhecer
Não tenhas (41) medo, sai (42) à rua e abraça (43) alguém
E vai correr bem, tu vais ver

Tu és, tu és, tu és
 Mais forte e no fim vais vencer
 Tu és, tu és oh oh oh oh

Tu és mais forte e sei que no fim vais vencer
Sim, acredita (44) num novo amanhecer
Não tenhas (45) medo, sai (46) à rua e abraça (47) alguém
E vai correr bem, tu vais ver
E vai correr bem, tu vais ver

Tu és mais forte e sei que no fim vais vencer
Sim, acredita (48) num novo amanhecer
Não tenhas (49) medo, sai (50) à rua e abraça (51) alguém
E vai correr bem, tu vais ver

6.1. Das seguintes pessoas, só uma, provavelmente, poderia ser o destinatário da mensagem que acabou de escutar. Identifique-a com uma cruz (X) e justifique a sua opção.

A	B	C
		
		X
Cenário de resposta: Em Portugal, e apesar de se verificar a ampliação progressiva do emprego do pronome <i>Tu</i> e da 2. ^a pessoa informal singular dos verbos, é ainda inaceitável (na maior parte das situações) tratar por <i>tu</i> quando existe assimetria social ou de idade entre os interlocutores.		

**CORREÇÃO DA PROPOSTA DE DIDATIZAÇÃO
PARA O NÍVEL B2**

1. Ouça os vídeos promocionais que se seguem.

<u>Publicidade 1</u>	<u>Publicidade 2</u>	<u>Publicidade 3</u>
		

1.1. Identifique as formas de tratamento utilizadas.

PUB 1: Ambrósio, Senhora

PUB 2: Você

PUB 3: Tu

1.2. Invente um slogan para cada um dos artigos publicitados, utilizando as formas de tratamento (não pode repetir nenhum dos slogans escutados).

Resposta livre.

2. Leia os slogans publicitários seguintes.

Publicidade 1	Publicidade 2	Publicidade 3
		

2.1. Considere as formas de tratamento usadas. O que têm em comum?

Em qualquer um dos casos, optou-se por uma FT verbal.

3. Leia o seguinte conto.

O SARGENTO QUE FOI AO INFERNO

Havia numa terra um sargento, que era muito bom rapaz. Naquela terra havia também um rico mercador que se tornou seu amigo, arranhou-lhe a baixa e tomou-o para seu empregado. Como o mercador tinha filhas, o sargento apaixonou-se por uma delas. Mas o mercador era muito desconfiado e nunca deixava sair as filhas de casa, mas pela grande confiança em que
5 tinha o rapaz, quando lhe pediu a filha em casamento, ele consentiu. Tudo corria muito bem. Até que um dia foi representada uma peça de teatro naquela terra e, como as filhas desejavam vê-la, pediram ao sargento que pedisse ao pai que as deixasse ir com ele. O mercador ficou carrancudo, mas deu licença, dizendo:

- Deixo ir as minhas filhas com o senhor, mas com a condição que, quando der a última badalada da meia-noite, devem estar todas em casa.

Todos disseram que sim. Quase perto da meia-noite, o rapaz disse para a sua noiva que era bom regressarem a casa.

- Mais um bocadinho, mais um bocadinho...

Pede daqui. Pede dali, o certo é que já tinha dado meia-noite e eles ainda longe de casa.

15 Assim que o rapaz bateu à porta, esta abriu-se logo e o mercador começou a gritar, perguntando ao jovem se tinha sido assim que ele tinha cumprido as ordens que ele lhe tinha dado. Ordenou-lhe que logo tratasse de arranjar as suas coisas, pois aquela noite já não seria passada naquela casa.

- Ó senhor, então só por isto? E quando estava já para casar com a sua filha!

O velho respondeu-lhe que ele só teria uma forma de poder casar com a filha dele e de voltar para sua casa.

- Qual? – perguntou o rapaz.

Ele disse-lhe que fosse ao Inferno e lhe trouxesse três anéis que o Diabo tinha no corpo, dois debaixo do braço e outro num olho.

25 O rapaz achou aquilo impossível, mas que remédio teve senão pôr-se a caminho. Na primeira terra a que chegou, pregou um edital que dizia: “Quem quiser alguma coisa para o Inferno, amanhã parte um mensageiro.” Isto causou grande curiosidade, até que chegou aos ouvidos do rei, que mandou chamar o rapaz. O rei perguntou-lhe como é que ele ia ao Inferno e o jovem respondeu-lhe que ainda não sabia bem e que ele andava à procura dele; iria lá, desse por onde desse.

Dito isto, o rei pediu-lhe que, quando encontrasse o Diabo, lhe perguntasse se ele sabia de um anel de muito valor que ele tinha perdido.

Chegou o rapaz a outra terra e colocou o mesmo anúncio. O rei também o mandou chamar:

35 - Tenho uma filha que padece de uma doença muito grave, e ninguém lhe acerta com o mal. Já que vais ao Inferno, quero que saibas por lá onde é que está a cura – pediu-lhe o rei.

O rapaz partiu sempre à procura do Inferno e foi dar a uma encruzilhada com dois caminhos: um com pegadas de gente e outro com pegadas de ovelhas. Penso, pensou e, por fim, seguiu pelo caminho das pegadas de gente; ao meio dele, encontrou um ermitão, de barbas brancas, que rezava em umas camândulas enormes e que lhe disse:

- Ainda bem que escolheste este caminho, porque o outro levar-te-ia ao Inferno.

- Ó senhor! E eu há tanto tempo que ando à procura dele! – disse-lhe o rapaz.

O jovem contou-lhe todo o sucedido; o ermitão teve compaixão dele e disse-lhe que já que ele tinha de ir ao Inferno que fosse, mas que levasse sempre consigo aquelas contas, porque antes de lá chegar tinha de passar um rio escuro, e havia de ser um pássaro que o havia de

- 45 levar para o outro lado. Disse-lhe ainda que, quando o pássaro o quisesse afundar no rio, ele lhe jogasse contas ao pescoço. Daí em diante, não sabia mais o que lhe sucederia.

Assim aconteceu. Chegado ao Inferno, o jovem sentiu um grande medo e viu para ali um forno vazio e escondeu-se dentro dele. Quando estava todo encolhido, passou uma velha muito velha e viu-o:

- O menino aqui! Ora, coitadinho, que é tão lindo; se o meu filho o visse, matava-o, com certeza. O que veio cá fazer?

O rapaz contou tudo à mãe do Diabo; a velha teve pena dele e disse-lhe:

- Olhe, pois deixe-se ficar aqui escondido, porque eu não sei quando o meu filho virá; ele está a assistir à morte do Padre Santo, que está nas agonias, e quer-lhe apanhar a alma.

- 55 O rapaz pediu à velha se conhecia as respostas às perguntas de que trazia encomenda. Quando estavam nestas conversas, chegou o Diabo bufando; a velha escondeu logo o rapaz e disse:

- Anda cá, filho, para descansares; deita-te aqui no meu colo.

O Diabo deitou-se e adormeceu. A velha foi muito devagarinho com as unhas e arrancou-lhe um anel que tinha debaixo do braço. O Diabo mexeu-se desesperado, gritando:

- Isto o que é?

- Ai, filho, fui eu que me deixei dormir e dei uma pendedela em cima de ti. Estava a sonhar com aquele rei que perdeu o anel e que nunca mais o tornou a achar.

- Pois é verdade esse sonho – respondeu-lhe o filho. - Está debaixo de uma laje ao pé do repuxo do jardim.

- 65 O Diabo voltou a adormecer; a velha, sorrateira, arrancou-lhe o segundo anel e o Diabo voltou a acordar, desesperado.

- Tem paciência, filho; tornei a deixar-me dormir e a sonhar com a filha daquele rei que nenhum médico sabe curar – disse-lhe a mãe.

- Também é verdade; a doença dela é o sapo-papão, que está metido no enxergão – respondeu-lhe o Diabo que, entretanto, voltou a adormecer.

Para arrancar o anel do olho é que foram os trabalhos. A velha tirou-o com um espéculo, e o Diabo, com a dor e zangado com as pendedelas, saiu porta fora. O rapaz recebeu tudo da velha; voltou para o mundo e foi entregar as contas ao ermitão. Depois passou pela terra do rei que tinha perdido o anel. Este deu-lhe muito dinheiro quando achou o anel debaixo da laje. A seguir,

- 75 o jovem passou pela corte do rei que tinha a filha doente e disse-lhe onde estava o sapo-papão. A princesa melhorou imediatamente, e o rei pediu-lhe que dissesse a paga que queria.

Ele pediu ao rei que lhe desse o seu poder por oito dias.

O rei assim fez e o rapaz partiu logo para a terra do sogro e, mal lá chegou, deu ordem para o mercador lhe vir falar à sua presença dentro de meia hora. O rapaz disse-lhe que o podia mandar matar, por lhe ter desobedecido. O mercador, receoso, tentou explicar ao rapaz, agora senhor, o sucedido dizendo-lhe que não se tinha demorado por sua vontade.

- Pois sim. Mas por que não soube em tempos desculpar aquele pobre sargento que pôs fora de sua casa?

- 85 O mercador reconhecer, então, o antigo noiva da sua filha, que tinha ficado, desde então, inconsolável. Confessou o seu erro e pediu-lhe de joelhos mil perdões. O rapaz entregou-lhe os anéis do Diabo e, nesse mesmo dia, casou com a filha do mercador, por quem tinha metido um pé no Inferno.

Contos Tradicionais do Povo Português, Teófilo Braga (adaptado)

3.1. Passe para discurso direto as passagens sublinhadas.

(...)

Assim que o rapaz bateu à porta, esta abriu-se logo e o mercador começou a gritar:

- Foi assim que o senhor cumpriu as ordens que lhe dei? Trate já de arranjar as suas coisas, pois esta noite já não será passada nesta casa!

- Ó senhor, então só por isto? E quando estava já para casar com a sua filha!

O velho respondeu-lhe:

- Só terá uma forma de poder casar com a minha filha e de voltar para a minha casa.

- Qual? – perguntou o rapaz.

Ele disse-lhe:

- Vá ao inferno e traga-me três anéis que o Diabo tem no corpo, dois debaixo dos braços, e outro num olho.

O rapaz achou aquilo impossível, mas que remédio teve senão pôr-se a caminho. Na primeira terra a que chegou, pregou um edital que dizia: “Quem quiser alguma coisa para o Inferno, amanhã parte um mensageiro.” Isto causou grande curiosidade, até que chegou aos ouvidos do rei, que mandou chamar o rapaz. O rei perguntou-lhe:

- Como é que vais ao Inferno?

- Majestade, ainda não sei bem; ando à procura dele e irei lá, dê por onde der – respondeu o rapaz.

Dito isto, o rei pediu-lhe que:

- Quando encontrares o Diabo, pergunta-lhe se ele sabe de um anel de muito valor que eu perdi – pediu-lhe o rei.

(...)

O jovem contou-lhe todo o sucedido; o ermitão teve compaixão dele e disse-lhe:

- Já que tens de ir ao Inferno, vai, mas leva sempre contigo estas contas, porque antes de lá chegares tens de passar um rio escuro, e há de ser um pássaro que te há de levar para o outro lado; e, quando ele te quiser afundar no rio, joga-lhe as contas ao pescoço.

Daqui em diante, não sei mais o que te sucederá.

(...)

O rei assim fez e o rapaz partiu logo para a terra do sogro e, mal lá chegou, deu ordem para o mercador lhe vir falar à sua presença dentro de meia hora. O mercador foi, mas quando lá chegou já tinha passado mais de uma hora. O rapaz disse-lhe:

- Posso mandá-lo matar, por me ter desobedecido.

- Ó senhor, não me demorei por minha vontade – lamentou, receoso, o mercador.

3.2. Em grupo, prepare a dramatização do texto.

Resposta Livre

4. Escute atentamente os dois vídeos seguintes. Tendo em conta que ambos apresentam cenas da vida quotidiana, procure identificar o que os distingue do ponto de vista linguístico.

<u><i>Conta-me como foi</i></u>	<u><i>Bem-vindos a Beirais</i></u>
	
<p>A FT utilizada pelo jovem (sujeito subentendido/não expresso) revela uma certa deferência da sua parte relativamente aos seus pais (este exercício será aproveitado para se abordar alguns aspetos da sociedade portuguesa anteriores a 1974).</p>	<p>A FT utilizada pelo jovem (sujeito subentendido/não expresso) revela grande intimidade entre ele e o seu pai.</p>

4.1. Expressão oral:

E no seu país? Qual a forma de tratamento que utiliza com os seus pais? Terá sido sempre assim?

Resposta livre

5. Vai escutar um poema de Eugénio de Andrade.

5.1. Descubra as palavras em falta.

Poema à mãe

No mais fundo de ti (1)

Eu sei que te (2) traí, mãe.

Tudo porque já não sou

O menino adormecido

No fundo dos teus (3) olhos.

Tudo porque ignoras (4)

Que há leitões onde o frio não se demora

E noites rumorosas de águas matinais.

Por isso, às vezes, as palavras que te (5) digo

São duras, mãe,

E o nosso amor é infeliz.

Tudo porque perdi as rosas brancas

Que apertava junto ao coração
No retrato da moldura.

Se soubesses (6) como ainda amo as rosas,
Talvez não enchesses (7) as horas de pesadelos.

Mas tu (8) esqueceste (9) muita coisa;
Esqueceste (10) que as minhas pernas cresceram,
Que todo o meu corpo cresceu,
E até o meu coração
Ficou enorme, mãe!

- Olha (11) - queres (12) ouvir-me? –
Às vezes ainda sou o menino
Que adormeceu nos teus (13) olhos;

Ainda aperto contra o coração
Rosas tão brancas
Como as que tens (14) na moldura;

Ainda oiço a tua (15) voz:
*Era uma vez uma princesa
No meio do laranjal...*

Mas - tu (16) sabes (17) - a noite é enorme,
E todo o meu corpo cresceu.
Eu saí da moldura,
Dei às aves os meus olhos a beber.

Não me esqueci de nada, mãe.
Guardo a tua (18) voz dentro de mim.
E deixo as rosas. Boa noite. Eu vou com as aves.

5.2. Reescreva, agora, o mesmo texto, considerando que o sujeito poético é o jovem Carlitos da série portuguesa “Conta-me como foi”.

No mais fundo de si
Eu sei que a traí, mãe.

Tudo porque já não sou
O menino adormecido
No fundo dos seus olhos.

Tudo porque ignora
Que há leitões onde o frio não se demora
E noites rumorosas de águas matinais.

Por isso, às vezes, as palavras que lhe digo
São duras, mãe,
E o nosso amor é infeliz.
Tudo porque perdi as rosas brancas
Que apertava junto ao coração
No retrato da moldura.

Se soubesse como ainda amo as rosas,
Talvez não enchesse as horas de pesadelos.

Mas a mãe esqueceu muita coisa;
Esqueceu que as minhas pernas cresceram,
Que todo o meu corpo cresceu,
E até o meu coração
Ficou enorme, mãe!

- Olhe - quer ouvir-me? –
Às vezes ainda sou o menino
Que adormeceu nos seus olhos;

Ainda apertado contra o coração
Rosas tão brancas
Como as que tem na moldura;

Ainda oiço a sua voz:
Era uma vez uma princesa
No meio do laranjal...

Mas – a mãe sabe - a noite é enorme,
E todo o meu corpo cresceu.
Eu saí da moldura,
Dei às aves os meus olhos a beber.

Não me esqueci de nada, mãe.
Guardo a sua voz dentro de mim.
E deixo as rosas. Boa noite. Eu vou com as aves.

**CORREÇÃO DA PROPOSTA DE DIDATIZAÇÃO
PARA O NÍVEL C1**

1. Trabalho de grupo.

1.1. Leia o texto publicitário seguinte e identifique as formas de tratamento referidas.

«Se calhar tu ainda te achas nova, mas já está na altura de começares a poupar para a reforma. Não tarda nada, já estou a tratá-la por você. E nessa altura, o melhor é você já ter algum de parte. É a melhor maneira de prevenir que, quando a senhora começar a ser tratada por senhora, terá um nível de vida a que estava habituada quando era tratada por você ou por tu, minha senhora. No BES, há soluções de reforma que mudam contigo, aliás, consigo, perdão, com a senhora. Não é por acaso que somos líderes. Soluções de reforma BES. Quem sabe, sabe. E tu, você ou a senhora é que sabem.»

Resposta: As formas de tratamento identificadas são *tu, você, senhora, minha senhora e a senhora*.

1.2. Recrie, com os colegas do seu grupo, um diálogo onde utilizem essas formas de tratamento.

Cenário de resposta: recriar o diálogo da ceia de natal, onde (à partida) estariam presentes, por exemplo, diferentes gerações.

2. Leia o texto.

Morte aos doutores!

Segundo ouvi na rádio, não foram mencionados os títulos académicos dos novos ministros e secretários de Estado durante a tomada de posse do novo Governo. Tentei depois procurar confirmação na imprensa escrita, mas não vi qualquer menção a este facto.

5 *A ser verdade, é uma revolução. Por ter acontecido e por não ter sido notado, o que significa que pode estar em vias de normalização o tratamento igualitário e republicano pelo nome próprio.*

Ainda há semanas, na tomada de posse do penúltimo Governo, tive pena dos fugazes ministros e secretários de Estado cujos nomes foram precedidos, na leitura protocolar, por extensos professores e doutores e professores doutores engenheiros. Em vez de enobrecer os futuros governantes, a pompa e a titulação tornava-os ridículos. Demoraram mais tempo a ser empossados do que a conhecer os dossiers do ministério.

15 *A utilização excessiva de títulos académicos em Portugal é não só desnecessária como perniciosa. Remete para um tempo em que o título académico era raro e servia como forma de distinção para uma elite que, ao invés de puxar a maioria do país para cima, o empurrava para baixo. Com a democratização do ensino superior, essa mesma elite queixava-se até que havia “doutores a mais”, o que dificultava a tal distinção ao passo que nos ambientes profissionais o resto da população utilizava “doutores e engenheiros” como uma forma veladamente insultuosa de destratar os superiores hierárquicos todos por igual. A insistência nos títulos como forma de tratamento é servil, trabalhosa e repetitiva. É, além disso, uma marca de que se preza o estudo e o conhecimento não por si mesmos mas por todas as razões erradas.*

25 *Nunca nada recomendou este costume mas, com a generalização do acesso ao ensino superior, ele é simplesmente impossível de seguir. Talvez por isso, os títulos passaram agora a ser dispensados por comentadores e jornalistas através de critérios já não académicos, mas de geração, poder ou reverência, com ou sem intenção política, mas de forma cada vez mais arbitrária. Marcelo Rebelo de Sousa, que tem um doutoramento, é “o Professor Marcelo”. Mas António Sampaio da Nôvoa, que tem dois doutoramentos, é simplesmente “Sampaio da Nôvoa”. Há uns tempos fui a debates com Marinho Pinto e Joana Amaral Dias. Marinho Pinto, que é advogado, era tratado por “o Doutor Marinho e Pinto”. Joana Amaral Dias, psicóloga, era “a Joana”. Vamos simplesmente acabar com isto, e de uma vez por todas?*

O herói que teve “razão antes de tempo” nesta história foi o ex-Ministro da Economia do antepenúltimo Governo, Álvaro Santos Pereira, cuja insistência em ser tratado somente por “Álvaro” lhe valeu na altura uma risada geral. Como se se tratasse de um idiota um homem que queria, honra lhe seja feita, deixar bem claro que não era mais do que os outros.

35 *Já que esse bom exemplo não transitou do antepenúltimo Governo para o penúltimo, ao menos que o sinal dado pelo agora Governo na sua tomada de posse se torne regra e faça história também neste particular. Teremos assim a primeira ministra negra, a primeira secretária de Estado cega, o primeiro secretário de Estado cigano – e o primeiro Governo sem doutores.*

Rui Tavares in Público, 30/11/2015

2.1. A partir de uma análise mais cuidada do texto, reflita sobre o contributo do mesmo para uma caracterização da sociedade portuguesa atual. Apresente oralmente as suas conclusões à turma.

O aprendente deverá refletir criticamente sobre a tendência para um uso (e abuso) excessivo dos títulos académicos na sociedade portuguesa e explicar de que modo este aspeto se articula com a democratização do ensino superior.

- 2.2. Procure fazer uma análise comparativa entre as formas de tratamento abordadas no texto e as formas de tratamento da sua língua materna. Quais as principais diferenças e semelhanças?

Resposta livre.

3. Veja atentamente o excerto do programa “[Esmiúça os sufrágios](#)”, onde o apresentador (Ricardo Araújo Pereira) entrevista Joana Amaral Dias, uma deputada portuguesa.

- 3.1. Durante a entrevista, notou alguma assimetria relativamente ao uso das formas de tratamento?

Durante a visualização do excerto apresentado, verificamos vários exemplos de assimetria discursiva. De facto, Ricardo Araújo Pereira, o apresentador do programa, ao entrevistar Joana Amaral Dias, trata-a por “doutora”. Já ela, trata-o constantemente por “tu”. Esta assimetria não faz muito sentido se considerarmos que são ambos detentores de títulos académicos, pertencem a estratos sociais equivalentes e têm idades muito semelhantes.

4. Leia o seguinte texto.

Senhoras donas, por favor!

Cada país (cada língua, cada cultura) tem a sua maneira específica de se dirigir às pessoas. Mal passamos Vilar Formoso, logo toda a gente se trata por tu, que os espanhóis não são de etiquetas nem de salamaleques.

Mas nós não somos espanhóis.

- 5 *Também não somos mexicanos, que se tratam por "Licenciado" Fulano. Nem alinhamos com os brasileiros, para quem toda a gente é "Doutor", seguido do nome próprio: Doutor Pedro, Doutor António, Doutor Wanderlei, etc.*

Por cá, Doutor é seguido de apelido, e as mulheres, depois de passarem por aqueles brevíssimos segundos em que são tratadas por "Menina", passam de imediato - sejam casadas, solteiras, viúvas ou amigas, sejam velhas ou novas, gordas ou magras, feias ou bonitas, ricas ou pobres - à categoria de "Senhora Dona".

- 15 *Mas parece que uns estranhos ventos sopraram pelas cabeças das gerações mais novas que fizeram o "dona" ir pelos ares ou ficar no tinteiro. Quando recebo daqueles telefonemas que me querem impingir tudo o que se inventou à face da terra - desde "produtos" bancários que me garantem vida farta, até prémios que supostamente ganhei por coisas a que nunca concorri - sou logo tratada por "Senhora Alice." Respondo sempre: "trate-me por tu, se quiser; ou só pelo meu nome, se lhe apetecer; mas nunca por Senhora Alice".*

Mas o cérebro destes pobrezinhos não foi formatado para encontrar resposta a estas coisas, e exclamam logo: "ah, então não é a Senhora Alice que está ao telefone!"

Eu sei que isto não é uma coisa importante, mas que é que querem, irrita-me quando oiço este tratamento dado às mulheres.

Tal como me irrita quando vejo/oiço um jornalista tratar por você alguém com o dobro da idade dele.

25 *É uma questão de delicadeza. De respeito. E de saber falar português. Três coisas-admito-completamente fora de moda.*

Pois qual não é o meu espanto quando, aqui há dias, na televisão, oiço o Senhor Primeiro Ministro referir-se assim à mulher (também odeio a palavra "esposa"...) do Comendador Manuel Violas. "A Senhora Celeste..." (não sei se é este o nome da senhora, mas adiante).

Fico parva. Nos cursos todos que tirou, ninguém lhe ensinou que as senhoras são todas "Senhoras Donas"?

Parafraseando livremente o nosso Augusto Gil, "que quem trabalha num call-center nos faça sofrer tormentos... enfim! / Mas o Primeiro Ministro, Senhor? Por que nos dás esta dor? Por que padecemos assim?"

Alice Vieira in *Jornal de Notícias*, 28/09/2008

4.1. Aponte uma diferença entre o PE e o espanhol tendo por base as formas de tratamento utilizadas.

De acordo com o texto de Alice Vieira, os espanhóis, contrariamente aos portugueses, utilizam de forma bastante significativa a forma de tratamento "tu".

4.2. Explique a posição tomada pela autora relativamente à forma de tratamento "Senhora Dona".

A autora vê, com alguma incredulidade, o facto de a forma "Senhora Dona" estar a desaparecer no PE.

4.3. A autora identifica algumas formas de tratamento em PE que lhe causam alguma estranheza. Identifique-as.

Alice Vieira confessa causar-lhe alguma estranheza formas como "Senhora Alice" ou alguém tratar por "Você" uma pessoa mais velha. Segunda a autora, trata-se de uma questão de delicadeza e de respeito.

5. Leia o texto.

A maléfica conspiração das formas de tratamento do português

5 *Nas conversas de café, quando vem à baila o inevitável debate sobre o estado da nação, corre à boca pequena que um dos problemas de Portugal é não sabermos trabalhar em equipa. Não pretendendo descobrir o ovo de Colombo, arrisco que talvez a dificuldade não resida tanto na formação da equipa em si, mas mais na comunicação entre os seus membros. Parece que quando se convencionaram as formas de tratamento na língua portuguesa, alguém com más intenções conspirou para tornar impossível qualquer tipo de simplicidade prática no trato. E depois deu nisto. Com tantos pró-formas e salamaleques, perde-se tempo e forças a pensar como deverá tratar-se a pessoa que está ante nós, ao invés de nos debruçarmos em conjunto sobre os problemas.*

O próprio conceito de formas de tratamento constitui uma antítese daquilo que será o trabalho em equipa, que pressupõe uma certa igualdade entre os membros. Ora, essa igualdade é sabotada a partir do momento em que nos perdemos entre os «senhor doutor»,

15 «senhora engenheira», «senhor», «senhora dona», «dona» e o diabo a quatro. Tudo partindo do princípio que cada um sabe as regras implícitas. Caso não saiba ou caso esteja mais concentrado em executar tarefas do que em afagar egos, existirá sempre alguém que irá prontamente esclarecê-lo. Lamento pois dizê-lo, mas perante a análise empírica dos factos, não me resta senão concluir que podemos bater o punho quanto quisermos, enquanto não batermos o punho a esta pronominal confusão, continuaremos na nossa sociopatia muito pouco funcional.

25 Sociopatia, sim, que, nos dias que correm, a multiplicidade de formas de tratamento em que se desdobra a língua portuguesa não é nem sinal de riqueza de relações entre as pessoas nem sinal de riqueza linguística. É sinal de que algo vai tão mal entre nós que temos de erigir muros e barreiras disfarçados de pronomes e títulos académicos. De um lado, o condomínio fechado dos senhores doutores, do outro, o gueto dos senhores só, ponto final. Porque é que não podemos ser simplesmente «Ana», «Maria», «João»? Por que carga de água temos de ter algo antes de sermos algo? Ao darmos desmedida importância e destaque ao que importa pouco, vemos depois os figurões tristes dos que, para saírem do que sentem ser a pobreza franciscana do senhor só, arranjam cursos da Farinha Amparo para que possam ser doutores da mula ruça.

35 Mas a confusão não diminui quando passamos para a informalidade. O proverbial «você» anda à solta como se não houvesse amanhã. A confusão no seu uso já nasceu com o próprio. Derivado de um reverencial «Vossa Mercê», veio substituir um mal-amado «Vós» e a redundar naquilo que ouvimos hoje. Não é de espantar, por isso, que muitos pensem que chamar alguém de «você» é coisa boa. Por mim, podia perfeitamente ceder o seu lugar ao «tu» ou ao nome próprio. Não é que eu tenha alguma coisa contra as formas de tratamento do português. O que me incomoda é quando algo tão natural como a língua se torna uma coisa que concorre para a separação, ao invés de concorrer para a comunicação.

Não deixa de ser interessante e algo esquizofrénico que, numa sociedade que parece querer esmiuçar e diferenciar tanto os seus interlocutores, uma boa parte deles não conhece com clareza as regras para o uso correcto das formas de tratamento. Também, são tantas e tão complicadas, que ninguém poderá criticá-los. Se mesmo diferentes somos todos iguais, então há qualquer coisa aqui que não bate certo. Das duas uma, ou mentimos com quantos dentes temos na boca ou andamos a enganar-nos a nós próprios. A bem da nação, simplifique-se, pois, o trato e trate-se de encontrar o substrato.

Ana Bacalhau in *Diário de Notícias*, 27/07/2012

5.1. A partir de uma análise atenta do texto, apresente a definição que a autora propõe para *Formas de Tratamento* em Português.

Para a autora, as FT em PE são uma espécie de “antítese daquilo que será o trabalho em equipa”, pois a tal espera de igualdade entre os diferentes participantes é difícil de se encontrar.

5.2. Para a autora, as Formas de Tratamento em PE originam muitas vezes confusões e mal-entendidos. Concorda com esta afirmação. Justifique.

Resposta livre.

6. Leia o seguinte texto de Mário Dionísio (*O meu reino (se o tivesse) por um cavalo de pau*) e procure responder às perguntas de interpretação.

- 6.1. Identifique o narrador do texto.
O narrador do texto é um ex-emigrante.
- 6.2. Qual a posição do narrador relativamente às formas de tratamento do Português Europeu? Justifique com frases do texto.
O narrador considera que, “nesta terrinha”, os portugueses, no seu dia a dia, insistem em utilizar FT há muito ultrapassadas. De acordo com o narrador, trata-se, pelo seu vasto leque de hipóteses, de um conjunto complexo, capaz de suscitar vários problemas e dúvidas. Será por esse motivo que ele afirma: «Só nós – pobre de nós!, ruminando ou escoicinhando, salvo seja, nesta terrinha esguia entre a Europa e o mar -, nos agarramos a uma ensarilhada gama de fórmulas obsoletas, ou que assim me parecem, no nosso convívio diário. Gama tão subtil e caprichosa que nem sempre nós próprios sabemos qual escolher.»
- 6.3. Qual o motivo para a vendedeira (senhora Josefa) não poder ser tratada por *Dona Josefa* ou *Senhora Dona Josefa*?
Segundo o narrador, não se deve tratar a vendedeira por *Dona Josefa*, pois essa forma de tratamento implicaria uma (modesta) prova de distinção, a qual, pelo seu estatuto social, não lhe corresponde.
- 6.4. Contrariamente ao que seria previsível, há uma forma de tratamento que, de acordo com o narrador, está a ganhar cada vez mais importância junto dos falantes portugueses. Identifique-a.
A forma de tratamento *Dona*, está a ganhar cada vez mais importância («Mas, ao contrário do que seria de esperar de tal evolução, embora muito lenta, o “Dona”, por exemplo, está mais vivo e viçoso do que nunca»).
- 6.5. Muitas vezes, essa forma de tratamento traz consigo alguma ironia. Imagine um exemplo.
Por exemplo, numa situação em que o locutário é um dos progenitores e o alocutário é uma criança: “Dona Alexandra, onde é que pensa que vai?!”, “Arrumar os brinquedos imediatamente, Dona Clara!”
- 6.6. De acordo com o texto, esclareça o uso de *esposa*, *mulher* e *sua senhora*.
Esta gradação não é de fácil explicação. De acordo com o autor, só utilizamos “esposa” em níveis sociais elevados, em circunstâncias mais cerimoniosas. Caso contrário, a sua utilização torna-se normalmente ridícula.
Quanto a “mulher”, é a que apresenta um uso mais frequente, sobretudo entre os falantes da classe média. No entanto, nas classes baixas, o narrador refere que o seu uso pode provocar mal-estar, pelo que será preferível utilizar “senhora” («O pedreiro, lançado na aventura de subir a construtor e tão recentemente que ainda trabalhava com os operários, às vezes mais que eles, já não tinha «mulher», tinha «senhora.»»).
- 6.7. O narrador refere um diálogo ocorrido numa embaixada. Concorda tratar-se de um diálogo com marcas de deferência? Justifique com elementos textuais.
Efetivamente, a deferência deixa marcas não apenas nas formas de tratamento que utilizamos, mas também nos correlatos.

A título de exemplo: «-Foi a Roma por uns dias. Mas tem-me falado tanto de si, o meu marido que resolvi apresentar-me. Desejava há muito conhecê-lo.»

- 6.8. Atente na frase: “Quem não quer ser «doutor», ainda que só «dr.» - vantagens do código oral sobre o código escrito?”. Justifique.
Em Portugal, há uma diferença entre “Dr.” e “Doutor”. Esta diferença, por motivos óbvios, só é esclarecida pelo código escrito. Assim, “Dr.” são todos aqueles que possuem uma licenciatura, trata-se, portanto, de um título; já “Doutor” são apenas aqueles que possuem o grau de Doutor.
- 6.9. Qual é a forma de tratamento que parece ser capaz de abrir muitas portas, facilitando coisas, diminuindo ou aumentando prazos? Dê alguns exemplos dessa “benesse”.
O narrador sugere que existe uma forma de tratamento utilizada como forma de adulação. Trata-se de “senhor doutor” ou “senhor engenheiro”.

7. Expressão oral: observe o [vídeo](#) seguinte. De que maneira ele está relacionado com o texto de Mário Dionísio?

Mário Dionísio, no seu texto, apresenta a sociedade portuguesa como uma sociedade fortemente estratificada, onde todos os clientes são tratados por “doutores” ou “engenheiros”. No entanto, essa estratificação social não ocorre apenas em situações de assimetria discursiva. De facto, e como é caricaturado no vídeo apresentado, estas formas de deferência são igualmente privilegiadas em situações de simetria discursiva como sinal de respeito, de deferência.

8. Depois de ler o texto de Miguel Esteves Cardoso ([As cartas portuguesas](#)), escreva uma carta ao Diretor da sua faculdade. Nessa carta, deve apresentar uma reflexão crítica sobre o funcionamento do seu curso (180-210 palavras).

Resposta livre